



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



RONALDO ALVES RIBEIRO DOS SANTOS

**“JUVENTUDE EM FÚRIA”: REPRESENTAÇÕES, TENSÕES E
POLÍTICA NO GOVERNO REAGAN**

**Rondonópolis
2017**

RONALDO ALVES RIBEIRO DOS SANTOS

**“JUVENTUDE EM FÚRIA”: REPRESENTAÇÕES, TENSÕES E
POLÍTICA NO GOVERNO REAGAN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa Cultura, Linguagens e Construção do Conhecimento: perspectivas histórica e contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Vilas-Bôas Trovão

**Rondonópolis
2017**

DADOS DE CATALOGAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

A474j	SANTOS, Ronaldo Alves Ribeiro dos. "Juventude em Fúria": Representações, tensões e política no governo Reagan / Ronaldo Alves Ribeiro dos Santos. -- 2017 127 f. : il. color. ; 30 cm. Orientador: Flávio Vilas-Bôas Trovão. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2017. Inclui bibliografia. 1. Estados Unidos. 2. Cinema. 3. Juventude. I. Título.
-------	---

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Rod. Rondonópolis – Guiratinga, km 06 MT-270 – Campus Universitário de
Rondonópolis Tel: (66) 3410-4035 – E-mail: ppgedu@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

**“JUVENTUDE EM FÚRIA”: REPRESENTAÇÕES, TENSÕES E
POLÍTICA NO GOVERNO REAGAN**

AUTOR: RONALDO ALVES RIBEIRO DOS SANTOS

Dissertação defendida e aprovada em 31 de março de 2017.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca Doutor **Flávio Vilas-Bôas Trovão**
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinadora Externa Doutor **Gabriel Passetti**
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Examinadora Interna Doutor **Leonardo Lemos de Souza**
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Suplente Doutora **Carmem Lúcia Sussel Mariano**
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Rondonópolis, 31 de março de 2017.

À minha mãe, Valdinete Alves Ribeiro dos Santos, por resistir às dores provocadas pela existência de um modelo econômico perverso.

Ao meu pai, Gessivaldo Ribeiro dos Santos, que não diferente dos outros, levou-nos, muitas vezes, a migrar devido à procura de trabalho e de uma vida melhor. Ainda hoje, mas agora sem nós, vaga de um canto ao outro deste imenso país.

Aos meus irmãos, Ricardo, Revian e Ruan, jovens brasileiros pobres que têm suas trajetórias de vida narradas nas experiências dos personagens Mick e Paco.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, *Valdinete Alves Ribeiro dos Santos*, por nunca ter desistido da vida mesmo diante tantas dificuldades e sofrimento. Ao meu pai, *Gessivaldo Ribeiro dos Santos* que a cada ano, apesar das dificuldades, sempre nos possibilitou permanecer na escola. Aos meus irmãos, *Ricardo Alves Ribeiro dos Santos*, *Revian Ribeiro dos Santos* e *Ruan Ribeiro dos Santos*, por compreenderem a minha ausência durante tanto tempo. Ao meu avô, *Valmir dos Santos* e à minha avó, *Maridete Alves dos Santos*, pessoas simples e humildes que veem nos estudos uma ponte para uma vida melhor. À minha tia, *Fátima Alves*, por ter me acolhido em sua casa desde a graduação em História. Aos meus primos, *Leonardo Alves* e *Lucas Alves*, vocês também são meus irmãos.

Ao professor *Flávio Vilas-Bôas Trovão*, pela delicadeza, pela disponibilidade, pela sua generosidade, solidariedade e amizade. Ao senhor minha admiração e respeito sempre devido ao seu trabalho e à sua intelectualidade.

À professora *Thaís Leão Vieira*, pela sua competência, intelectualidade; por ter contribuído muito grandemente com minha formação acadêmica no curso de Licenciatura Plena em História e com a constituição da minha trajetória na pesquisa científica.

À professora *Maria Elsa Markus*, de quem ouvi pela primeira vez, na universidade, as palavras: generosidade, fraternidade e solidariedade. Agradeço por ter dado mais sentido à minha existência dentro deste espaço.

Ao professor *Ivanildo José Ferreira*, pela sua ética, intelectualidade e generosidade.

Às minhas amigas: *Fernanda Aparecida*, *Simone Gentil* e *Elenita Natiele*, pela amizade e pelos momentos de descontração que me proporcionam manter a sanidade mental.

Ao meu companheiro, *Ed*, agradeço por partilhar a vida e o sorriso comigo.

Aos meus amigos do mestrado, em especial, à *Rayany Mayara Dal Prá* e ao *Danilo Flávio Stefani Neto*, pela companhia durante a caminhada.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, em especial, à professora *Raquel Gonçalves Salgado* e ao professor *Leonardo Lemos de Souza*, por fomentarem pesquisas sobre os estudos de gênero e educação, discussões “urgentes e necessárias” para a consolidação de práticas mais humanas e democráticas na sociedade brasileira.

Às professoras *Raquel Gonçalves Salgado* e *Carmem Lúcia Sussel Mariano*, pelos diálogos iniciais que formataram a pesquisa. Ao professor *Gabriel Passetti* (UFF) e *Leonardo Lemos* que contribuíram com este texto final.

Os milhares de sem teto, sem terra, sem emprego que, por suas miseráveis existências, denunciam e põem em risco a “segurança” de um perverso modelo econômico. Um país onde, a todo o momento, se apela para as competentes produções que, desde o século XIX, vêm fortemente construindo a periculosidade de seus pobres através da sua criminalização. Um país onde, em nome da manutenção, integridade e segurança de sua sociedade, as pessoas são levadas a aplaudir, não só o silenciamento e a guetificação desses segmentos considerados perigosos, mas também a sua eliminação e extermínio através do fortalecimento e ampliação de políticas de segurança pública militarizadas que apelam para a lei, a ordem, a repressão e para a pena de morte, mesmo que oficiosamente.

Cecília Maria Bouças Coimbra

SANTOS, RONALDO ALVES RIBEIRO DOS. “*Juventude em Fúria*”: representações, tensões e política no governo Reagan. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2017.

RESUMO

No mundo contemporâneo as imagens desempenham um papel fundamental no processo de educabilidade. Expostas em todos os lugares e de formas diversas, cada vez mais os espectadores interagem com as imagens e passam a ter seu olhar educado através delas. Dentre a diversidade imagética que participa ativamente da construção das identidades sociais dos homens e mulheres no tempo, o cinema tem tido um papel singular. A presente dissertação intitulada “*Juventude em Fúria*: representações, tensões e política no governo Reagan” vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, (PPGEdu/CUR/UFMT), linha de pesquisa Linguagens, Cultura e Construção do Conhecimento: perspectiva histórica e contemporânea, tem como principal objetivo investigar os pontos de diálogo, tensões e conflitos instaurados pelo filme *Juventude em Fúria: um mundo de violência*, produção hollywoodiana dos anos 1980, como representação da realidade com as políticas implantadas para imigração e privatização dos presídios nos Estados Unidos durante os anos da presidência de Ronald Reagan. Nesse contexto histórico de expansão do neoliberalismo, damos especial destaque para as análises a respeito das juventudes da época representadas no filme. Utilizamos como metodologia os pressupostos de Douglas Kellner (2001) a partir da vertente da Escola Britânica de Estudos Culturais, onde se procura compreender os elementos formadores da “cultura da mídia” e seus contextos históricos de produção. A cultura da mídia pode ser entendida como o lugar de disputa de poderes que criam e recriam as condições de transmissão e interpretação de mensagens, dominação e resistência cultural, social e política. O trabalho está organizado sobre as seguintes reflexões: a compreensão construída pela mídia sobre a juventude enquanto “problema social” e sua desconstrução crítica em prol de uma concepção sociologicamente construída; a análise do contexto histórico de produção do filme *Juventude em Fúria: Um mundo de violência* (1983) para estabelecermos o diálogo entre a representação do mundo *diegético* e as experiências políticas e sociais vivenciadas pelos jovens imigrantes nos Estados Unidos na época; o tensionamento das representações dos latino-americanos como povos subversivos presentes no filme e a política estadunidense conhecida como “Guerra às Drogas”; a análise da representação dos personagens católicos como um grupo avesso aos valores protestantes presentes no contexto histórico estadunidense; a problematização das representações *diegéticas* a respeito das instituições correccionais através da análise da emergência do Estado penal e da privatização dos presídios públicos. Nas considerações finais, apontamos aspectos de convergência do processo histórico e político brasileiro recente com a instauração do projeto político conservador estadunidense dos anos 80. Concluimos que propostas políticas, econômicas e sociais reacionárias continuam sendo produzidas e transmitidas por meio de imagens que participam ativamente do processo de construção das identidades sociais dos sujeitos que se relacionam com essas representações. Reafirmamos a necessidade de problematizarmos tais representações e imagens no campo da educação, com vias a promover pautas democráticas que atuem no processo de construção social dos homens e mulheres contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Cinema, Estados Unidos.

SANTOS, RONALDO ALVES RIBEIRO DOS. "Bad Boys": representations, tensions and politics in government Reagan. Master's Dissertation presented at the Postgraduate Program in Education of the Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2017.

ABSTRACT

In the contemporary world images play a fundamental role in the process of educability. Exposed everywhere and in different ways, increasingly, the spectators interact with the images and begin to have their educated look through them. Among the imagistic diversity that participates actively in the construction of the social identities of men and women in history, cinema has played a unique role. This dissertation entitled "Bad Boys: representations, tensions and politics in government Reagan" linked to the Postgraduate Program in Education, (PPGEdu/CUR/UFMT), line of Research Languages, Culture and Knowledge Construction: historical perspective and contemporary, has as main objective to investigate the points of dialogue, tensions and conflicts initiated by the movie Bad Boys, Hollywood production of the 1980s, as a representation of reality and policies implemented for immigration and privatization of prisons in the United States during the years of Ronald Reagan's presidency. In this historical context of expansion of neoliberalism, we give special emphasis to the analyses regarding the youths of the time represented in the film. We use as methodology the presuppositions of Douglas Kellner (2001) from the aspect of the British School of Cultural Studies, which seeks to understand the formative elements of the "media culture" and its historical contexts of production. The media culture can be understood as the place of dispute of powers that create and recreate the conditions of transmission and interpretation of messages, domination and cultural, social and political resistance. The work is organized on the following reflections: the understanding built by the media on youth while "social problem" and its critical deconstruction in favor of a sociologically constructed conception; the analysis of the historical context of the production of the film Bad Boys (1983) to establish the dialogue between the representation of the diegetic world and the political and social experiences by young immigrants in the United States at the time; the tensioning of the representations of Latin Americans as subversive peoples present in the film and the North American policy known as "war on drugs"; the analysis of the representation of the Catholic characters as a group averse to the Protestant values present in the historical context of the United States; the problematization of diegetic representations regarding correctional institutions through the analysis of the emergence of the criminal state and the privatization of public prisons. In the final considerations, we point out aspects of convergence of the recent Brazilian historical and political process with the establishment of the conservative North American political project of the 1980s. We conclude that policy proposals, economic, and social reactionary continue to be produced and transmitted through images that actively participate in the process of building the social identities of the subjects that relate to these representations. We reaffirm the need of discuss such representations and images in the field of education, with ways to promote democratic guidelines that act in the process of social construction of contemporary men and women.

Keywords: Youth, Cinema, United States.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Cartaz do filme <i>Bad Boys</i>	28
Figura 02 – Colúmbia.....	58
Figura 03 - Capa do filme <i>Juventude em Fúria: Um mundo de violência</i> , lançado no Brasil.....	74
Figura 04 - O submundo do imigrante.....	77
Figura 05 - O mundo do cidadão estadunidense.....	77
Figura 06 - Símbolos revolucionários nas paredes do esconderijo de Paco.....	83
Figura 07 - Chicanos, mexicanos, porto-riquenhos.....	84
Figura 08 - Representação do movimento muralista.....	84
Figura 09 - Mãe de Mick representada como uma prostituta que apresenta degeneração social...88	
Figura 10 - Pedido da mãe ao filho para abaixar o som.....	88
Figura 11 - Mick aumenta o som como resposta ao pedido da mãe.....	88
Figura 12 e 13 - Apresentação da família de Paco Moreno, o imigrante latino americano.....	89
Figura 14 - Pai de Paco no bar jogando cartas e bebendo.....	90
Figura 15 - Paco diz ao pai que não quer um trabalho.....	90
Figura 16 - Mick e o jovem negro sendo enviados à instituição correcional.....	103
Figura 17 - Sr. Daniels, discurso que coincide com os midiáticos.....	105
Figura 18 - Fumar 400 pontos.....	107
Figura 19 - Jovens fumando tranquilamente.....	107
Figura 20 - Piolin deixa a instituição correcional para menores infratores.....	108
Figuras 21, 22 e 23 - Penitenciária Estadual de Illinois.....	109
Figura 24 - Horowitz entregando as cartas.....	112
Figura 25 - O moralismo do Sr. Daniels.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – A INVENÇÃO DA JUVENTUDE COMO “PROBLEMA SOCIAL”	24
1.1A JUVENTUDE COMO “PROBLEMA SOCIAL” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A JUVENTUDE COMO UMA CATEGORIA DE ANÁLISE SOCIAL	26
1.2 UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA DADA PODE CRIAR NOVAS POSSIBILIDADES.	42
CAPÍTULO 2 – POLÍTICA E IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS DURANTE A ERA REAGAN.....	49
2.1 A ASCENSÃO DA NOVA DIREITA E DE RONALD REAGAN NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 1980	50
2.2 O MITO FUNDACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS E OS IMIGRANTES	57
2.4 DISSIDÊNCIAS ACERCA DA PRESENÇA DOS IMIGRANTES NOS ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XX.....	65
CAPÍTULO III - MICK E PACO “DENTRO DA SOCIEDADE”: IMIGRANTES EM “JUVENTUDE EM FÚRIA” E NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 80	70
3.1 O CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO FILME “JUVENTUDE EM FÚRIA” E A PRODUÇÃO DE “DELINQUENTES JUVENIS”	73
3.2 ILUMINAÇÃO: CLARO/ESCURO COMO TÉCNICA DE DEMARCAR OS LUGARES SOCIAIS.....	76
3.3 A POLÍTICA DE GUERRAS ÀS DROGAS E O IMIGRANTE COMO PRINCIPAL AGENTE CRIMINOSO.....	79
3.4 O SUBMUNDO DOS JOVENS IMIGRANTES: “VALORES IMORAIS”	86
3.4.1 JOVENS, IMIGRANTES, POBRES E CATÓLICOS: “VALORES PERNICIOSOS”	87
CAPÍTULO 4 - MICK E PACO “FORA DA SOCIEDADE”: A EMERGÊNCIA DO ESTADO PENAL	99
4.1- A PRIVATIZAÇÃO DOS PRESÍDIOS NO FILME E NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 80 COMO FORMA DE GARANTIR A (IN)SEGURANÇA SOCIAL.	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	122
CRÍTICAS CINEMATOGRAFICAS.....	127

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo as imagens desempenham um papel fundamental no processo de educabilidade. Expostas em todos os lugares e de formas diversas, cada vez mais os espectadores interagem com as imagens e passam a ter o olhar educado através delas. Dentre a diversidade imagética que participa ativamente da construção das identidades sociais dos homens e mulheres na história, o cinema tem desempenhado um papel singular nesse processo.

A primeira exibição pública de cinema ocorreu em 28 de dezembro de 1895, em Paris, “com a exibição de alguns trechos curtos, filmados com câmera parada, em preto e branco e sem som” (BERNARDET, 1985, p.12). Com pouco mais de um século de história, o cinema se tornou uma das principais artes a que se tem acesso facilmente, sendo conhecida pelo seu potencial de construir representações sobre o mundo¹. Diante disso, o filme emerge como um texto midiático que possibilita a análise qualitativa a partir do diálogo com o campo dos estudos culturais que, de acordo com Escosteguy (1998, p. 88)), “é um campo de estudo onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea”.

Sobre a cultura contemporânea, afirma Stuart Hall que (1997, p. 100) afirma que, “ela não é componente subordinado, ela é constitutiva das nossas formas de ser, de viver, de compreender e de explicar o mundo”. De acordo com, a partir do que afirma Cecília Coimbra; Maria Livia Nascimento (2008, p. 07) “no contemporâneo, o marketing, os meios de comunicação de massa passam também a ser instrumentos de controle social, especialmente através de modos de ser, viver e existir”.

Portanto, pensando as representações que circulam nessas mídias e nas quais se operam relações de poder, podemos afirmar que nessas manifestações culturais onde se materializam “formas de ser, viver e existir”, também circulam discursos pedagógicos. Nesse aspecto os textos midiáticos, em geral, são compreendidos como pedagogia cultural, ou ainda, aceitamos a ideia de que a educação se dá em outros espaços para além da escola. Segundo Giroux (1990, p. 95) “os estudos culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como local tradicional da aprendizagem”. Assim, podemos afirmar que a educação não é restrita somente

¹ Para além do seu status de arte, vale ressaltar o caráter de mercadoria que também passou a dominar o cinema e a potencializá-lo como arte disseminadora de ideologias de mercado e, portanto, como sugere Douglas Kellner (2001), como um “terreno de disputas”, uma vez que as representações construídas pela arte cinematográfica têm papel importante porque possuem pontos de diálogos, tensões e conflitos com o momento histórico de produção do filme.

ao espaço tradicional da escola, pois “em qualquer sociedade há inúmeros mecanismos educativos presentes em diferentes instâncias socioculturais” (SADERLICH, 2006, p. 459).

Sobre essas representações expostas na cultura contemporânea, Costa; Silveira; Sommer (2003) argumentam que “é na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos sociais mais poderosos (2003, p. 38). Assim, os textos culturais produzem representações sobre as disputas travadas na sociedade que o produziu e sobre grupos sociais diversos com interesses antagônicos.

Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou músicas de um grupo de rock, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p. 38).

Na mesma linha de pensamento, Douglas Kellner (2001) chama a atenção para a existência de uma “cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana” (KELLNER, 2001, p. 09). O autor observara que, desde os anos 1960, o mundo passou por uma série de transformações na cultura e na sociedade, pois diversos movimentos emergiram nos Estados Unidos lutando pela conquista de direitos civis e sociais. Nesse ínterim, a proposta de resgatar a cultura do mundo oriental em oposição ao avanço do capitalismo no Ocidente se fez latente construindo assim uma proposta de “novas contraculturas e de formas alternativas de vida” para a sociedade ocidental (IBIDEM, p. 25). As tensões vividas pelos mais diversos grupos sociais (*hippies*, homossexuais, imigrantes, mulheres e negros) são representadas nos textos culturais (filmes, imagens, fotografias, músicas) produzidos no contexto dos anos 60, 70 e 80, portanto, a análise da linguagem cinematográfica possibilita a pesquisa sócio-histórica e a discussão de como a mesma produz um discurso sobre a sociedade.

O filme *Bad Boys*², lançado em 25 de março de 1983³ foi dirigido por Richard Rosenthal, produzido por Robert H. Solo e escrito por Richard Di Lello. O diretor Rick Rosenthal nasceu em 15 de junho de 1949, em Nova York, nos Estados Unidos, entre os filmes dirigidos de maior

² Utilizaremos no decorrer do texto o título que estreou no Brasil e em Portugal “*Juventude em Fúria: Um mundo de violência* (1983).

³ O filme foi filmado em 1982, mas lançado apenas em 1983.

repercussão, podemos mencionar: *Halloween II: O pesadelo continua* (1981); *Juventude em Fúria* (1983) e *Halloween – Ressureição* (2002). Sobre o diretor do filme, Roger Ebert destacou “a direção, por Richard Rosenthal, é segura, confiante e fluída; estamos nas mãos de um bom diretor, mesmo que ele tenha feito “Halloween II”⁴. Já Janet Maslin (1983) argumentou que “embora “Bad Boys”, que se abre hoje no Loew’s New York Twin, foi dirigido por Richard (“Halloween II”) Rosenthal com um jeito manipulador astuto, eventualmente torna-se nada, mas feio e sustenta a qualidade para o fim amargo”⁵.

A película custou um orçamento de \$ 5 milhões de dólares, arrecadando uma bilheteria que totalizou \$ 9.1 milhões de dólares, sendo que este foi distribuído pela *EMI Films – Empresa Solofilm* e recebeu a classificação indicativa de faixa etária de não indicado para menores de 18 anos. Fizeram parte do elenco, Sean Penn, Reni Santoni, Jim Moody e Esai Morales. Na primeira semana de exibição, 27 de março de 1983, o filme faturou \$ 2.171. 197 (USA) somente nos Estados Unidos, sendo que em menos de um mês de exibição conseguiu arrecadar aproximadamente \$ 9.2 milhões de dólares no país. Sobre o filme, o crítico Roger Ebert destacou que “a primeira hora do filme é tão boa que assusta; Penn e Morales e os coadjuvantes são totalmente convincentes [...]”⁶.

O astro do cinema americano, Sean Penn, atualmente é conhecido por atuações em filmes que envolvem drogas, crimes, armas e violência, como, por exemplo, nas seguintes atuações: *Juventude em Fúria* (1983), *At Close Range* (1986), *Colors* (1988), *We’re no Angels* (1989), *The Assassination of the Richard Nixon* (2004), entre outros. Dentre estes filmes, destacamos *Colors* (1988)⁷ que foi dirigido por Denis Hopper, a película é um drama policial americano, mais especificamente sobre algumas gangues de ruas e a necessidade de contê-las, assim, Sean Penn é

⁴ Tradução livre de “The direction, by Richard Rosenthal, is sure-footed, confident and fluid; we are in the hands of a fine director, even if he did make “Halloween II.”

⁵ Tradução livre de: “Though “Bad Boys,” which opens today at Loew’s New York Twin, has been directed by Richard (“Halloween II”) Rosenthal with a shrewdly manipulative flair, it eventually becomes nothing but ugly and sustains that quality to the bitter end”.

⁶ Tradução livre de “The first hour of this movie is so good it’s scary; Penn and Morales and the supporting actors are completely convincing [...]”.

⁷ A polícia e o gabinete do xerife do município de Los Angeles possuem uma divisão para enfrentar os crimes de gangues. Esta divisão da polícia é chamada C.R.A.S.H. (*Community Resources Against Street Hoodlums* - Esforços Comunitários Contra os Arruaceiros das Ruas) e a divisão do xerife é chamada de O.S.S. (*Operation Safe Streets* - Operação Ruas Seguras). Os dois departamentos combinados têm um total de 250 integrantes e este é um número bem pequeno, pois na grande Los Angeles existem 600 gangues de rua, que têm quase 70 mil membros, o que provoca centenas de crimes por ano. Neste contexto, um novato, Danny McGavin (Sean Penn), e um policial veterano, Bob Hodges (Robert Duvall), viram parceiros na C.R.A.S.H. Eles têm um estilo bem diferente de policiar as ruas, mas independente disto algo precisa ser feito, pois os *Crips*, que usam azul, e os *Bloods*, que usam vermelho, as duas principais gangues locais, intensificaram a rivalidade e isto está provocando várias mortes.

o policial que atua para isso. A questão que merece ser pontuada acerca deste filme é que o mesmo também foi produzido por Robert H. Solo, escrito por Richard Di Lello e estrelado por Sean Penn, ou ainda, é um filme muito próximo em espaço de tempo e história diegética com o *Juventude em Fúria*. Desse modo, podemos sinalizar uma possível intertextualidade entre estes dois textos culturais.

A partir das discussões sobre a relação entre educação, cinema e história, a análise fílmica foi direcionada para compreender questões presentes na realidade *diegética* tensionados com as disputas que estavam em andamento entre grupos sociais diversos dentro de um programa de governo com políticas públicas e econômicas reacionárias e neoliberais para grupos sociais pobres, concluindo, assim, a queda do Estado de bem-estar social (*workfare*) e a emergência do Estado penal (*prisonfare*) para conter a insegurança social ocasionada pela doutrina econômica, como aponta Janet Maslin (1983) “para todos os jovens ruins de qualquer determinada minoria, há uma prisão correspondente legal oficial. E tais elementos básicos da sordidez na prisão, como lutas internas raciais e estupros homossexual, são relativamente suaves”.

Ainda sobre a imagem construída pelo filme das “gangues de rua”, Ebert (1983) escrevera “e “Bad Boys” é o primeiro filme que eu vi em que as gangues de rua não são glamourizadas (“*West Side Story*”), estilizadas (“*The Warriors*”) ou romantizadas (*The Wanderers*). Acreditamos, assistindo Bad Boys, que estamos observando uma aproximação da coisa real”⁸. Em contraposição a estas afirmações, podemos questionar tal qual fizeram Cecília Coimbra e Maria Lívia Nascimento “a produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa? É preciso questionarmos as representações presentes no filme em análise, demonstrando que estas características de jovens imigrantes pobres como perigosos e, portanto, dignos da instituição correcional, não fazem parte de suas naturezas, portanto, não são elas inquestionáveis.

O crítico de cinema Roger Ebert¹¹ (1983) comenta sobre o lugar que os jovens Mick e Paco¹², (personagens centrais) ocupam na representação fílmica: “as estrelas de cinema Sean Penn

⁸ [...] and “Bad Boys” is the first movie I’ve seen in which the street gangs are not glamorized (“West Side Story”), stylized (“The Warriors”) or romanticized (“The Wanderers”). We believe, watching “Bad Boys,” that we are observing an approximation of the real thing.

¹¹ Roger Ebert foi um crítico de cinema e roteirista norte-americano.

¹² Paco é um jovem “porto-riquenho” que mora em uma comunidade latino-americana dos Estados Unidos, por isso, subentendemos, como fica evidente em um frame do filme, que porto-riquenhos, *chicanos*, latinos estavam todos sendo combatidos de alguma forma. Por isso, não concordamos com a “ficção” de que Porto Rico por ser um país associado dos Estados Unidos, o representa.

como Mick O'Brien, um adolescente irlandês-americano do bairro de Bridgeport e Esai Morales como Paco, um latino do distrito de Pilsen" (EBERT, 1983)¹³. O crítico destaca que "*Bad Boys* conta a história de algumas crianças de gangues de rua de Chicago que se metem em problemas, são enviadas para uma instituição correcional juvenil e se metem em mais problemas quando estão lá dentro" (IBIDEM)¹⁴.

O filme descreve a história do imigrante irlandês Mick O'Brien (Sean Penn) um "delinquente juvenil" enviado a um reformatório pelo assassinato de um outro jovem, irmão de Paco Moreno (vivido por Esai Morales), membro da comunidade latina e de uma famosa gangue de rua. A trama do filme gira em torno dessas duas personagens imigrantes que, após a morte do irmão mais novo de Moreno, precisam fazer um acerto de contas. Enquanto membros de "gangues", o filme retrata uma experiência de delinquência juvenil nos anos 80 nos Estados Unidos.

O crítico de cinema Roger Ebert¹⁵ (1983) comenta sobre o lugar que os jovens Mick e Paco¹⁶, (personagens centrais) ocupam na representação fílmica "as estrelas de cinema Sean Penn como Mick O'Brien, um adolescente irlandês-americano do bairro de Bridgeport e Esai Morales como Paco, um latino do distrito de Pilsen" (EBERT, 1983)¹⁷. O crítico destaca que "*Bad Boys* conta a história de algumas crianças de gangues de rua de Chicago que se metem em problemas, são enviadas para uma instituição correcional juvenil e se metem em mais problemas quando estão lá dentro" (Ibidem)¹⁸.

Diante disso, a presente pesquisa investiga as representações da juventude imigrante no filme *Bad Boys* (1983), cujo título no Brasil é *Juventude em Fúria: Um mundo de violência*¹⁹.

¹³ Tradução livre de "The movie stars Sean Penn as Mick O'Brien, a teenage Irish-American hood from the Bridgeport neighborhood, and Esai Morales as Paco, a Latino hood from the Pilsen district".

¹⁴ Tradução livre de: "Bad Boys" tells the story of some tough Chicago street gang kids who get in a lot of trouble, get sent to a juvenile correctional institution and get in a lot more trouble once they're inside".

¹⁵ Roger Ebert foi um crítico de cinema e roteirista norte-americano.

¹⁶ Paco é um jovem "porto-riquenho" que mora em uma comunidade latino-americana dos Estados Unidos, por isso, subentendemos, como fica evidente em um frame do filme, que porto-riquenhos, *chicanos*, latinos estavam todos sendo combatidos de alguma forma. Por isso, não concordamos com a "ficção" de que Porto Rico por ser um país associado dos Estados Unidos, o representa.

¹⁷ Tradução livre de "The movie stars Sean Penn as Mick O'Brien, a teenage Irish-American hood from the Bridgeport neighborhood, and Esai Morales as Paco, a Latino hood from the Pilsen district".

¹⁸ Tradução livre de: "Bad Boys" tells the story of some tough Chicago street gang kids who get in a lot of trouble, get sent to a juvenile correctional institution and get in a lot more trouble once they're inside".

¹⁹ Utilizaremos no decorrer do texto o nome com o qual o filme estreou no Brasil "Juventude em Fúria: Um mundo de violência".

Focaremos, contudo, na representação construída pela experiência *diegética* (ou seja, do ponto de vista da história narrada na película e seu universo) tendo como ponto de articulação o contexto de produção do filme, a saber, a história dos Estados Unidos nos anos de 1980.²⁰

O objetivo geral desta pesquisa é discutir os pontos de diálogo, tensões e conflitos instaurados pelo filme como representação da realidade, com as políticas implantadas nos Estados Unidos na década de 80, durante o governo Reagan, no contexto da expansão do neoliberalismo. Para tanto, consideramos importante: 1) refletir sobre a representação de juventude como “problema social” construída pela mídia, para problematizá-la em prol de uma concepção sociologicamente “construída” (PAIS, 1990); 2) compreender o contexto de produção do filme *Juventude em Fúria: Um mundo de violência* (1983) para estabelecermos o diálogo entre a representação do mundo *diegético* com as experiências políticas e sociais vivenciadas pelos grupos sociais na época (imigrantes, mulheres e negros). Portanto, propomos interpretar criticamente a cultura da mídia, bem como a sociedade estadunidense dos anos 1980, para lermos as representações que advêm do filme. Em outras palavras, é necessário “especificar que disputas estão em andamento, entre que grupos e que posições, havendo uma intervenção do analista cultural para explicitar o que é visto como lado mais progressista” (KELLNER, 2001, p. 133).

Sabemos a juventude é vista historicamente como “problema social” (PAIS, 1990), porém o filme *Juventude em Fúria* elenca uma juventude em particular para construir representações de um “problema social”. Pensando o filme em seu contexto de produção, perguntamos as razões de a indústria cinematográfica estadunidense produzir filmes nos anos 80 que tomam a juventude imigrante como um “problema social”, ou ainda, os jovens imigrantes nas ruas como delinquentes e membros de gangues.²¹ Além disso, essas tramas cinematográficas tendem a traçar o destino final dessa juventude: as instituições correcionais para “menores infratores”. Outras problemáticas como as representações de gênero (as performances dos corpos femininos e masculinos); a chegada das drogas químicas e seu mercado nos Estados Unidos representado pelos imigrantes enquanto

²⁰ Além do mais, “analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história. E, se consideramos o cinema como arte, é situar o filme em uma história das formas fílmicas. (VANOYE. GOLIOT-LETÉ, 2012, p. 21).

²¹ Na verdade, Hollywood produz filmes desse teor desde, pelo menos, os anos 1950, retratando a juventude como um “problema social”. São filmes que dialogam com representações das juventudes que advêm das mídias modernas, mas não podemos negar que uma parcela dos jovens se reconhecem como tais, ou seja, forjam sua identidade a partir dessas representações construídas pela mídia, num processo constante de heteronímia em oposição à autonomia de forjar uma nova identidade. Dessa forma, aceitam uma identidade que vem de fora, que não é própria, uma identidade construída pela tradição midiática.

traficantes (*Scarface*, por exemplo é do mesmo ano de 1983); também o discurso de uma suposta falta de políticas mais rígidas em relação aos jovens “delinquentes” e a presença dos reformatórios que emergem nos filmes como espaço adequado à reintegração juvenil que acontece mediante as práticas que não são ressocializadoras e às relações de trabalho (esse visto como força que dignifica o homem).²²

Diante de tantas questões que o filme *Juventude em Fúria* suscita e enquanto texto cultural que educa o olhar dos espectadores (operando, assim, relações de poder), optamos por seguir os pressupostos metodológicos sugeridos por Vanoye; Goliot-Lété “de qualquer modo, o analista deverá estabelecer um dispositivo de observação do filme se não quiser expor a erros a averiguações incessantes” (VANOYE-GOLIOT-LETÉ, 2012, p. 11). Entre as questões que aparecem no decorrer do filme, decidimos nos debruçar sobre: 1) problematizar a juventude imigrante representada como “problema social”; 2) tensionar as representações presentes no filme sobre os jovens imigrantes pobres como delinquentes juvenis; 3) as instituições correcionais para “menores infratores” e a disputa em torno da redução da maioridade penal que estava em discussão nos Estados Unidos nos anos 80 e, conseqüentemente, 4) a proposta de privatização dos presídios estadunidenses a partir de uma política neoliberal implantada pelo governo de Ronald Reagan (1981-1989).

Pablo Ornelas Rosa (2009) discutindo as políticas criminais de drogas e a globalização pautada nos princípios do neoliberalismo propiciou a expansão de diversas políticas públicas e sociais que legitimaram a dominação do mercado sobre a humanidade. Portanto, foi de suma importância problematizar as representações presentes no filme *Juventude em Fúria* como uma pedagogia cultural que educa os olhares dos espectadores, uma vez que os Estados Unidos, como principal exportador de cultura para o mundo Ocidental, tem influenciado as decisões políticas de outros países, como aponta Rosa Del Olmo (1990) durante os primeiros anos de 1970, percebia-se que, de forma simultânea, quase todos os países da América Latina regulamentavam suas políticas criminais sobre substâncias psicoativas, estipulando quais substâncias seriam lícitas e ilícitas a partir de orientações norte-americanas.

Para o historiador Eric Hobsbawm “a história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise” (HOBBSAWN, 1995, p. 298),

²² Um dado importante do contexto histórico da época de *Juventude em Fúria* é que os Estados Unidos dos anos 80 foram palco de discussões sobre a redução da maioridade penal, ou seja, discutia-se o destino “dos menores infratores” tal qual sugere o filme.

as propostas para superá-la “geraram uma era de intensas “guerras culturais” entre liberais, conservadores e radicais” [...] onde discursos alimentavam a necessidade de reorganização do Estado e da economia mundial através da economia de livre mercado" (KELLNER, 2001, p. 25).

Tal reorganização ocorreu na maior parte do mundo capitalista durante os anos 1980, na vigência de governos conservadores que fizeram cortes nos programas de bem-estar social ao mesmo tempo que expandiram o setor militar e aumentavam o déficit das contas públicas, com dívidas maciças que ainda não foram pagas (IBIDEM, p. 25).

Na sociedade estadunidense dos anos 80, a reorganização da economia e a queda do Estado de bem-estar social foi a resposta dada pela gestão do Presidente Ronald Reagan aos movimentos sociais que vinham conquistando direitos civis, sociais e liberdade de expressão desde os anos 60. Nesse contexto de reorganização da política econômica e social, as disputas travadas na sociedade entre o projeto político conservador defendido por Ronald Reagan frente aos mais diversos grupos sociais excluídos (negros, mulheres, homossexuais e imigrantes) se fazem presentes nos textos culturais produzidos dentro deste contexto histórico.

As tensões travadas entre grupos sociais que lutaram nos anos 60 e 70 para conquistar direitos e as propostas políticas defendidas pelo Partido Democrata e Partido Republicado também são representadas no filme analisado, quando o mesmo possibilita ao espectador compreender os imigrantes como um problema, envolvidos com o tráfico de drogas e com as instituições correcionais, portanto, construindo representações sobre os conflitos sociais presentes na sociedade estadunidense dos anos 1980.

[...] enquanto a cultura da mídia em grande parte promove os interesses das classes que possuem e controlam os grandes conglomerados dos meios de comunicação, seus produtos também participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso (IBIDEM, p. 27).

Nesse contexto, o filme emerge como uma possibilidade de discutir aspectos políticos e sociais da sociedade estadunidense dos anos 80 justamente por “participar dos conflitos sociais existentes e veicular posições conflitantes” no momento em que se debatia a reformulação das políticas de imigração, a privatização dos presídios e redução da maioria penal. Ao “testemunhar” (FERRO, 1975) esses conflitos sociais através de um jogo de representações, o filme assume um caráter de texto que possui uma dimensão de pedagogia cultural,

A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias “o modo como as coisas são” (ou seja, governo demais é ruim, redução da regulação governamental e mercado livre são coisas boas, a proteção do país exige intensa militarização e uma política externa agressiva, etc.). Os textos culturais populares naturalizam essas posições e, assim, ajudam a mobilizar o consentimento às posições hegemônicas. (KELLNER, 2001, p. 81).

Ruth Sabat (2001) chama a atenção para a necessidade de voltarmos nossa atenção para “outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes” (SABAT, 2001, p. 09) já que durante muito tempo o campo da educação voltou sua atenção para a instituição escolar como espaço privilegiado de operacionalização da pedagogia e do currículo. Muito mais que “seduzir o/a consumidor/a, ou induzi-lo/a a consumir determinado produto, tais pedagogia e currículo culturais, [...] produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder (IBIDEM, p. 09). No que consiste, afinal, a atividade analítica de um filme? “É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente ‘a olho’ nú, pois se é tomado pela totalidade.” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 15).

Tendo em vistas às questões colocadas sobre o potencial pedagógico das imagens em geral (estáticas ou em movimentos), sobre as representações que as mesmas produzem sobre grupos sociais distintos e suas disputas sociais (do seu contexto de produção), seguimos o caminho de análise do binômio cultura e sociedade proposto por Kellner (2001), de construir um estudo cultural para o qual “os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e a ações políticas (IBIDEM, p. 123). É importante, então, que criemos condições de ler e interpretar criticamente os textos culturais produzidos pela cultura da mídia, uma vez que eles são disseminadores de informações para todas as faixas etárias. Como ressalta o autor, “em vista de seu significado político e de seus efeitos políticos, é importante aprender a interpretar a cultura da mídia politicamente a fim de decodificar suas mensagens e efeitos ideológicos (IBIDEM, p.123).

[...] interpretar politicamente a cultura da mídia exige que se amplie a crítica ideológica para abranger a intersecção de sexo, sexualidade, raça e classe, e ver que a ideologia é apresentada na forma de imagens, figuras, códigos genéricos, mitos e aparato técnico de cinema, televisão, música e outros meios, bem como por intermédio de idéias ou posições teóricas (Ibidem, p. 123).

Nesse sentido, é importante interseccionar sexo, sexualidade, raça e classe, para compreendermos as ideologias que compõem o texto cultural em análise. Outra questão central dos estudos de Kellner, em nossa leitura, é a defesa que o autor faz de que “os textos culturais não são intrinsecamente “conservadores” ou “liberais” (IBIDEM, p. 123), já que os mesmos são produzidos historicamente em contextos nos quais ocorrem “disputas sociais, assim estes textos “[...] incorporam vários discursos, posições ideológicas, estratégias narrativas, construção de imagens e efeitos (por exemplo, cinematográficos, televisivos, musicais) que raramente se integram numa posição ideológica pura e coerente (IBIDEM, p, 123).

Para desenvolver uma perspectiva crítica é preciso ter um ponto de vista que articule a constituição social dos conceitos de sexo, classe, raça, etnia e sexualidade, além dos modos como as representações desses fenômenos produzem um processo de identificação nas sociedades contemporâneas e como as representações alternativas produzem processos novos e diferentes de identificação (IBIDEM, p. 125).

A partir desta constatação, podemos afirmar que até mesmo os textos culturais mais reacionários apresentam, em algum momento, uma pauta mais democrática e progressista, por isso, reproduz as tensões entre grupos sociais diversos, antagônicos, com interesses contraditórios. Estamos atentos a estas possibilidades de tensões instauradas no âmbito das representações presentes no filme em análise, pois compreendemos que “[...] certos textos dessa cultura propõem pontos de vistas ideológicos específicos que podemos verificar estabelecendo uma relação deles com os discursos e debates políticos de sua época [...] (IBIDEM p. 123).

A partir desse amplo contexto teórico-metodológico, nosso objetivo é, por meio da análise fílmica, evidenciar aspectos da cultura e da sociedade articulando as ideias de poder, dominação e resistência. “Portanto, os valores de resistência, participação, democracia e liberdade são adotados como normas positivas, usadas para criticar formas de opressão e dominação” (IBIDEM, p. 124). Nesse sentido, o estudo cultural crítico, segundo Kellner (2001) adota normas e valores com os quais critica textos, produções e condições que promovam opressão de dominação. Esta perspectiva também vê a cultura e a sociedade existentes como um terreno de disputas, optando, então, por aliar-se às formas de resistência e contra hegemonia em oposição às forças de dominação.

Assim, o desafio maior desta presente pesquisa foi interseccionar classe, raça e etnia como determinantes das identidades sociais dos sujeitos representados no *filme Juventude em Fúria: Um mundo de violência* (1983) dentro do seu contexto de produção e frente às disputas sociais entre

grupos diversos da sociedade estadunidense dos anos 80.

As representações que circulam no filme, principalmente com relação aos jovens imigrantes (delinquentes, membros de gangues, pobres, imigrantes, católicos), com relação à jovem J.C.²³ (branca, educada, previsível, trabalhadora, inocente, protestante) e também as que envolvem a mãe de Paco (dona de casa, latino-americana, preocupada) em oposição à mãe de Mick (“imoral”, bêbada, mãe solteira), foram problematizadas, pois estas representações constroem pontos de vistas sexistas e machistas com relação às imagens das mulheres na sociedade contemporânea e estas participam ativamente da construção de identidades sociais dos sujeitos, “[...] existe uma interligação entre sexo, raça, classe e outros construtos culturais fundamentais, e estes são reproduzidos em formas e representações culturais” (IBIDEM, p. 129).

No capítulo I – A invenção da Juventude como Problema Social, apresentamos a trajetória histórica da invenção da juventude como “problema social” para a sociedade contemporânea. Compreendemos que as juventudes têm sido constantemente representadas com características essencialistas produzidas e alimentadas através de representações sociais produzidas historicamente pelas mídias modernas. Descontruímos a ideia de juventude como “problema social” produzida historicamente pela mídia de massa para engendramos uma leitura sociológica desta categoria.

No capítulo II – Política e Imigração nos Estados Unidos no Governo Reagan, construímos um mapeamento da forma como estava organizada a sociedade estadunidense nos anos 80 (os discursos, as práticas, as instituições) para que estes aspectos possibilitassem a leitura do filme em seu contexto sócio-histórico. Também refletimos sobre o mito fundacional dos Estados Unidos, a partir dos “*pilgrim fathers*” e como esta narrativa fundada miticamente ainda tem perpetuado no país um sistema de exclusão de sujeitos que miticamente não podem pertencer a parte *W.A.S.P* da nação.

No capítulo III – Mick e Paco “Dentro da Sociedade”: o retrato das comunidades imigrantes no filme e nos Estados Unidos dos anos 80, partimos da metáfora “Mick e Paco dentro da sociedade” para problematizarmos a sequência na qual o filme é construído, a saber: os jovens imigrantes pobres “dentro da sociedade” e, posteriormente, “fora da sociedade”, ou ainda, no encarceramento.

Assim, discutimos como a queda do Estado de bem-estar social e a implementação da

²³ Namorada da personagem Mick O’Brien, filho de imigrantes irlandeses.

política econômica de livre comércio, bem como de políticas neoliberais, nos Estados Unidos, interferiram diretamente na vida de grupos sociais pobres mais especificamente dos jovens imigrantes pobres produzindo uma imagem dos mesmos articulada à pobreza, à criminalidade, ao tráfico de drogas e à imoralidade que foram intensamente representadas em filmes dos anos 70 e 80. Demonstramos que existem pontos de diálogo entre as representações presentes no filme e a proposta de integralização ou não de imigrantes à cultura estadunidense que estava em discussão no âmbito legislativo por partidos políticos diversos nos anos 80, sendo aprovado, em 1986, a *Immigration Reform and Act* após mais de uma década de intensos debates. Também apontamos que no filme ressoam discursos conservadores colocados em prática nos anos 80, como, por exemplo, da política de Guerra às Drogas, do anticomunismo e do anticatolicismo.

No capítulo IV – Paco e Mick “Fora da Sociedade”: A emergência do Estado penal, a metáfora “fora da sociedade” possibilita compreender que esta retirada do social seria consequência das políticas neoliberais, considerando o dano causado pela queda do Estado de bem-social para as comunidades pobres estadunidenses. Em contrapartida, o encarceramento dos jovens imigrantes no filme é uma consequência da aplicação de recursos federais na ampliação do setor bélico, nesse sentido, acontece o que Loïc Wacquant (2015) designou como uma “punição aos pobres”. Nesse contexto, primeiramente tensionamos a presença da instituição correcional para “menores infratores” presente no filme com a proposta políticas presente nos Estados Unidos nos anos 80 referente à redução da maioridade penal e à privatização dos presídios públicos. No segundo momento, refletimos acerca de uma ideia alimentada pela narrativa fílmica e que, ainda hoje, se faz presente no imaginário coletivo de que a falta de escolarização justifica estes jovens serem representados como “delinquentes juvenis” e dignos da instituição correcional.

Dessa forma, esta dissertação de mestrado se constitui em uma produção que visa demonstrar os conflitos e tensões provocadas pelo avanço do neoliberalismo para a vida de pessoas pertencentes a grupos sociais pobres, como tais políticas conservadoras articuladas em um contexto específico atingiram diretamente a vida de alguns grupos, e como o cinema através de representações produz imagens que educam os olhares de homens e mulheres participando ativamente da construção de identidades sociais no tempo.

CAPÍTULO 1 – A INVENÇÃO DA JUVENTUDE COMO “PROBLEMA SOCIAL”

O sociólogo português José Machado Pais (1990) alerta-nos para o fato de que, muitas vezes, os cientistas sociais acabam por negligenciar alguns trabalhos da sociologia da juventude, por não se basearem em observações mais diretas da realidade dos jovens, funcionam, de certo modo, como caixa de ressonância das mídias, criando uma realidade dominante e homogênea da pluralidade que congregam as *juventudes*, que pertence mais ao campo da representação social que da realidade (PAIS, 1990). Nesse sentido, adverte o autor “finalmente, nalguns *media* é possível encontrar uma imagem das culturas juvenis retratadas como ‘ameaçadora’ para a sociedade” (IBIDEM, p. 145).

Neste capítulo, ao discorrermos sobre a categoria de análise social juventude, estamos considerando essas pluralidades das culturas juvenis que são perpassadas por relações econômicas, sociais e culturais, uma vez que, para discutirmos as representações da juventude imigrante, no filme "*Juventude em Fúria: Um mundo de violência*" (1983), é preciso levar em consideração as particularidades do submundo vivido pelos jovens imigrantes nos Estados Unidos na década de 1980, no contexto de implantação das políticas neoliberais.²⁴

No filme a juventude imigrante da periferia é representada como um “problema social” para os Estados Unidos dos anos 80. Sobre essa imagem construída pelas mídias contemporâneas acerca das culturas juvenis como ameaçadora para a sociedade, Pais (1990) argumenta que “paradoxo dos paradoxos, essa imagem pode ser alimentada ou caucionada por análises sociológicas centradas nos mais ‘espectaculares’ aspectos da ‘cultura juvenil’, que, justamente, são os que mais interessam aos medias” (IBIDEM).

Tomando como pressuposto de análise suas considerações sobre a mídia, sociedade e a juventude como categoria de análise social, inferimos que as situações e as histórias vividas pelas personagens imigrantes, Mick O’Brien, filho de imigrantes irlandeses e, Paco Moreno, filho de imigrantes latinos, no filme *Juventude em Fúria: um mundo de violência* (1983), dialogam com questões pertinentes à sociedade norte-americana dos anos 1980, em especial, no que se refere à situação dos imigrantes frente às políticas de imigração; a proposta de privatização dos presídios estadunidenses e a presença das instituições correcionais como lugar de destino dos jovens imigrantes pobres.

²⁴ Optamos por usar no singular o termo juventude por se tratar da juventude imigrante.

Diante disso, analisamos, no primeiro momento, como a juventude emerge historicamente como um “problema social” para, posteriormente, desconstruir essa representação social utilizando as contribuições da Sociologia enquanto ciência que se preocupa com a construção social da realidade em oposição às representações sociais que circulam pela sociedade e que são resultados de construções midiáticas e do senso comum, em detrimento de preocupações sociológicas. No segundo momento, desconstruída a ideia de juventude como “problema social”²⁵, dialogaremos com as teorias sociais das juventudes classista e geracional apontando a compreensão que esta pesquisa adota.

Ressaltamos que a nossa compreensão de juventude enquanto categoria de análise social, abarca, inclusive a noção de adolescência como faixa etária. Nesse sentido, concordamos com Coimbra; Bocco; Nascimento (2005) de que “na contemporaneidade, a figura do adolescente costuma remeter a uma tendência ditada pelos *teens* estadunidenses – modelo de todo um estilo de vida a ser consumido pelo restante do mundo [...]” (IBIDEM, p. 04). Adolescência e/ou adolescentes, nesse sentido, refere-se a um “objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e mesmo biologizantes. Geralmente, diz respeito a uma noção desenvolvimentista e defende uma ideia de essência. Portanto, tal qual as autoras, reconhecemos que subverter este conceito em prol da categoria de análise social juventude é ‘uma ação política’ (IBIDEM, p. 07). Diante disso, juventude/jovens, e não adolescência/adolescentes, “com isso, enfatizamos *forças* que atravessam e constituem sujeitos em vez das formas com que se tenta defini-los (IBIDEM, p. 07)²⁶. Passamos, assim, a pensar juventude enquanto uma categoria de análise histórica e social sujeita a modificações em contextos concretos nos quais os jovens são atravessados por relações sociais, culturais, econômicas e políticas que constituem suas identidades sociais no tempo²⁷.

²⁵ As aspas sinalizam que esta ideia de “problema social” se refere às ideias sustentadas e alimentadas por representações sociais advindas da mídia e que circulam a partir do imaginário, não se trata de um problema sociológico, formulado no seio das ciências sociais como ciência que discute a construção social da realidade.

²⁶ Cf. COIMBRA, Cecilia; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Lívia. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v. 57, n.1, p. 2-11, 2005.

²⁷ Quando surgir no texto “adolescentes/adolescência”, compreenda a mesma como inserida dentro da categoria juventude, ou seja, tal categoria abarca esta noção e dá uma conotação que foge das características essencialistas impostas à mesma.

1.1 A JUVENTUDE COMO “PROBLEMA SOCIAL” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A JUVENTUDE COMO UMA CATEGORIA DE ANÁLISE SOCIAL

Pais (1990) demonstra preocupação com os estudos que compreendem a juventude enquanto uma unidade social definida por jovens que possuem interesses em comum dentro de uma determinada faixa etária. “Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária”. (PAIS, 1990, p. 140). Nesse aspecto, a importância da sociologia da juventude é “a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos sociais de jovens, [...], mas também – e principalmente – *as diferenças sociais* que entre eles existem”. (IDEM).

Mas em contraposição à essa ideia construída no seio das Ciências Sociais pela sociologia da juventude, encontramos no filme *Juventude em Fúria* uma representação social onde os jovens estão inseridos em uma cultura juvenil homogênea, ou seja, enquanto "problema social". Essa abordagem é presente na cena em que, a personagem Horowitz (Eric Gurry) questiona Mick sobre o seu nome: “*Meu nome é O’Brien*”. Ao que Horowitz responde: “*Diabo! Um maldito irlandês*”! E ainda, no momento em que Horowitz está apresentando ao jovem imigrante irlandês, Mick os demais “delinquentes juvenis” presos na instituição correcional: “*O chinês matou o pai; o italiano raptou uma menina de 14 e a violentou no sótão*”. A representação da juventude imigrante como “problema social” e, portanto, como essencialista, também é reforçada quando Horowitz afirma: “*Ele é Lofgreen. É chamado de Viking. Eu o chamo de cérebro de porcaria*”.

Percebemos que há o predomínio da juventude imigrante apresentada como “problema social”²⁸ questão que “coincide” com a própria compreensão de juventude que circula na sociedade em geral (principalmente, a difundida pela cultura da mídia), aquela que representa os jovens como problema. Nesse sentido, propomos a desconstrução dessa ideia de juventude e consentimos a sua compreensão enquanto realidade sociologicamente construída, uma vez que, como adverte Kellner “a cultura da mídia almeja a grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados hieróglifos da vida social contemporânea. (KELLNER, 2001, p. 09).

²⁸ Nesse primeiro momento, podemos afirmar que, a cultura da mídia, se apropriou do conceito de juventude como “problema social” para construir o filme *Juventude em Fúria*, sendo assim, temos num primeiro momento uma juventude que existe mais como representação social do que como realidade. É preciso desconstruir essa forma equivocada de representação da juventude.

Entre os problemas sociais que o filme representa *diegeticamente*, podemos destacar a “delinquência juvenil”, o problema com as drogas, a imigração, os negros e a ausência de escolarização desses jovens imigrantes. Devemos nos questionar: Por que a indústria cinematográfica hollywoodiana produzia filmes nos anos 80 que tomaram a juventude imigrante pobre como um “problema social”? Por que os jovens imigrantes pobres foram representados como delinquentes juvenis e membros de gangues? Por que foram representados como líderes e interessados no comércio das drogas ilegais? Por que há a presença das instituições correcionais no filme como lugar final desses jovens imigrantes? Por que o juiz afirma, ao proferir a sentença pelo crime cometido por Mick O’Brien, que a sociedade continuará sofrendo enquanto não houver leis mais realistas para punir esses jovens?

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. (IBIDEM, p. 09).

A ideia de cultura da mídia sugerida por Kellner (2001), é importante ao evidenciar que o “rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente”. (IDEM). Podemos considerar, a partir desse conceito que as representações construídas acerca dos jovens imigrantes “ajuda a modelar uma visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos; define o que é bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” (IDEM). Os jovens imigrantes pobres e o submundo construído a partir das suas relações sociais, no caso, é o mau, o negativo e o imoral.

A cultura da mídia é industrial; organiza-se com base no modelo de produção de massa e é produzida para a massa de acordo com tipos (gêneros), seguindo fórmulas, códigos e normas convencionais. É, portanto, uma forma de cultura comercial, e seus produtos são mercadorias que tentam atrair lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação do capital. (IDEM).

Precisamos reconhecer o caráter de produto das obras cinematográficas que são produzidas por grandes estúdios que estão interessados no acúmulo do capital. Esse aspecto levanta outra problematização sobre o filme *Juventude em Fúria* no que se refere ao público ao qual foi destinado a película. Apesar da grande repercussão entre as mais diversas juventudes por compreendê-lo

como um filme para jovens; a *Internet Movie Database* (IMDb²⁹) informa que o filme foi produzido para maiores de 18 anos, ou seja, o mesmo foi produzido para o público adulto³⁰, não teve como objetivo principal ser endereçado ao público jovem. Seria, o filme, um meio de “conscientizar” os adultos das juventudes imigrantes como um “problema social”?³²

Com base na ideia da cultura da mídia como um “terreno de disputas” (KELLNER, 2001), analisamos o cartaz do filme *Bad Boys* (1983), que estreou no Brasil com o título *Juventude em Fúria: Um mundo de violência*. É evidente a partir das três imagens, a noção de juventude como “problema social”. Tais imagens demonstram como a mídia se apropria de questões do senso comum, ou ainda, da “juventude” a partir da desta noção para produzir mercadorias na indústria cultural.

Figura 01: Capas do filme *Bad Boys*, lançado mundialmente em 25/03/1983³³.



Fonte: Internet Movie Datadabase (IMDB).

Em duas das representações presentes no cartaz, o personagem principal, Mick está fumando. Ao discorrer sobre os processos de subjetivação da prática do tabagismo produzidos através das imagens dos filmes do cinema clássico americano, Miguel Rodriguez (2008, p. 71-83)

²⁹ O IMDb é abreviação de *Internet Movie Database*, ou ainda, Base de Dados de Filme na Internet. Atualmente é um dos sites mais popular, reconhecido e respeitado por conter informações sobre música, vídeos e filmes.

³⁰ Internet Movie Database, IMDb. Juventude em Fúria (1983). Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0085210/?ref_=fn_al_tt_2>. Acesso em 01/06/2016.

³² Ou ainda, do tipo de cidadãos que o novo projeto político dos neoconservadores junto com a direita cristã não admitiria para os estadunidenses?

³³ Extraído de http://www.impawards.com/1983/bad_boys.html. Acessado em 05/04/2016

discute o poder da indústria cinematográfica de Hollywood e sua responsabilidade “direta para a criação dos valores comuns partilhados por uma sociedade que, principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, sentia-se cada vez mais orgulhosa pelo seu alto padrão de vida”³⁴. Para construir sua análise, o autor menciona três eixos identificados nas noções de “liberdade”, “masculinidade” e “sucesso” na maneira como o tabagismo se fez presente na construção imagética que garantiu ao cigarro e ao hábito de seu consumo identificações positivadoras” (IBIDEM).

Diante dessas considerações, o autor afirma “a liberdade que trataremos aqui se refere, sobretudo, aos desejos de emancipação da juventude norte-americana do pós Segunda Guerra”. (IBIDEM, p. 71). Nesse sentido, ao analisar esses desejos de emancipação da juventude do pós-guerra, o autor aponta dois personagens que se transformaram em ícones da “cultura pop norte-americana”: James Dean e Marlon Brando, que

“Representaram a figura do rebelde ansioso por liberdade, sempre fazendo o uso do cigarro. (...) Qual a relação entre cinema, liberdade e cigarro? E, como um produto, hoje condenado a representar um vício que domina o fumante, foi um dia tido como um símbolo de autonomia?” (IBIDEM, p. 72).

A leitura sobre os cartazes do filme *Juventude em Fúria* não compactua com essa construída por Rodriguez (2008) no que diz respeito às representações sobre as juventudes do período pós Segunda Guerra Mundial. Segundo o autor “o ator de Hollywood que mais tenha sido relacionado com os anseios de liberdade da juventude norte-americana do pós-segunda guerra tenha sido James Dean” (IBIDEM, p. 73). Menciona ainda Marlon Brando, quando atuou no filme *O Selvagem*, de 1953, “Marlon Brando dá ao seu personagem, características tão bem definidas que podemos dizer que Johnny acaba por se tornar um protótipo do jovem rebelde” (IBIDEM, p. 76). Os elementos apontados na análise por Rodriguez (2008), principalmente a presença dos cigarros como “ícone de liberdade” no filme *Juventude Transviada* (1955) e *O Selvagem* (1953), protagonizados por James Dean e Marlon Brando respectivamente, compactuam para a construção da noção de juventude como “problema social”.

Stewart Stern, roteirista do filme, afirma no documentário “Inocentes provocadores” que para produzir *Juventude Transviada* o diretor Nicholas Ray inspirou-se na ascensão da delinquência juvenil noticiada na imprensa dos Estados Unidos naquele período. (RODRIGUEZ, 2008, p. 73-74).

³⁴ Não menciona nenhuma informação sobre os “insatisfeitos” (movimentos de contestações desses valores) com a forma como se dava os avanços da política do *American Way Of Life* que pregava a “satisfação”, porém nem todos se beneficiavam com a sua política.

É justamente a ideia de juventude “como caixa de ressonância das mídias de massa” que a sociologia da juventude, de acordo com Pais (1990), visa combater, pois nessa visão a cultura juvenil é vista como unitária e “problema social”. Compreendemos que as imagens construídas pelos filmes hollywoodianos da juventude como fumante e envolvimento com gangues e rebeldes, presente nas mídias, existem mais como mitos que como representação da realidade. Ainda segundo Pais “alguns jovens reconhecer-se-ão parte integrante desse mito, outros não.” (PAIS, 1990, p. 145),

Entre os primeiros, o mito transforma-se parcialmente em realidade, formando-se entre eles uma espécie de ‘consciência geracional’ que os leva a acentuar diferenças relativamente a outras gerações. Entre os segundos há o reconhecimento (quase sociológico) de que ser jovem é uma experiência distinta daquelas que outros jovens vivem. (IBIDEM, p. 146).

Na perspectiva social construída por meio das representações advindas das mídias de massa e da cultura da mídia, a juventude é compreendida historicamente e socialmente, de acordo com Pais (1990), como “fase de vida marcada por uma instabilidade associada a determinados problemas sociais” que se modifica a partir do momento que o jovem começa a adquirir responsabilidades que são delegadas apenas aos adultos, como a aquisição de um trabalho e formação de família. Portanto, muitas vezes a juventude se torna um “problema social” devido às dificuldades de entrada dos jovens no mundo do trabalho.

“De facto, a crise de emprego, que é extensiva em toda Europa ocidental e que, entre outras razões, se deve ao *baby boom* posterior à Segunda Guerra Mundial, tem afectado principalmente os jovens”. (IBIDEM, p. 141).

Os problemas socialmente mais reconhecidos e colocados como próprios da juventude são referentes à inserção profissional, problemas com drogas, delinquência, escola e com seus pais. “As condutas ‘homogêneas’ dos jovens acabarão, então, por serem heterónimas, na exacta medida em que são sugeridas pelos *mass media*, pelos discursos políticos e por intervenções administrativas de várias ordem”. (IBIDEM, p. 145). As mídias de massa são sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação e contribuem, juntamente com os discursos políticos e com as intervenções administrativas de ordens diversas, como construtores de uma “identidade” que fica como legado aos jovens. A imagem da juventude como ameaçadora para a

sociedade é produto de construção de algumas mídias. “A juventude é um mito ou quase mito que os próprios *media* ajudam a difundir e cujas notícias veiculam imagens sobre cultura juvenil ou aspectos fragmentados dessa cultura (manifestações, modas, delinquência, etc.)” (IBIDEM, p. 146).

Assim, o autor faz a desconstrução da juventude como representação social (que não pertence às discussões das Ciências Sociais como ciência) que, em forma de mito, é dada como homogênea (do senso comum, das mídias de massa em geral) e propõe uma interpretação de juventude como uma realidade sociologicamente construída. Nesse sentido, concordamos com Pais (1990) ao analisar a juventude como categoria socialmente construída e formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo. Tomar a juventude como produto socialmente elaborado também é se atentar ao fato de que “determinadas fases de vida apenas são reconhecidas, enquanto tal, em determinados períodos históricos, isto é, em períodos nos quais essas fases de vida são socialmente vistas como geradoras de problemas sociais”. (IBIDEM, p. 147).

Partindo de suas inquietações, podemos nos questionar: como deve ser analisado um “problema social”? Como tornamos um problema social em problema sociológico? O “modo de produção” de qualquer problema, segundo José Rodrigues Santos (1999), deve ser analisado como um “fenômeno social (porque nos interessa o conjunto dos actores e das relações sociais que o processo implica), e enquanto fenómeno discursivo e conceptual (porque nos importam as questões da *forma* dos discursos e dos conceitos).” (IBIDEM, p. 08).

O “problema social”, de acordo com Santos (IBIDEM, p. 07) “designa habitualmente algo que atinge um grupo, ou uma categoria de pessoas, e suscita interrogações num círculo alargado, para além do foro individual”. Por exemplo, a juventude que, para alguns autores, emerge como um “problema social”³⁵ justamente no mundo pós Segunda Guerra Mundial³⁶ juntamente com um novo mercado de consumo dos Estados Unidos, no período conhecido como Anos Dourados, com o retorno à política do *American Dream*.

³⁵ Nas mídias, em especial, no cinema, essa construção discursiva da mídia que será tomado pelo senso comum e pelas as instituições sobre a juventude como uma fase da vida homogênea e problemática, inicia-se na década de 1950.

³⁶ Jon Savage (2009) discorda dessa reflexão. Segundo ele, a geração *teenager* e suas características de rebeldia, formação de gangues, entre outras, remontam aos semanários e jornais do final do século XIX, quando os adolescentes passam a se tornar um grupo significativo na força de trabalho do capitalismo da primeira metade do século XX.

Ainda sobre o mercado de consumo em expansão durante a segunda metade do século XX, o cinema lançou o ator Marlon Brando como símbolo de jovialidade em “O Selvagem”, em 1953 no qual o ator usou uma camiseta branca e calça *jeans* sob uma motocicleta, consagrando um símbolo da juventude rebelde. Em 1955, James Dean³⁷ interpretou o garoto rebelde que usava calça jeans e blusão de couro, assim o mercado lançava mais um estilo de moda no filme *Juventude Transviada* (1955). Em ambos os filmes a juventude é representada como “problema social” e possuem determinadas características sociais.

Não foram de modo algum aqueles que sofrem com o consumo excessivo de “drogas” que produziram socialmente o problema da droga enquanto “problema social”. Pelo contrário, foram as instituições e os grupos dominantes, com capacidade para produzir um discurso legítimo sobre “a droga”, cuja interacção definiu os contornos desse “problema”. (SANTOS, 1999, p. 09)

Ao serem tidos como um “problema social”, a juventude passa a ser reconhecida por outras instituições sociais³⁸ que vão agir discursivamente sobre esses corpos, primeiramente, o discurso militar contra o seu “frescor juvenil” (SAVAGE, 2009, p. 33), e, posteriormente, o discurso jurídico, como forma de cercear a liberdade para a reabilitação social. “No entanto, os grupos que, à distância, nos parecem mais diretamente ‘interessados’ neste problema, não participaram de modo activo na sua elaboração enquanto “problema social”. (PAIS, 1990, p. 07). Nesse sentido, é evidente que àqueles que são tomados como tal não participam dessa construção discursiva sobre seus corpos sociais³⁹,

Foram os actores do foro político (cujo acesso era restrito), e os grupos sociais dominantes já evocados, que precederam ao trabalho de formulação pública, opondo-se quanto a todos os critérios (natureza do problema e suas causas, soluções que convinha ou não promover, e modo de aplicação das eventuais medidas), salvo um, o da existência de “um problema”. (SANTOS, 1999, p. 08).

Os autores podem ser compreendidos como os administradores das instituições que legitimam a nossa sociedade, nesse caso, a existência de um problema surge como resposta às

³⁷ A ideia de juventude como um “problema social” se reafirmou nos Estados Unidos com a morte do ator James Byron Dean, em 30 de setembro de 1955, quando o jovem tinha 24 anos, em um acidente de automóvel.

³⁸ Não foram os utilizadores das diferentes substâncias, nem os familiares, vizinhos as pessoas ou grupos mais directamente implicados no consumo excessivo de certas substâncias que desempenharam o papel decisivo, mas as Associações, o Corpo Médico, enfim e sobretudo, o Estado (Legisladores, Tribunais, Política, Escola, Hospital, etc.). (SANTOS, 1999, p. 09).

³⁹ José Pais Machado Pais questiona o leitor sobre o seguinte (1990, p. 144) “Mas sentirão os jovens estes problemas como sendo os seus problemas?”

características específicas de um grupo quando elas afetam um universo considerável de indivíduos.

Se essas características, específicas a um período de vida, se apresentam como expressão de determinados ‘problemas’ sociais, atraem a atenção dos poderes públicos, podendo surgir medidas – legislativas ou de ‘terapêutica’ social – que, por via institucional, consigam dar resolução parcial a esses problemas. (IBIDEM, p. 147).

Observamos no filme em análise que na década de 80 nos Estados Unidos os jovens imigrantes são vistos como “problema social” para a sociedade da época. A medida adotada pelo poder público foi a penalização desse grupo social, em particular, em um momento em que se vivia o processo de expansão das políticas neoliberais e se tinha os direitos de mulheres, negros e homossexuais regredindo em relação às conquistas das décadas de 1960 e 1970⁴⁰.

Com a cassação desses direitos conquistados historicamente por grupos sociais diversos nos Estados Unidos, nos propomos a discutir como esse processo político e histórico afetou as juventudes imigrantes, em especial, uma vez que se alimentava toda essa representação das juventudes como um “problema social” por ser uma faixa etária onde havia predominância de uma cultura adolescente que “começou a ser vulgarmente encarada como fase de vida, quando, na segunda metade do século XIX, os problemas e tensões a ela associados a tornaram objeto de ‘consciência social’.” (IBIDEM, p. 148).

Discutindo a criação da juventude a partir da invenção da palavra *teenager*, Jon Savage (2009) apresenta uma pré-história do fenômeno juventude, partindo de notícias de jornais que circularam entre 1875 e 1945 que antecederam o surgimento da palavra no pós Segunda Guerra Mundial, momento em que viram nos jovens um crescente mercado consumidor. Nesse sentido, a construção da juventude como “problema social”, como ideia de fase de vida, de transição, do vir a ser, torna-se objeto de consciência social, como aponta Machado (1990) e Jon Savage (2009) é produto do final do século XIX.

Ao discutir os *Hooligans* e *Apaches* a partir da abordagem da delinquência juvenil e da mídia de massa, Savage (2009) demonstra que as gangues do fim do século XIX eram formadas por crianças e adolescentes que haviam sido abandonados por suas famílias. “Na falta de uma estrutura imposta por adultos, eles se organizavam em gangues que mal podiam ser controladas”. (IBIDEM, p. 50). Demonstra ainda que as representações e o problema da delinquência juvenil

⁴⁰ KARNAL, Leandro et. al. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo, Contexto, 2007

tinham classe social “as crianças dos bairros urbanos onde proliferavam os bordéis controlavam este novo enfoque sobre as condições sociais americanas” (IDEM).

Sobre os adolescentes da classe média “como não aparentavam problemas e, na verdade, porque personificavam os principais valores americanos, os adolescentes da classe média e alta não eram tão visíveis nos novos meios de comunicação de massa”. (IBIDEM, p. 52). Mas essa questão estava inserida em um contexto mais amplo, para Savage (IBIDEM, p. 52) “entre 1880 e 1910, o total da população urbana triplicou de 14 para 42 milhões”. Foram aproximadamente 11 milhões de pessoas que trocaram o campo pela cidade, coincidindo com a chegada de imigrantes da Europa Ocidental e Oriental que batiam recordes no novo século.

Em Manhattan “crianças abandonadas nas ruas eram uma rotina: muitas morriam, enquanto aquelas com mais sorte encontravam empregos sem definição como jornaleiros ou vendedores de flores, ingressavam em gangues ou eram recrutadas pela *Fagin* local”. (Ibidem, p. 53). Esses jovens que eram representados constantemente pela mídia de massa eram produtos dos bordéis urbanos das cidades, espalhando-se em ritmo acelerado da imigração. “Neste ambiente brutal, os jovens tinham muitas vezes de se virar sozinhos. Havia muita pouca escolaridade, o trabalho infantil endêmico e a puberdade marcavam o momento em que a luta pela sobrevivência começava para valer”. (IBIDEM, p. 26).

Ainda sobre o papel da mídia na construção da juventude como “problema social”, principalmente dos jornalistas, Martín Jankowski (2007) discute a questão das gangues chamando a atenção para a forma como a mídia divulgava informações sobre as mesmas, contribuindo, assim, para a produção de um mito nacional. De acordo com o autor, as gangues apareceram no cenário urbano americano no início do século XX e “desde então, elas foram estigmatizadas como um ‘problema social’”. (IBIDEM, 2007, p. 125). É exatamente por ser produto da mídia que as gangues são reproduzidas no imaginário social como problema. “O que sempre chamou atenção da opinião pública são suas atividades que podemos qualificar como delituosas ou ilegais, que fazem nascer o medo e atentam contra os bens ou ameaçam as pessoas”. (IDEM). Diante desse binômio mídia e gangues, o autor discute a contribuição daquela para a persistência dos fenômenos das gangues urbanas americanas.

Um dos problemas que aparece nas notícias veiculadas sobre as gangues, de acordo com Sánchez-Jankowski é o fato de o jornalista não conseguir distinguir a diferença entre gangues e as

crews, “estas equipes de três a cinco pessoas que se associam apenas para o tempo de um assalto”. (IBIDEM, p. 128). Outra questão é que,

Quando um jovem comete um crime a título individual, independentemente da gangue à qual se alega que ele faz parte, é incorreto e abusivo falar em “crime de gangue”. Quando este tipo de erro ocorre, os jornalistas e os órgãos de informação não correm o risco de ser criticados, já que o público desconhece que o crime relatado foi cometido por um grupo que não tem, nem a estrutura nem o modo de funcionamento específico da gangue. (IBIDEM, p. 129).

A confusão que se estabelece entre a compreensão da realidade social do que sejam as gangues se confunde com as representações sociais construídas pelas mídias de massa e não é apenas no jornalismo que encontramos tais homogeneizações, mas também no cinema hollywoodiano. Por exemplo, no filme *Juventude em Fúria*, a sinopse destaca: “durante uma briga entre gangues, disputando um lote de drogas, o jovem delinquente Mick O’Brien (Sean Penn) acaba acidentalmente tirando a vida de um garoto, por acaso o irmão mais novo de Paco Moreno, o líder do grupo rival”⁴¹.

Essa ideia de gangues presente no filme *Juventude em Fúria* é produto das recorrentes representações construídas, a partir do senso comum, da ideia de jovens como delinquentes e de gangues como “problema social”. Propomos, assim, uma interpretação da categoria de juventude como realidade construída sociologicamente, uma vez que “os contatos diretos entre os jornalistas que produzem a “notícia” e os membros de gangues são extremamente limitados”. (IBIDEM, p. 129). Portanto, não temos no filme o real representado, mas apenas a construção de uma realidade que dialoga com o real, uma vez que as próprias imagens em movimentos se utilizam de informações de jornais para construir a trama fílmica.

Sobre o método utilizado pelos jornalistas, o autor menciona que eles tentam fazer uma reportagem de fundo, porém conseguem, no máximo, o uso do método explicativo⁴². “Quase todos aqueles que fazem reportagens de fundo sobre as gangues ambicionam produzir um diagnóstico de

⁴¹ 2001 O cinema está aqui. *Juventude em Fúria* – BAD BOYS (DVD). Disponível em <<http://www.2001video.com.br/produto/dvd-juventude-em-furia-46594.html>>. Acessado em 01/06/2016.

⁴² Isso não se deve exclusivamente à incompetência dos jornalistas, mas às exigências do trabalho do jornalista que podem ser resumidas aos seguintes tópicos: 1) Importância do caso 2) Imperativo do inédito 3) Contém bastante ação? 4) Ritmo 5) Clareza de reportagem 6) Reportagem equilibrada. As exigências técnicas: 1) Prazo para cumprimento das reportagens 2) Dificuldade de acesso aos membros 3) Formação 4) Extensão imposta ao artigo ou ao programa. Todas essas questões balizam a produção de informações sobre as gangues e o que se pode esperar é, de fato, a espetacularização do fenômeno (Ibidem, 2007, p. 136).

caráter sociológico”. (IBIDEM, p. 136). A partir disso, “as exigências de tempo, de espaço e de formação ditam, para uma boa parte, o conteúdo das reportagens sobre as gangues e as explicações que dão para justificar a sua multiplicação”. (IBIDEM, p. 137). Um diagnóstico construído a partir da perspectiva sociológica tem maiores condições de discutir as particularidades do mundo juvenil desde que ele mesmo desconstrua a imagem, a juventude que decorre da mídia, porque muitos desses trabalhos “sociológicos” persistem como caixa de ressonância das mídias e acabam por criar uma realidade que não dialoga com o real: um mito.

Sob a cobertura da investigação “explicativa”, na verdade, escondem-se objetivos essencialmente profissionais e comerciais. E este tipo de reportagem reforça uma imagem das *gangues* que se deve menos à realidade que aos mitos que as envolvem. (IBIDEM, p. 139).

A imagem construída pela mídia a respeito das gangues e sua distância do real é apontada ainda por Sánchez-Jankowski (2007), pois as gangues americanas entrevistadas por ela “não se impressionam nada com a mídia e a perspectiva de ser objeto de artigo ou de entrevista, não os entusiasma a ponto de liberar sem reservas as informações”. (IBIDEM, p. 144). O autor aponta que elas informam de acordo com suas condições “as gangues são, portanto, ‘vendedoras’ mas controlam estreitamente os fluxos de informação tanto em volume quanto em teor”. (IBIDEM, p. 144). Pensar as gangues como vendedoras que controlam estritamente os fluxos de informações é justamente compreender que elas utilizam a mídia como mola propulsora para seus “negócios” como demonstra o diálogo apresentado pelo autor,

Sabe, se um pessoal de televisão faz uma reportagem sobre nós e a gente se mostra cooperativo, isso ajuda a recrutar mais membros. O que importa é saber como cooperar com eles, sabe, é legal, assim a gente passa mensagens úteis. (...) Por exemplo, eles (os jornalistas) vão nos fazer perguntas e nós vamos responder dizendo coisas que dão a impressão aos caras da vizinhança de que o que fazemos é o máximo. Sabe, é assim, a gente diz coisas que o resto do mundo escuta e para eles, parece até mesmo bobo. Mas para os caras da vizinhança isto quer dizer outra coisa. Isto quer dizer que nós temos possibilidades. É o poder das palavras, como quando a gente vê na tevê a propaganda do Exército, sabe, quando dizem: “para alguns, ser um recruta é o início de uma carreira” ou besteiras deste tipo. A mim, de fato, essa mensagem não me interessa. Parecia até bobo entrar no Exército para aprender alguma coisa e depois fazer carreira. Mas têm caras que acreditam nessas besteiras. Bem, é parecido com o nosso papo: têm caras que entendem e que vêem possibilidades para eles. É assim que a coisa acontece. (IBIDEM, p. 147).

Sánchez-Jankowski (2007) aponta, ainda, que 9 das 37 gangues que estudou elaboraram uma estratégia coletiva destinada a influenciar o conteúdo. Assim podemos inferir que esses grupos

estruturados e organizados elaboraram estratégias de forma a influenciar o conteúdo das reportagens. Em outros trechos os membros dessas gangues afirmam que a plataforma midiática pode ofertar a possibilidade de ramificação em outro bairro funciona como forma de recrutamento de novatos; serve também para incrementar os negócios; para apresentação do território e apresentar-se como assustadores no intuito de barganhar, respeito e prestígio garantindo a segurança pessoal na rua. “Em vista das múltiplas vantagens que a mídia pode lhes trazer, as gangues desejam que ela continue a falar delas”. (IBIDEM, p. 150).

Gangue e mídia instauram, portanto, uma com a outra, uma relação que permite a cada uma manter o seu estatuto no mundo social respectivo e na sociedade. Reforçaram juntas o mito popular das *gangues* na cultura americana. (IBIDEM, p. 151).

A partir do binômio gangue e mídia, concluímos que existe dois estatutos que se contrapõem quando olhamos o mundo social das gangues e quando observamos apenas o mundo social em que as imagens da mídia dizem ter “captado” a vida social das gangues. O fato de os jornalistas se atentarem somente às informações que são associadas às gangues como, por exemplo, sexo, droga, crime e violência, atendem aos desejos e fetiches que interessam ao grande público. Como ressalta o autor “são conformes à imagem que eles mesmos têm das gangues”. (IBIDEM, p. 152). Precisamos reconhecer o caráter da indústria cultural de espetacularização para chamar a atenção e garantir o sucesso de seus produtos, assim sabemos que,

Mostrar as gangues como elas são equivaleria a tirar todo o charme associado aos personagens violentos da mitologia nacional, o que os tornaria menos divertidos e abaxaria o seu valor midiático. [...] Os americanos preferem, portanto, a imagem deformada e romanesca que a mídia lhes propõe à própria realidade prosaica das gangues. (IBIDEM, p. 152).

Como forma de resolução ao “problema social” produzido pelos discursos das mídias de massa, ganha força o discurso da penalização jurídica aos jovens das gangues e a existência de um outro que agirá sobre seus corpos afirmando-os enquanto “delinquentes” por apresentarem práticas sociais e culturais que se contrapõem ao que é validado socialmente dentro dos valores americanos. Os Estados Unidos como país que exporta sua própria cultura, principalmente para a América do Sul e Europa Ocidental, legitimará nesses continentes às representações sociais construídas pela mídia sem dar a chance de uma busca de resolução interna, ou seja, opera-se não só como propositor de um capitalismo econômico, mas, sobretudo, de um capitalismo moral.

Há a prevalência das representações sociais construídas pelas mídias de massa sobre a realidade elaborada na perspectiva sociológica. Sabemos também que é mais vantajoso operar a partir da representação social sugerida pelas mídias ao invés de reconhecer as gangues pelo que, de fato, são: resultados da “estratificação rígida da sociedade e da pobreza persistente em que estas organizações encontram sua fonte”. (IBIDEM, p. 152).

O maior incômodo não é o reconhecimento da estratificação e da pobreza, mas sim o fato de reconhecer as gangues pelo que elas são “levaria aos dirigentes do país a procurar pelo pretenso ‘problema das gangues’ uma solução econômica em vez de se embrenhar em políticas penais que só fazem agravá-lo”. (IBIDEM, p. 153).

Nos Estados Unidos, por exemplo, as formas que assumia essa cultura começaram a preocupar os poderes públicos, nomeadamente quanto se descobriu a ‘perigosa’ conexão dessa cultura (predominantemente em comunidades de emigrantes) com o desenvolvimento de formas de marginalidade social e delinquência. (PAIS, 1990, p. 148).

Portanto, a juventude apresentada como “problema social” é uma ideia concebida pelo discurso de instituições oficiais, sejam elas governamentais ou não e pelas mídias que têm um papel importante na construção dessa representação.

O trabalho social efectuado em redor daquilo que foi constituindo-se em “problema social” inclui as pressões políticas, a formalização progressiva dos discursos e a legitimação do próprio “problema” enquanto questão social aceite como existente e pertinente, e enfim enquanto ponto de partida de programas de acção (políticas e social) legítimos. (J. SANTOS, 1999, p. 08).

A Sociologia da Juventude desconstrói ideias pré-concebidas pelas mídias em favor de outras que levem em consideração as singularidades das juventudes e das culturas juvenis como grupos sociais diversos que se perfilam em diferentes culturas. Nesse aspecto, o modo de produção do “problema sociológico” é de outra base, que foge das explicações do senso comum, pois compreender as bases dos problemas científicos “significa pois, antes de mais conhecer a dificuldade que o provoca, e o contexto interno ao plano científico (teórico, técnico) e externo (histórico, social), em que ele é produzido. (IDEM, p. 12). Desconstruir essa visão da juventude com “problema social” que se ancora nos pressupostos mais homogêneos do discurso da mídia e de instituições sociais é uma operação onde

essa desconstrução da juventude como representação social (do senso comum) acabará por se revelar como uma construção sociológica – isto é, científica e necessariamente *paradoxa* – da juventude. A representação social da juventude dará lugar à realidade sociologicamente construída. (PAIS, 1990, p. 146).

Desconstruir a juventude como “problema social” e concebê-la como uma realidade sociologicamente construída em “um esforço constante para estabelecer e manter diferença entre sentido denotativo do termo que utiliza no seu trabalho sociológico, e o (s) sentido(s) que esse mesmo termo assume na linguagem corrente”. (SANTOS, 1999, p. 02). Nesse sentido, elucidamos que o uso do termo “problema social” e “problema sociológico” são duas utilizações distintas da ideia de “problema”. Nesse sentido, o cientista social que lida com a categoria de análise juventude precisa ter o cuidado para não operar no sentido colocado pelo senso comum, ou ainda, àquele que não pertence ao âmbito das problematizações sociológicas.

Pensando a juventude de sua aparente unidade à sua diversidade, Pais (1990) nos lembra de que o próprio termo juventude “encapsula ideias diferentes”. Diante disso o autor propõe que a juventude seja olhada em torno de dois eixos

“Como aparente *unidade* (quando referida a uma fase da vida) e como *diversidade* (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens de outros). De facto, quando falamos de jovens das classes médias ou jovens operários, [...] estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma *fase de vida*”. (IDEM, p. 149).

Diante dessas considerações, importantes para evitarmos arbitrariedades em nossas análises, uma vez que analisaremos representações de juventudes imigrantes, podemos concluir que, para o autor, a juventude não é socialmente homogênea e que ela “só aparece *socialmente dividida* em função dos seus interesses, de suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações”. (Idem, p. 149). O autor afirma ainda que, quando referida a uma fase de vida, o conceito de juventude tem resistido a certa estabilidade operativa “porque os contornos da fase de vida a que a juventude se reporta têm sistematicamente flutuado” e, por último, devido “a imagem da juventude associada a um processo de transição entre conhecidos e seguros estádios está cada vez mais a tornar-se obsoleta”. (KEN ROBERTS, 1984. *Apud.* PAIS, 1990, p. 150).

Pais (1990) adverte para o risco de se compreender a juventude não como um estado ou

categoria que diz respeito a um agregado de idades, mas como um processo⁴³, logo que a juventude é vista em termos de uma *sequência de trajetórias biográficas* entre a infância e a idade adulta, surgem os inevitáveis problemas de instabilidade conceptual operativa”. (Ibidem, p. 150). A partir das contribuições de Pais (1990), podemos refletir sobre o conceito de juventude como um eixo semântico de duplo significado no qual é importante olhar “não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituídos por indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens” (Ibidem, p. 151).

Ao problematizarmos as representações da juventude no filme “*Juventude em Fúria*” estamos lidando com um grupo social em um determinado contexto social, qual seja, a juventude imigrante enquanto “problema social” para a sociedade estadunidense, nos anos 80. Quando destacamos os atributos sociais que a atravessam enquanto grupo, podemos aproximar essa juventude a outro grupo social que também fora combatido nos anos 80, no Brasil, trata-se da juventude pobre e periférica. Ambas as juventudes, as imigrantes nos Estados Unidos e as juventudes pobres periféricas do Brasil foram vítimas de políticas de combate porque ambas são compostas por cidadãos pobres, uma vez que “aqueles advindos de “boas famílias” teriam naturalmente pendores para a virtude. Ao contrário, aqueles que traziam “má herança”, leia-se os pobres, seriam portadores de degenerescências” (COIMBRA; NASCIMENTO, p. 05).

As personagens jovens de descendência imigrantes representadas no filme, Paco e Mick, não trabalham e “se negam a trabalhar”, procurado o caminho do enriquecimento na “alternativa” de viverem do mundo da criminalidade do mercado das drogas ilegais nos Estados Unidos dos anos 80. Os imigrantes que se negam a ingressar no mundo do trabalho são considerados, de acordo com Coimbra; Nascimento (Ibidem, p. 05) “viciosos, por sua vez, por não pertencerem ao mundo do trabalho – uma das mais nobres virtudes enaltecidas pelo capitalismo – e viverem no ócio, são portadores de delinquência, são libertinos, maus pais e vadios”.

⁴³ Como tem sido feito pelas teorias do curso de vida: isso significa compreender a juventude como sequência de trajetórias biográficas. “Uma trajetória biográfica pode ser descrita como um conjunto de percursos ao nível de diferentes quadros institucionais, de diferentes espaços sociais, eles mesmos em constante mudança. Deste modo, e como sugere Mauger, toda a tentativa de periodização de uma trajetória biográfica (ou de um feixe de trajetórias) deve ter em conta duas ordens de acontecimentos distintos, mas relativamente dependentes: acontecimentos históricos, que pautam a evolução das estruturas sociais, e acontecimentos individuais, que balizam os diferentes percursos constitutivos de uma trajetória biográfica (mas cujas regularidades reflectem a história de determinadas estruturas sociais). No entanto, ao tomarem-se as trajetórias dos jovens, os seus percursos de transição, somos necessariamente levados a considerar a juventude na sua diversidade.” (Machado, 1990, p. 150).

O Estado e a sociedade os veem como perniciosos e os mesmos mantêm um discurso de intolerância com estes jovens pobres, porém, a esta altura devemos questionar os próprios pressupostos do neoliberalismo exportado para o mundo pelos Estados Unidos e pela Inglaterra; os pressupostos da “mão de ferro”, uma vez que o compromisso do neoliberalismo não é o da superação do desemprego, como pondera Marcelo Filho (2010, p. 3) e “tem significado crescente desigualdade de renda, desregulamentação, financeirização, corte de impostos para os mais ricos, diminuição dos gastos sociais e política monetária voltada ao controle da inflação e não do desemprego”.

Ora, pontuamos anteriormente, entre aspas que, as personagens Paco e Mick “se negam” a trabalhar e buscam a “alternativa” de viverem a experiência do mundo da criminalidade, porém, ambos não se negam e nem alternam suas experiências, mas sim, são levados à estratificação e marginalização social antes mesmo de se colocarem na experiência do mundo da criminalidade. Com isso queremos afirmar que, por serem pobres, não são beneficiados pela política econômica que se estabelece com o neoliberalismo, já que o mesmo favorece “o corte de impostos para os mais ricos”. Estes atributos sociais que atravessam estas duas juventudes distintas são semelhantes, mas não similares e são estes que as tornam grupos distintos que “encapsula ideias diferentes” (PAIS, 1990, p. 149).

Atributos sociais esses que também se fazem presentes e diferenciam uma juventude da outra, como podemos observar, por exemplo, nas representações construídas pelo cinema hollywoodiano dos anos 80: *Curtindo a vida adoidado* (1986) apresenta a história do jovem Ferris Bueller (Matthew Broderick) que “mata” aula e programa um dia divertido na cidade com sua namorada, interpretada por Mia Sara, e seu amigo melhor amigo, vivido por Allan Ruck. Na trama há uma representação do que seria o dia de diversão de um jovem da classe média. A questão pertinente a ser analisada nessas representações são os atributos sociais, ou seja, a uma realidade social e econômica, uma vez que a recusa individual Ferris Buller de ir à escola é vista positivamente, por tratar-se de jovem da classe média. No filme *Juventude em Fúria*, o espaço institucional da escola é valorizado para a manutenção do *status quo* dos jovens imigrantes, como adverte a personagem Gene Daniels (Jim Moody), o professor dos jovens na instituição correcional, na cena em que, o professor pede aos jovens detentos que leia um texto escrito por ele no quadro. Diante da incapacidade de realizarem a tarefa, o professor sentencia: “Se vocês soubessem ler não estariam aqui”, ou seja, na *Juvenile Correctional Facility* “Justice With Mercy”.

Diante dessas questões, a juventude emerge enquanto categoria social que não deve ser olhada apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade, em seus atributos sociais, que para Pais (1990) a diferentes juventudes e a diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, diferentes teorias. Sobre essas teorias contemporâneas sobre juventudes poderíamos agrupar em duas principais *correntes*: a corrente *geracional* e a *classista*. (IBIDEM, p. 151).

1.2 UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA DADA PODE CRIAR NOVAS POSSIBILIDADES

Quando falamos em teorias sociais das juventudes com base na corrente geracional e classista, não ficam evidenciadas as trajetórias históricas percorridas pelas mesmas e que dividem o campo da sociologia da juventude. A partir disso, admitimos o caráter de juventude enquanto uma construção histórica “como realidade social e como ideia teórica”⁴⁴. Cada tempo histórico constrói a sua juventude, com características e comportamentos próprios de cada momento condicionado pelas relações históricas e sociais. Nesse sentido, pensando as especificidades de cada movimento que se constitui em contextos históricos particulares, a compreensão de juventude que chega ao contemporâneo é fruto de uma formação discursiva que emerge ainda da juventude na sociedade industrial,

Quando surge, pois, essa realidade social que temos chamado de adolescência e juventude, na sociedade industrial? Quando se generaliza um período de vida que se estende entre a dependência infantil e a autonomia adulta? Quando se difundem a imagem e os estereótipos que hoje associamos à juventude? (PÀMPOLS, 2004, p. 294).

Frank Musgrove afirmou, a partir de uma metáfora que “o jovem foi inventado ao mesmo tempo que a máquina de vapor. O principal inventor da máquina de vapor foi Watt, em 1765, e do jovem foi Rousseau, em 1762”. (MUSGROVE, 1964, p. 33 Apud. PÀMPOLS, 2004, p. 295). Para Pàmpols (2004), Rousseau desempenhou um papel importante ao “descobrir” o reino da infância e da juventude, ainda que o autor as concebesse como estágios naturais da vida. A primeira impressão do mundo moderno que permeia, ainda hoje, a adolescência foi impressa por ele, ao destacá-la como um “segundo nascimento, uma metamorfose, o estado da existência no qual se desperta o sentido social, a emotividade e a consciência social. (PÀMPOLS, 2004, p. 295).

⁴⁴ Conforme sugere Carlos Feixa Pàmpols (2004).

Sua insistência sobre o caráter natural desta fase da vida, sobre a inevitabilidade da crise da adolescência, a necessidade de segregar os jovens do mundo dos adultos, e a justificação de um assíduo controle sobre suas vidas, tinha grande influência nas teorias posteriores de psicólogos e pedagogos (LUTTE, 1992; FISCHER, 1975. Apud. PÀMPOLS, 2004, p. 295).

O conjunto de discursos construídos a datar de Rousseau acerca da adolescência e da juventude é representado contemporaneamente por uma série de regularidades do tipo “ordem, correlação, funcionamento e transformação” (FOUCAULT, 1971, p. 63). As regras de formação determinam condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma repartição discursiva dada. (INDURSKY, 2007, p. 02).

Todo este jogo de relações constitui um princípio de determinação que admite ou exclui, no interior de um discurso dado, um certo número de enunciados [...]; uma formação discursiva não ocupa todo o volume possível que lhe abrem de direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; é essencialmente lacunar e isto pelo sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí que, retomada, colocada e interpretada em uma nova constelação, uma formação discursiva dada pode fazer aparecer novas possibilidades. (FOUCAULT, 1971, p. 83).

A formação discursiva moderna construída por Rousseau e que continua a influenciar as compreensões sobre as juventudes contemporâneas também são contestadas, de acordo com a construção epistemológica das ciências contemporâneas, uma vez que uma formação discursiva “é essencialmente lacunar”. Nesse aspecto, Carles Pàmpols (2004) menciona a compreensão de juventude elaborada em princípios do século XX por G. Santanley Hall, psicólogo estadunidense, autor de *Adolescence its Psychology and its Relations to Physiology, Anthopoly, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education* (1904). G. Hall (1904), compreendia, de acordo com Pàmpols (2004), a juventude como “a fase da vida individual entre a puberdade fisiológica (uma condição natural) e o reconhecimento do status de adulto (uma condição cultural)”. (PÀMPOLS, 2004, p. 258). Com base na ideia de “fase da vida”, podemos compreender como a explicação da noção de juventude é construída, a partir de uma homogeneização e uniformização que supôs o mesmo processo de encarar o mundo para os jovens.

Afirmou-se que a juventude constitui um universo da cultura, uma fase natural do desenvolvimento humano que se encontraria em todas as sociedades e momentos históricos, explicados pela necessidade de um período de preparação e amadurecimento entre a dependência infantil e a plena inserção social. (IBIDEM, p. 259).

A juventude como fase natural do desenvolvimento humano é fruto da lealdade de Hall aos escritos de Charles Darwin e sua contribuição foi reconhecida também pela Psicologia quando essa ainda se fundava como disciplina científica. A Psicologia Biogenética⁴⁵, de Stanley Hall, acreditava que o organismo humano, durante o desenvolvimento, passava por estágios, assim, a juventude seria o momento em que o indivíduo se encontraria em transição da fase de “dependência infantil” para a plena inserção social. Isso era a garantia de ingresso no mundo civilizado.

Essa forma de conceber e de legitimar a juventude é o caminho interpretativo que Machado (1990, p. 140) sugere “a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada ‘fase de vida’, prevalecendo a busca por aspectos mais uniformes e homogêneos”. Portanto, é uma forma de conceber a juventude em termos etários. “Inclusive se chegou a afirmar que as crises e conflitos que caracterizavam este período seriam também universais, uma vez que estão determinados por causas biológicas próprias a toda espécie humana”. (IBIDEM, p. 259).

Sobre a contribuição de Hall, a partir da psicologia biogenética do desenvolvimento humano, de acordo com Kleber Adão (1994, p. 09), “fica enfatizado, tendo em vista esta colocação, que o meio ambiente social não era uma variável interveniente nesse processo, o que foi fortemente rebatido pelos antropólogos e sociólogos de tendência culturalista”⁴⁶.

De fato, a antropóloga cultural norte-americana, Margaret Mead, inicia a sua pesquisa com os adolescentes samoana justamente como intuito de rebater as teses levantadas por Stanley Hall. Conforme ressalta Pàmpols (2004, p. 259), “mostrando a ausência de conflitividade das adolescentes samoanas, Mead viria a desmascarar a universalidades das teses de Hall”. Segundo Mead após concluir seus estudos “a adolescência não representa um período de crise ou tensão, mas, ao contrário, o desenvolvimento harmônico de um conjunto de interesses e atividades que amadureciam lentamente”. (MEAD, 1985, p. 153 Apud. PÀMPOLS, 2004, p. 259).

⁴⁵ Cf. Implicações pedagógicas da teoria do desenvolvimento humano de Stanley Hall. Disponível em: <http://www.revistamineiradeefi.ufv.br/artigos/arquivos/3783e98b47bb6523dfa1310a0c3887bf.pdf> . Acessado em 21/04/2016.

⁴⁶ Ainda acrescenta o autor sobre as convicções de G. Stanley Hall: “Por não considerar o meio ambiente como variável determinante no processo de desenvolvimento do ser humano, Hall aconselha aos pais e educadores que fossem tolerantes com seus filhos nesta fase quando certos comportamentos se apresentarem frente a eles como inaceitáveis. Eram, segundo Hall, comportamentos que caracterizavam fases arcaicas da história evolutiva do homem necessárias para que a criança chegasse ao estágio posterior de desenvolvimento social. Estes comportamentos desapareceriam nos próximos estágios de desenvolvimento (adolescência) sem haver necessidade de correção educacional ou de cunho disciplinar”. (ADÃO, 1994, p. 09).

O debate sobre a universalidade da juventude continuou para além das contribuições de Stanley Hall e de Margaret Mead, com as teses defendidas por Gerard Lutte (1986) na obra *Sopprimere l' adolescenza?* Que sugeriu uma leitura da juventude como construção cultural e historicamente relativa em oposição à ideia de fase natural do desenvolvimento humano.

A adolescência não é um período natural e universal da existência humana, mas uma fase cultural que aparece em certas sociedades num determinado momento e seu devir histórico... Os etnólogos nos dão a reconhecer numerosas sociedades tradicionais nas quais não existe a adolescência. Nessas sociedades, os rapazes e as garotas, num período aproximadamente coincidente com a puberdade fisiológica, passam diretamente da infância à vida adulta, assumindo todos os deveres e direitos dos adultos. (LUTTE, 1984, p. 17 Apud. PÀMPOLS, CARLES, 2004, p. 260).

Torna-se evidente que a perspectiva elaborada pela Psicologia Biogenética de Hall, que, no início, ignorava o meio social e cultural sobre os indivíduos, começou a marcar presença em estudos mais pontuais como o dos antropólogos e sociólogos culturalistas, desconstruindo a ideia de adolescência como universalidade e como fase de vida homogênea e uniforme. Começava a aceitação da ideia de adolescência como “construção cultural e historicamente relativa” (PÀMPOLS, 2004, p. 259). A tese construída por Lutte afirma que ele “vê a adolescência como uma fase de marginalização e de exclusão social, considera que é possível suprimi-la com uma mudança revolucionária da sociedade que devolva aos jovens seu protagonismo”. (PÀMPOLS, 2004, p. 260). Na contramão do que propôs Lutte (1984), José Luis Zárraga (1985) tentou refutar essa tese. Para ele “a juventude é, em qualquer sociedade, e não só nas sociedades modernas, um processo essencial, sem o qual não é possível a reprodução dos agentes sociais”. (ZÁRRAGA, 1985, p. 18, Apud. PÀMPOLS, 2004, p. 260).

As disputas entre a Psicologia Biogenética de Hall, e os estudos dos antropólogos e sociólogos culturalista possibilitavam a oposição de enunciados defendidos dentro de cada formação discursiva que emergia em defesa da compreensão de juventude enquanto construção dentro de ciências que se excluía. Estas formações discursivas fomentavam a construção de “escolhas estratégicas” e regulava através de relações de poder a compreensão sobre ser jovem no mundo moderno e posteriormente no mundo contemporâneo.

Pàmpols (2004) demonstra a trajetória histórica percorrida pela sociedade ocidental após a Segunda Guerra Mundial quando surge o “modelo conformista da juventude, o ideal da adolescência como período livre de responsabilidades, politicamente passivo e dócil, que gerações

de educadores quiseram impor” (PÀMPOLS, 2004, p. 306). Nesse contexto também surge a imagem “do rebelde sem causa, cujo inconformismo não passava de uma atitude estritamente individual”⁴⁷ Transformações que aconteciam ao mesmo momento em que a Europa vivia sob o Estado de bem-estar social, nos anos 60, contexto econômico marcado pelo avanço do “capitalismo organizado”⁴⁸,

[...] num contexto econômico de plena ocupação e crescente poder aquisitivo, ante a difusão da sociedade de consumo e dos meios de comunicação de massas, com a escolarização em massa dos jovens e o nascimento do *teenager market*, pareceu que o modelo idealizado por G. Stanley Hall chegava à culminância (Ibidem, p. 306).

A invenção do *teenager* como um mercado adolescente acontece *pari passu* à Segunda Guerra Mundial, de acordo com Savage (2009, p. 11), “em 1944, os americanos começaram a usar a palavra *teenager* para descrever a categoria de jovens com idade entre 14 e 18 anos”. Quando buscamos encontrar a justificativa deste discurso emergir justamente na primeira metade nos anos 40, observamos que o termo advém das necessidades do mercado, como pondera o autor “desde o início, foi um termo de *marketing* usado por publicitários e fabricantes que refletia o poder de consumo recentemente visível dos adolescentes” (IBIDEM, p. 11). Logo se torna compreensível que os jovens como um grupo etário com características e rituais próprios é engendrado no século XX.

O fato de que, pela primeira vez, os jovens se tornaram um público-alvo também significava que eles tinham se transformado num grupo etário específico com rituais, direitos e exigências. A invenção do *teenager* coincidiu com a vitória dos americanos na Segunda Guerra Mundial [...]. Na verdade, a definição de jovem como um consumidor era uma excelente oportunidade para uma Europa devastada (Ibidem).

A tese levantada por Savage (2009) demonstra uma pré-história do *teenager*, ou ainda, o autor questiona o consenso de que a cultura jovem do pós-guerra não é tão nova como parece ser; os Estados Unidos contribuíram muito para a construção do *teenager* pós-guerra como um “grupo

⁴⁷ No cinema, *Rebel Without a Cause* é um filme norte-americano, de 1955, do gênero drama, dirigido por Nicholas Ray, com a atuação do jovem Jim Stark. A imagem midiática do jovem como “rebelde sem causa” foi imortalizada quando James Dean morreu em um acidente automobilístico, antes mesmo do término das exhibições do filme que o consagrara nos cinemas.

⁴⁸ No quarto de século que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, os países capitalistas centrais apresentaram um crescimento econômico sem precedentes na história do desenvolvimento capitalista. Esse período estendeu-se por aproximadamente 25 anos e foi denominado de Anos Dourados pela literatura anglo-saxônica, dado o virtuosismo do período, revelado por seus indicadores macroeconômicos (MATTOS, 1997, p. 125).

etário específico com características e rituais próprios” e para a exportação desta forma de compreensão do jovem “nos últimos sessenta anos, esta imagem do adolescente pós-guerra dominou o modo com o Ocidente vê os jovens e tem sido exportada com sucesso para todo o mundo”. Porém, Savage (2009) demonstra que o *teenager* contemporâneo tem um “precedente vívido e volátil” desde o fim da modernidade, segundo o autor “desde o último quartel do século XIX houve muitas tentativas conflitantes de imaginar e definir o status do jovem (SAVAGE, 2009, p. 11).

De acordo com Savage (2009) no alvorecer do século XIX as disputas para afirmar e definir o jovem eram travadas entre “esforços combinados para arregimentar adolescentes usando políticas nacionais, fosse a partir de visões proféticas, artísticas, que refletiam o desejo dos jovens viverem segundo suas próprias regras” (IBIDEM, p. 11). Dessas disputas travadas entre instituições e os discursos construídos por elas a respeito do corpo do jovem, a Sociologia enquanto ciência problematizou estas compreensões superficiais em prol de outras mais substanciais, oriundas de questionamentos produzidos no seio da disciplina científica. Nesse sentido, a sociologia da juventude surgiu como campo científico de pesquisa e proporcionou formas de compreensão mais pontuais sobre a cultura juvenil e, conseqüentemente, acerca da categoria de análise social nomeada de juventudes⁴⁹ contribuindo, assim para a conclusão de que uma formação discursiva dada pode fazer aparecer uma nova possibilidade de compreensão de um fenômeno.

Dialogar com a sociologia da juventude como campo de pesquisa é se atentar às possibilidades de investigação sobre as juventudes e suas relações com a cultura contemporânea, uma vez que o mundo nos chega através de representações e estas circulam em redes por toda a sociedade. A corrente de estudos de filiação “geracional” defende a noção da juventude como fase de vida, marcada pelas suas características uniformes. Como salienta Pais (1990, p. 152) “a corrente geracional tomo como ponto de partida a noção de juventude quando referida a uma *fase de vida*, e enfatiza, por conseguinte, o *aspecto unitário da juventude*” (grifo nosso). A base desta corrente se sustenta e “diz respeito à continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais” (PAIS, 1990, p. 152). Isto significa compreender que as características, os elementos e rituais são

⁴⁹ Pâmpols (2004, p. 295) lembra que “apesar de tudo, não é possível identificar o nascimento da juventude com uma data precisa nem confundi-lo com o surgimento das teorias sobre este período da vida. De fato, como grupo social consistente e difundido entre as diversas classes sociais, não apareceria até este século, ainda que possamos rastrear sua origem no largo processo da transição do feudalismo para o capitalismo e a industrialização, que abarca do século XVI ao XIX, assim como nas sucessivas mutações produzidas na família, na escola e na cultura.

precedentes de outras gerações. Pais (1990) afirma que “o quadro teórico dominante baseia-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo e nas teorias das gerações” (Ibidem, p. 152). Em sentido oposto, a corrente classista pensa a juventude “em moldes diferentes” (PAIS, 1990). O autor afirma que, “para a corrente classista, a reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução das *classes sociais*”.

Por esta razão, os trabalhos desenvolvidos na linha desta corrente são, em geral, críticos em relação ao conceito mais vulgar de juventude – isto é, quando aparece associada a uma “fase da vida” – e acabam mesmo por ser críticos em relação a qualquer conceito de juventude, já que, mesmo entendida como *categoria*, acabaria por ser denominada por “relações de classe” (IBIDEM, p. 157).

Por isso, torna-se importante desconstruir as representações das juventudes sustentadas pelas mídias por meio de análises sociológicas. Tais representações alimentam estereótipos com relação aos jovens, reforçam pontos de vista machista, sexista, racismo, homofóbico, serve como fonte para alimentar a imagem da mesma como um “problema social” que precisa ser resolvido. Juntamente a esta questão de desconstrução, cabe considerar as relações de classe que permeiam as juventudes, uma vez que este marcador social atravessa e constitui as identidades sociais dos sujeitos em questão.

Diante de tais considerações acerca das compreensões sobre a juventude como categoria e análise social que se encontra circunscrita a um determinado contexto histórico e social, perpassada por relações de classe que operam, nos jovens, relações de poder que moldam suas identidades sociais, reforçamos a necessidade de pensá-la distintamente, ou ainda, considerando os atributos sociais que marcam seus corpos e imprime sobre eles uma posição social; faz-se necessário discutir as representações de Mick e Paco situando-os como jovens imigrantes pobres, nos Estados Unidos, anos 80, marcado pelas políticas conduzidas pelo gabinete de Ronald Reagan, que retirou dos mais pobres o Estado de bem-estar social inserindo grupos sociais pobres e diversos dentro de instituições correcionais, ou ainda, dentro de outro mercado que também se encontrava em plena expansão: a indústria carcerária.

CAPÍTULO 2 – POLÍTICA E IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS DURANTE A ERA REAGAN

Os anos 80 nos Estados Unidos foram marcados pela implementação da ideologia e política neoliberal que, de acordo com Theotonio dos Santos (1999), inicia-se com a vitória da primeira ministra Margareth Thatcher, na Inglaterra, e com a eleição do presidente Ronald Reagan durante dois mandatos consecutivos nos Estados Unidos entre 1981 e 1989. Neste período “vários grupos políticos de direita se reorganizaram em torno das possibilidades abertas para a implantação de seus projetos” (TROVÃO, 2010, p. 86).

O projeto liderado pela direita neoconservadora não reconhecia e nem dava credibilidade aos movimentos que participaram da luta por direitos civis na década de 60 e 70 e, diante disso, instaurava-se um projeto neoliberal de sociedade na Inglaterra e nos Estados Unidos que “se complementaram com a diminuição de impostos sobre as camadas mais ricas da população e cortes importantes dos gastos sociais”. (T. SANTOS, 1999, p. 119). Naquela época “as políticas econômicas dos países mais poderosos estiveram dirigidas a uma desregulamentação de vários mercados, à privatização de certas empresas, ao aumento da competitividade internacional” (IBIDEM).

Nesse contexto, primeiramente, discutiremos a política aplicada pelo gabinete do presidente Ronald Reagan e quais grupos políticos estavam alinhados ao governo, na tentativa de explorar as bases ideológicas do projeto de nação colocado em prática naquela época, construindo, assim uma teoria crítica da sociedade, procedimento necessário para interpretar as representações que advém do filme. Em segundo momento, nos debruçaremos, mais especificamente sobre a relação da gestão do presidente com as políticas de imigração e os debates em torno da presença dos imigrantes em solo estadunidense. Em outras palavras, é necessário “especificar que disputas estão em andamento, entre que grupos e que posições, havendo uma intervenção do analista cultural para explicitar o que é visto como lado mais progressista” (KELLNER, 2001, p. 133).

Partimos da ideia de que o filme pode ser visto como uma forma de alerta aos “verdadeiros” cidadãos estadunidenses sobre perigos eminentes ofertados pela presença de grupos de imigrantes, bem como reafirmar a necessidade da não aceitação da integralização dos mesmos à sociedade estadunidense articulando, assim, a presença dos mesmos com os altos índices de criminalidade, principalmente no que se refere ao tráfico de drogas ilícitas no país. Nesse aspecto, a narrativa fílmica produz uma perspectiva reacionária da compreensão de como as políticas da imigração

deveriam ser entendidas pelos estadunidenses durante os debates acerca da reformulação da Lei de Imigração e da presença dos imigrantes no país.

2.1 A ASCENSÃO DA NOVA DIREITA E DE RONALD REAGAN NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 1980

Ariel Finguerut (2009) ao discutir a formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos esclarece que “o que entendemos por direita cristã passa tanto por um movimento de cunho religioso e conservador como também por um movimento político que caminhou da condição de *outsider* nos anos de 1970 para uma das forças mais bem organizadas e influentes, principalmente no Partido Republicano no limiar do século XXI” (FINGUERUT, 2009, p. 113)

O autor explica que a história da direita cristã começa em 1973 devido à decisão da Suprema Corte favorável ao aborto, no famoso caso *Roe versus Wade*. Ao longo da trajetória histórica, a direita cristã contou com o apoio de outras forças políticas como os neoconservadores⁵⁰, entre eles, “Igrejas, pastores, políticos e *think tanks*⁵¹ como os batistas do Sul, Jerry Falwell e Pat Robertson, Ralph Reed, Garry Bauer, *Family Research Council* e Karl Rove” (Ibidem, p. 114).⁵²

Para Saxe-Fernández (1989) “a chegada da Nova Direita ao poder dos Estados Unidos representou “a articulação de vários grupos ultradireitistas, firme e tenazmente apoiados economicamente por grandes empresas” (SAXE-FERNÁNDEZ, 1989, p. 66). A luta instaurada por este grupo político se estendeu não somente ao projeto de cunho econômico neoliberal, mas, sobretudo, à consolidação de um projeto moral de sociedade que se ancorava em pressupostos religiosos e de combate à suposta ameaça comunista que rondava a América Latina. Segundo Finguerut (2009) “toda a chamada nova direita, onde a direita cristã se inclui como também os neoconservadores e o conservadorismo, por eles revigorado, influenciaram o Partido Republicano e a própria sociedade americana” (FINGUERUT, 2009, p. 115). A experiência histórica deste grupo também está intimamente ligada a resposta que eles pretenderam dar aos movimentos sociais

⁵⁰ Apesar das afinidades políticas e ideológicas, boa parte dos neoconservadores é judia, grupo historicamente comprometido com o secularismo americano e tradicionalmente mais próximo dos democratas e cosmopolitas das grandes cidades do que republicanos e fundamentalistas cristãos, presentes principalmente no sul dos Estados Unidos (FINGUERUT, 2009, p. 123).

⁵¹ Grupos privados, mas às vezes sem fins lucrativos, que recrutam pessoas para se aprofundar e criar diagnósticos específicos. Os trabalhos de um *Think Tank* podem ser os mais diversos, do evolucionismo ao Estado de Israel (Ibidem).

⁵² Sobre a direita cristã, ver: ALVES JR, Alexandre Cruz. “Interpretações da liberdade: o dissenso americano levado aos tribunais (1983-1988)”. Tese. Niterói, UFF, 2015.

que surgiram nos anos 60 nos Estados Unidos; os movimentos feministas, estudantes, trabalhadores, imigrantes e minorias étnicas que lutavam pela ampliação dos direitos sociais. Alguns, criticavam o consumismo, a moralidade religiosa, o militarismo, a Guerra do Vietnã, entre outros (FILHO, 2010). “Houve também nessa época grande efervescência cultural e política, marcada em parte, pela contracultura dos *beats*; bem como pela cultura *hippie* (consolidada em 1967)” (FINGUERUT, 2009, p. 116). Porém, as décadas de 1960 e 1960 também foram de intensas transformações para os religiosos e conservadores, como observa Finguerut (2009),

As mudanças nos costumes, principalmente o declínio de uma prática então muito comum, a de se rezar nas escolas americanas, somadas à inédita liberdade de expressão que incluía o que muitos consideravam pornografia, levaram a uma organização militante dessas pessoas. De partida, buscavam mudar o perfil da Suprema Corte, responsável por parte dessas transformações e em parte suscetível a pressões políticas⁵³ (IBIDEM).

Fica justificado, assim, a emergência da direita cristã e a filiação de outros membros de segmentos diversos da sociedade estadunidense em meio às disputas sociais travadas entre grupos sociais distintos, buscando o reconhecimento dos mesmos por parte do Estado. “Carter, um renascido cristão, foi um marco para a mobilização dos grupos religiosos que posteriormente ganhariam o nome de direita cristã” (Ibidem). Foi durante seu governo que em 1978 que o presidente mudou a regra fiscal para as escolas dos Estados Unidos, o que as forçou a pagarem mais impostos. “Como consequência, as escolas cristãs – as mais afetadas – mobilizaram-se e começaram a organizar-se politicamente para, em nome da causa cristã, evitar que o governo as prejudicasse” (IBIDEM).

Segundo Finguerut, “um dos primeiros a perceber tal potencial foi o fundador da *Young Americans For Freedom* (o mais antigo e talvez maior grupo conservador dos EUA) e do tradicional *Conservative cáucus*, o experiente Howard Phillips [...], os dois se uniram e juntos convenceram o pastor Jerry Falwell da Virgínia. “Todos eles, inspirados pelas palavras do também entusiasta Paul Wyrich, formaram a Maioria Moral, que inicialmente visava influenciar as primárias do Partido Republicano no final dos anos 1970” (IBIDEM).

Na mesma esteira de pensamento, Roberto Neto (2010, p. 74-82) demonstra como na década de 1970 emerge, nos Estados Unidos, organizações religiosas ligadas à nova direita

⁵³ “Os juízes da Suprema Corte são soberanos e cabe somente a eles interpretar a Constituição, todavia, cabe ao presidente periodicamente indicar ao Congresso um nome para compor a Suprema Corte” (FINGUERUT, 2009, p. 116).

neoconservadora. Para Neto (2010) o grupo religioso composto pelos evangélicos cresceram significativamente ao fazer o uso dos meios de comunicação: rádios, TVs, colégios, seminários, grupos jovens e jornais. Nesse sentido, pondera Finguerut (2009),

Falwell ganhou peso com o movimento que já nascia forte e legítimo (traduzido na ideia de uma maioria moral), cuja função seria a de registrar novos eleitores, informar e mobilizar as pessoas, levando-as para o debate político com suas principais bandeiras em defesa da vida, da família, da moral, da pátria e do Estado de Israel, influenciando assim as eleições, e principalmente o Partido Republicano (FINGUERUT, 2009, p. 122).

Os grupos religiosos conservadores defendiam também uma proposta de política e economia que concebiam a crise de 1970 como “consequência da ‘degeneração social’ resultante de Watergate, do *New Deal*, da Grande Sociedade, dos movimentos sociais e das transformações dos anos 1960” (NETO, 2010, p. 76). Os neoconservadores e os religiosos, na verdade, instauraram um projeto político que visava combater o liberalismo político e suas propostas sociais para as populações mais pobres. Diante disso, “era necessário superar a crise restaurando os “verdadeiros valores” dos Estados Unidos. O Estado de Bem-Estar Social deveria ser combatido, pois substituíra os laços morais, comunitários e familiares pelo Estado e, por conta disso, promoviam o parasitismo e a preguiça⁵⁴. (IBIDEM).

Em 1979 a Maioria Moral já contava com 300 mil membros, e rapidamente os temas de interesse do grupo superaram a questão fiscal das escolas particulares e avançaram para temas como família, aborto, drogas, homossexualismo, adultério, sexo antes do casamento, pornografia e emenda constitucional dos direitos iguais (FINGUERUT, 2009, p. 122).

Diante disso, começa a ficar evidente de como nos Estados Unidos acontece um movimento oposto ao registrado na Europa quando a religião começa a se afastar das decisões políticas do Estado, nos EUA a religião tem participado ativamente da construção de políticas públicas. “Em comum, neoconservadores e a direita cristã apresentavam grande preocupação com a “moderna família americana” (IBIDEM)”.

Ambos os movimentos surgiram como reações, no caso dos evangélicos, às leis que permitem o aborto e proíbem a oração e a leitura da Bíblia nas escolas, assim como ao

⁵⁴ Ainda segundo Roberto Moll Neto (2010, p. 76) “assim, os valores como a liberdade, a autonomia, o progresso e a moral, o individualismo e as oportunidades ilimitadas foram tomados como características naturais, em contraposição, ao humanismo, ao multiculturalismo, ao coletivismo, ao ambientalismo, ao liberalismo, em suma, às transformações e às questões sociais da década de 60”.

crescimento do divórcio e adultérios resultantes da fragilidade do casamento de modo geral e da sedimentação da separação entre as esferas públicas e religiosa; no caso dos neoconservadores, uma reação à modernidade, ao liberalismo, ao Estado de bem estar-social e aos *status quo* conservador, marcado pelo isolacionismo, pelo racismo e pela valorização da tradição (IBIDEM, p. 123).

A ideia de que os programas sociais gestados pelo governo causavam a degeneração social dos grupos sociais que se beneficiavam com esta política foi defendido por intelectuais neoconservadores sob a influência da moral religiosa e das teorias econômicas neoconservadoras.

Na lógica neoconservadora, as políticas sociais liberais atribuíam ao Estado papéis que deveriam ser assumidos pelos familiares, pela igreja e pela comunidade. O Estado destinava recursos para os programas sociais, ao invés de incentivar a livre iniciativa e o emprego; eram condescendentes com a criminalidade, uma vez que abandonavam a sua verdadeira função, a manutenção da ordem pública, em nome de outras atividades utópicas. (IBIDEM, p. 77).

O que estava em jogo era a luta pela queda do Estado de Bem-Estar Social que como uma política liberalista consolidava o acesso das populações mais pobres a bens sociais, e a instauração de um projeto político e econômico que se concretizou na Era Reagan. Para Trovão “desde o início de seu mandato, era percebida a relação entre a emergência de um estado voltado para as questões do mercado e das grandes corporações e a diminuição dos serviços sociais” (2010, p. 94).

De acordo com Neto (2010) com aprofundamento da crise de 1970, os estadunidenses passaram a desconfiar cada vez mais da política e do poder da nação. Assim, como forma de combater a crise, passaram a rejeitar as propostas econômicas liberais e à própria Nação Rooseveltiana. Entre as propostas dos neoconservadores, podemos destacar a redução de impostos, corte dos gastos federais, sobretudo nos programas sociais; resgatar o federalismo repassando diversos programas sociais para as administrações estaduais e locais e extinguir as regulações federais. “Em suma, os neoconservadores prometiam reverter as políticas adotadas pelos liberais no século XX, principalmente aquelas desenvolvidas durante o *New Deal* e a Grande Sociedade” (Ibidem). O argumento era de que essas políticas destruíam a nação, ou ainda, como afirma NETO (p. 21) “minavam características essenciais dos estadunidenses como liberdade, independência, trabalho duro, iniciativa, empreendedorismo, competitividade, fé em Deus e força” (IBIDEM).

Diante disso, a proposta de diminuição dos gastos públicos federais com a manutenção dos programas sociais era importante para o novo projeto político, pois, para os conservadores, a crise que os Estados Unidos viveram nos anos 70 era uma consequência do Estado-providência.

“Como consequência, as famílias se desestruturavam, os jovens perdiam as esperanças e passavam a valorizar a leniência e o consumo de drogas e a sociedade se fragilizava diante da criminalidade” (IBIDEM).

Seguindo esses pressupostos, “os neoconservadores fizeram um trabalho velado de criminalização do Estado de Bem-Estar Social e dos pobres que estavam inseridos nos programas sociais” (IBIDEM). Portanto, para a direita cristã e os neoconservadores “a degeneração social e moral era, supostamente, decorrente das políticas de direitos civis, da seguridade, dos programas sociais e dos pobres que deles participavam”. (IBIDEM).

As pessoas, principalmente mulheres e negros que participavam dos programas sociais, inclusive daqueles abertos a todos os estadunidenses como educação pública, foram classificados como desajustados socialmente, dependentes, vagabundos, drogados, criminosos e destruidores de lares (IBIDEM).

Para além dos ataques dirigidos aos grupos sociais pobres, “os políticos liberais, sobretudo Democratas, passaram a ser vistos por segmentos cada vez maiores como corruptos, ineficientes, representantes de negros e minorias, fracos e irresponsáveis” [...] (IBIDEM). O processo de criminalização não se restringia somente aos movimentos sociais, mas, também, aos próprios propositores de políticas econômicas e sociais que perpassavam estes grupos sociais pobres.

Diante das tensões instauradas entre a direita cristã juntamente com os neoconservadores contra os direitos conquistados historicamente por mulheres, negros, homossexuais; temos a vitória de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos, pelo Partido Republicano, que coordenou a política de dismantelamento do Estado de Bem-Estar Social em prol do aumento do orçamento bélico, realizando assim os desejos e fetiches da direita cristã. “Assim, os neoconservadores prometiam recuperar o passado glorioso da nação, com suas características essenciais, e colocá-la novamente no caminho para um futuro designado por Deus. Reagan prometeu fazer tudo isso sem descuidar da defesa da nação” (IBIDEM).

A luta instaurada por este grupo político se estendeu não somente ao projeto de cunho econômico neoliberal, mas, sobretudo, à consolidação de um projeto moral de sociedade que se ancorava em pressupostos religiosos e de combate à suposta ameaça comunista que rondava a América Latina, “[...] cujo pensamento, nitidamente sintetizado por Dean David A. Noebel, no qual Reagan e muitos de sua geração se formaram”. (IBIDEM, p. 66).

[...] os comunistas desenvolveram uma elaborada técnica científica, calculada e dirigida a

inutilizar a juventude norte-americana por meio de ataques a seu sistema nervoso, promovendo a deterioração e o retardamento mental [...]. A música destrutiva dos Beatles simplesmente reforça o reflexo excitatório da juventude no ponto em que se cruza com o reflexo inibitório: tudo isso debilita o sistema nervoso do jovem e o faz sofrer uma neurose artificialmente induzida. O horrorizante, e também fatal, deste estado de destruição mental, é que estes adolescentes, uma vez que tenham entrado em estado de excitação e hipnose, podem ser dirigidos para fazer qualquer coisa, e o farão. (IBIDEM).

A afirmação de um suposto projeto científico que causava excitação e hipnose através do som provocando pelas guitarras da banda *The Beatles* ocupava o imaginário da nova direita, uma vez que isso, de acordo com o grupo, deturpava os valores morais da sociedade estadunidense, principalmente dos jovens, por isso, significava a profanação da juventude e da fé do povo eleito por Deus.

Segundo Flávio Trovão (2010) em discurso proferido, em 1983, na Convenção Nacional das Igrejas Evangélicas dos Estados Unidos que ficou conhecido como “*Evil Empire*” (Império do Mal), Ronald Reagan disse “tenho certeza de que você deve desanimar às vezes, mas você fez melhor do que sabe. Há um grande renascimento espiritual na América, *uma renovação dos valores tradicionais que tem sido o alicerce da bondade e da grandeza da América*”⁵⁵.

Reagan chega à presidência dos Estados Unidos, eleito pelo Partido Republicano coordenando a política de desmantelamento do Estado de Bem-Estar Social em prol do aumento do orçamento bélico. A culpabilização do Estado-providência como o responsável pela crise do ponto de vista dos neoconservadores deve ser tensionada para que fique evidente os limites do projeto sugerido por esse grupo político. Existe uma contradição latente entre o desmantelamento do Estado-providência e a aplicação de dinheiro no setor bélico.

No ano de 1981, o Congresso americano aprovou um corte de verbas destinadas às redes de proteção social na ordem dos 140 bilhões de dólares. As áreas mais afetadas eram as seguintes: Saúde (- 1,1 bilhão); Alimentação (-1,7 bilhão); Educação (- 1,4 bilhão); auxílio a famílias pobres com dependentes (- 1,2 bilhão); Seguro desemprego (- 3,8 bilhões). Ao total, os programas “encolheram”, naquele ano. 20% em relação ao ano anterior. Concomitantemente, o orçamento militar teve um incremento de 16 bilhões em 1982 e, ao longo do primeiro mandato do presidente, o orçamento anual bélico atingiu a cifra de 300 bilhões de dólares. (IBIDEM, p. 95).

⁵⁵ Reagan Foundation. Apud. Trovão, 2010, p. 90). Tradução livre de: “I’m sure that you must get discouraged at times, but you’ve done better than you know, perhaps. There’s a great spiritual awakening in America, a renewal of the traditional values that have been the bedrock of America’s goodness and greatness”. Discurso proferido em 08 de março de 1983.

O economista Marcelo Filho (2001) ao analisar a experiência neoliberal americana nos anos 1980 concluiu que os cortes de gastos defendidos pelo projeto político econômico neoliberal foi um artifício retórico para a aceitação dos cortes de impostos que beneficiavam os ricos. O Estado, nesse sentido, não abandonou as políticas fiscais expansionistas keynesiana. O projeto político dos neoconservadores juntamente com as teorias econômicas também conservadoras propôs uma luta ao antigo liberalismo estadunidense e a construção de uma economia de livre mercado, sem a intervenção do Estado, mas não é o que acontece na Era Reagan, “essa diminuição do Estado [...] não deve ser interpretada como uma relativa diminuição da influência do Estado na economia, visto o aumento em outras áreas da economia, como o setor bélico” (TROVÃO, 2010, p. 95).

Os problemas que tinham dominado a crítica ao capitalismo antes da guerra, e que a Era de Ouro em grande parte eliminara durante uma geração – “pobreza, desemprego em massa, miséria, instabilidade” – reapareceram depois de 1973. (HOBSBAWM, 1995, P. 393).

A instabilidade e a crise foram sentidas mais fortemente por alguns grupos sociais pobres dos Estados Unidos, entre eles, homens, mulheres, negros e imigrantes que eram considerados como degenerados socialmente. Para além do desmantelamento do Estado-providência, a crise dos serviços sociais e o encarceramento da população negra apontado por Trovão (2010), temos outro grupo social que será combatido tal qual o foram os negros: os imigrantes. Como afirma Neto,

“Os estrangeiros que imigram para os Estados Unidos, legal ou ilegalmente, e não passam pelos processos de naturalização ou requisição de cidadania, não são de fato nem de direito, considerados cidadãos nacionais. [...] por outro lado, de forma geral, os filhos dos imigrantes nascidos em solo estadunidense são, por direito, cidadãos nacionais, ou seja, fazem parte da nação. Entretanto, frequentemente, os cidadãos estadunidenses que são filhos e netos de recém imigrados sofreram com os estereótipos, que transformaram seus pais em “outros” para diferenciá-los dos cidadãos nacionais.” (NETO, 2012, p. 01).

Nesse sentido, o filme *Juventude em Fúria* ao construir representações dos jovens Mick e Paco, respectivamente, como descendentes de imigrantes irlandês e latino-americano, pode ser compreendido, neste contexto, como uma representação da realidade das políticas lideradas pelos neoconservadores nos Estados Unidos dos anos 80. Os imigrantes na representação *diegética* vivem uma experiência de vida contrária às vividas pela população da classe média.

Quando Eric Hobsbawm (1995) ressalta que a “pobreza, desemprego em massa, miséria, instabilidade” – reapareceram depois de 1973”, observamos no filme em questão, a representação

dessa afirmação quando o imigrante latino Paco Moreno, ao receber em sua casa uma mala cheia de drogas ilícitas, provavelmente cocaína, exclama: “*Estamos ricos! Vocês ouviram? Estamos ricos!*” O projeto político neoconservador juntamente com aspirações religiosas construiu um projeto de narrar e imaginar a nação no qual os imigrantes e demais grupos sociais pobres não podiam ser abarcados. Os eleitos de Deus, em uma visão profética da sociedade, eram apenas os que possuíam no sangue as origens estadunidenses, os demais que dependiam dos programas sociais, mulheres, negros e imigrantes, ainda que fossem filhos da pátria, eram um empecilho para o desenvolvimento deste projeto, por onerar gastos e pouco contribuir. A exclamação de Paco Moreno expressa uma representação da realidade, uma vez que os Estados Unidos, nos anos 80, enquanto nação economicamente mais forte do mundo, vira-se contra àqueles que vivem entre as memórias da partida e o solo que os recebem, com uma política que desmantelaria o sonho de ser rico através do trabalho formal. A expressão “*Estamos ricos*” advém como o desejo daqueles que foram marginalizados, que só podem sonhar em tornar ricos perante a experiência da marginalidade, no caso deles, a “delinquência juvenil”, reforçada no comércio ilegal das drogas químicas que se encontrava em expansão nos anos 80.

2.2 O MITO FUNDACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS E OS IMIGRANTES

Os debates em torno da presença dos imigrantes sempre marcaram a história dos Estados Unidos, sendo que esta questão é compreendida de acordo com questões sociais, culturais e também religiosas da gestão eleita para presidência e os grupos políticos que se alinham a ela. Atualmente, para compreendermos as políticas migratórias construídas pelos Estados Unidos para regulamentação da entrada de imigrantes no país, é preciso retomar uma premissa mítica e histórica que serve como base para a fundação desta nação que se deu quando John L. O’ Sullivan⁵⁶ afirmou convictamente que “nosso destino manifesto atribuído pela Providência Divina para cobrir o continente para o livre desenvolvimento de nossa raça que se multiplica aos milhões anualmente”. Para o jornalista novaiorquino, Deus teria dado a este povo a função de libertar, desbravar, colonizar e civilizar os “bárbaros” e inseri-los dentro do projeto de progresso americano.

⁵⁶ John L. O’ Sullivan foi um influente colunista e escritor defensor do Partido Republicano. Utilizou pela primeira vez o termo “O Destino Manifesto”, em 1845.

Figura 02: Colúmbia



Fonte: Brasil Escola

Neste contexto, havia também, a imagem denominada coincidentemente de “*O Progresso Americano*”, de John Gast, onde Colúmbia, uma mulher com traços angelicais, é representada carregando uma rede de telégrafos (espalhando a comunicação), enquanto sob ela povos nativos e animais selvagens fogem. Esta representação alegórica desvela a chegada do progresso americano através de um destino manifesto divinamente e a forma como este se opõe ao que é tido como “atrasado, selvagem, improdutivo” que naquele momento era o Oeste da nação. Portanto, o expansionismo (àquele tempo) era a realização da vontade divina da mesma forma que, hoje, o imperialismo é a permanência desse caráter interventivo fundado e justificado miticamente por um suposto discurso divino.

Desde os tempos colônias, a América do Norte recebeu pessoas de classes sociais distintas; crianças, mulheres e homens pobres, porém, como nos lembra Karnal “nem só de órfãos, mulheres sem outro futuro e pobres constituiu-se o fluxo de imigrantes para as colônias. Há, minoritariamente, um grupo que a História consagraria como “peregrinos” (KARNAL, 2007, p. 38). Os “pais peregrinos” vinham fugindo das perseguições religiosas inglesas do século XVI, assim, estes se fixaram na América, e a historiografia clássica os consideraram os principais

colonizadores. “Os “pais peregrinos” (*pilgrim fathers*) são tomados como fundadores dos Estados Unidos. Não são os pais de toda a nação, são os pais da parte “*was*p” (em inglês, *white anglo-saxon protestant*, ou seja, branco, anglo-saxão e protestante) dos EUA”. (IDEM). Diante disso, do “grande feito” dos “pais peregrinos”, tal historiografia fez questão de destacar a importância dos mesmos para a colonização do país, construindo, assim, um mito que, para existir, precisou obscurecer outros que não eram dignos de serem lembrados.

Estes puritanos (protestantes calvinistas) tinham absoluta certeza que eles “constituíam uma “Nova Israel”, uma “Nova Canaã” (KARNAL, 2007. p. 39). Nesse sentido, devemos lembrar que a chegada de imigrantes aos Estados Unidos nunca fora consensual por parte da nação devido a estes não serem herdeiros dos “pais peregrinos”, assim, os embates em torno da entrada deles sempre provocaram muitas discussões por ser a espécie de contaminação da moral protestante.

Os Estados Unidos nem em sua época de colonização e muito menos hoje não são um povo puro, “nesse grande contingente, embrião do que seriam os Estados Unidos, misturam-se inúmeros tipos de colonos: aventureiros, órfãos, membros de seitas religiosas, mulheres sem posses, crianças raptadas, negros e africanos, degredados, comerciantes e nobres” (IDEM, p. 39). Nesse sentido, reforçar este mito tem sido em grande parte um dos artifícios de grupos políticos conservadores para tomar algumas medidas restritivas com relação, por exemplo, às políticas migratórias dos Estados Unidos, então, concordamos com Karnal (2007, p. 40) que “tomar, assim, os peregrinos protestantes como padrão é reforçar uma parte do processo e ignorar outras”.

Quando estes “pais peregrinos” se dirigiam ao novo mundo, traziam em sua bagagem, influenciados pela Doutrina Calvinista, a teoria da predestinação, ou ainda, criam que todos os eventos do mundo eram originados da vontade de Deus, assim, alguns estavam predestinados a serem salvos, enquanto outros estavam condenados ao inferno (FERREIRA, 2016). Assim, “os teoremas e prerrogativas deste grupo de colonos seria fonte decisiva para a formação da identidade dos atores sociais daquele novo mundo” (Ibidem. p. 03).⁵⁷ A partir destas ideias, percebemos que antes mesmo do ‘contorno físico, já se postulava o contorno espiritual da América’.

Esta nova forma de se viver, com forte influência calvinista e que receberia a eiva de ‘puritanismo’, com impregnação de ideias maniqueístas, seria o alicerce desta nova nação,

⁵⁷ [...] pois naquele contexto, Deus estaria com eles, os teria escolhido dentre tantas nações para representá-lo, e, grosso modo, eram eles, de agora em diante, os responsáveis pelos bons comportamentos dos povos, pela civilidade das raças, pela boa religião nas cidades, e, como juizes do mundo, pelo julgamento do que era bom e do que seria o mal (FERREIRA, 2016. p. 04).

que fincaria na mentalidade de seus cidadãos um moralismo exacerbado com forte regramento para o labor, mas também, um desejo de nação superior [...] (IBIDEM. p. 03).

A partir disso, podemos, então, compreender a formação dos Estados Unidos como nação fundamentada no mito da Doutrina do Destino Manifesto inspirada em valores protestantes, mais especificamente na doutrina calvinista. Estes valores ainda hoje balizam fortemente o país e a forma como este constrói suas políticas públicas e suas conexões com o mundo. Tal moralismo herdado religiosamente se faz presente, por exemplo, quando, ainda hoje, nos referimos aos estadunidenses como um povo, conforme aponta Ferreira (2016) ‘com forte regramento para o labor’, característica esta que Calvino acusara os cristãos católicos de não possuir.

Da primeira chegada de imigrantes, os “pais peregrinos”, aos dias atuais, pessoas de etnias diversas que chegam aos Estados Unidos; a imigração passou a ser encarada cada vez mais, em certos momentos, como um “problema” para o país. Os filhos de imigrantes que nasceram em solo estadunidense são, de fato, considerados cidadãos, mas ainda assim carregam estereótipos por não serem “puros” (NETO, 2012). Por mais que estes sejam integralizados por alguma lei de reforma imigratória à cultura estadunidense, estes não são considerados, de fato, cidadãos estadunidenses por não serem herdeiros dos “*pilgrim fathers*”, já que eles são os “pais” apenas dos brancos, anglo-saxões e protestantes. Sendo assim, podemos nos convencer que, a presença de imigrantes legais ou ilegais nos Estados Unidos, para os estadunidenses conservadores, pode significar o direito de serem reconhecidos como cidadãos, mas não como os pertencentes à *wasp*, ou seja, estes nunca serão considerados como pertencentes à esta tradição fundada miticamente.

Oscar Chacón (2005) afirma que os Estados Unidos da América (EUA) é uma nação cuja identidade está intimamente ligada à migração (CHACÓN, 2005, p. 01). Seja pelo fato de esta fundar-se sobre a égide dos feitos dos “pais peregrinos” seja ainda pelo simples fato de ter recebido grandes fluxos migratórios em momentos bem específicos. Entre estes, o autor aponta que “de hecho, fue precisamente entre 1890 y 1910 que se registro el más alto flujo migratorio en la historia de los EUA” (Ibidem, p. 01). Informação essa também apontada por Neto (2012) “entre 1881 e 1910, os Estados Unidos receberam aproximadamente 20 milhões de imigrantes sendo em torno de 90% deles vindo da Europa, especialmente, da Alemanha, Irlanda e Itália” (Ibidem, p. 01). Atualmente, tem se chegado à conclusão de que aproximadamente a cada 100 pessoas que vivem nos EUA, 11 são estrangeiros.

Desde la óptica cultural y racial, la identidad colectiva de la sociedade estadounidense se há definido desde sus primeiros momentos em consonancia com el ser blancos, europeos occidentales, protestantes y de habla inglesa. Esta característica de la identidad racial y cultural de los EUA conlleva repetidamente a la exclusión sistemática de ciertos grupos sociales (CHACÓN, 2005, p. 02).

A imigração é vista como um problema devido à forma como a nação estadunidense ainda tem definido a sua identidade coletiva tendo como base ‘A Doutrina do Destino Manifesto’, assim, os grupos sociais que se desviam desse discurso produzido historicamente (miticamente) são excluídos. Devemos ponderar que não são restrições puramente aos povos negros, por exemplo, mas, também, “[...] a extranjeros de raza blanca: Alemanes, italianos, irlandeses, etc” (Ibidem, p. 01). Ou seja, não é somente uma questão raça, mas também de religião, “de igual manera, dichos prejuicios afectaron a grupos sociales subscritos a creencias religiosas diferentes a la protestante” (IBIDEM, p. 02).

Com relação aos judeus, Chacón (2005) diz que os mesmos tem sido objeto de discriminação em razão das suas crenças religiosas. Enquanto que, por exemplo, para os imigrantes latino-americanos há um duplo atravessamento destas questões, “sin embargo, para las poblaciones inmigrantes no blancas, la perversa combinación de la xenofobia y el racismo, prolonga el proceso pleno de integración por meio del cual se llega a um sentido pleno de pertinencia em uma nueva sociedade (Ibidem, p. 02). Portanto, *pari passu* ao fenômeno da exclusão por grupos sociais brancos imigrantes por estes de desvirtuarem das tradições religiosas dos estadunidenses, os grupos sociais negros e com uma matriz religiosa diferente sofrem duplamente com a xenofobia, o preconceito religioso e de raça, sem mencionarmos ainda outros marcadores sociais, como as questões de classe e de gênero.

Segundo Mae Ngai, a primeira vez que se estabeleceu restrições numéricas, tornando a imigração ilegal um problema central na aplicação da legislação sobre imigração nos Estados Unidos fora com a Lei Johnson-Reed, de 1924. Durante este período, segundo a autora “a natureza e as exigências da restrição levantaram uma série de problema para o estado moderno, que eram administrativos (como se pode impor restrições?), jurídicos (como se pode definir soberania?) e constitucionais (os imigrantes legais têm direitos?) (NGAI, 2008). Diante disso, o autor problematiza o advento da imigração ilegal maciça e da política de deportação, sob o Ato de Imigração de 1924, e como essas tendências mudaram os significados de inclusão e exclusão da nação.

Para Ngai (2008), um sentimento anti-estrangeiro aumentou durante os anos 80 do XIX, em resposta aos problemas sociais que apareciam associados à imigração, como: favelas urbanas, doença, pobreza, conflito de classes. “Em 1921, o Congresso restringiu a imigração para os Estados Unidos a 350 mil por ano. O ato de 1924 restringiu ainda mais a imigração limitando novas entradas a 150 mil por ano” (IBIDEM p. 13). Uma das consequências da restrição numérica de tal ato para imigração foi justamente a produção “de uma nova classe de pessoas dentro do “corpo da nação “ – os imigrantes ilegais cuja inclusão na nação era simultaneamente uma realidade social e uma impossibilidade legal” (IBIDEM, p. 09).

A autora afirma que, a entrada de imigrantes ilegais criara uma nova necessidade de controlar as fronteiras da nação; bem como, em segundo lugar, a aplicação da lei de deportação produziu um discurso político e legal de oposição, ou ainda, imigrantes ilegais que mereciam ser deportados ou permanecer; as deportações justas e injustas. A justificativa é que “essas categorias foram construídas a partir de ideias modernas sobre desejabilidade social, em particular referentes a crime e moralidade sexual, bem como valores que avaliavam a preservação da família” (IBIDEM, p. 09). Por isso, o autor aponta um movimento de oposição à medida que “a restrição e a deportação “criavam” estrangeiros ilegais, o discernimento administrativo “desfazia” imigrantes legais (IBIDEM, p. 09). Este movimento contraditório faz-se importante ser questionado, uma vez que, o mesmo possibilitava a permanência de alguns “imigrantes ilegais”, enquanto outros eram deportados⁵⁸. A tendência era de dissociar os europeus e os canadenses da categoria real ou imaginária de estrangeiro ilegal. O que facilitava a sua assimilação nacional e racial como cidadãos brancos americanos” (IBIDEM, p. 09). Em contraposição a este movimento de autorizar a “imigração ilegal” para alguns, [...] “os mexicanos surgiram como estrangeiros ilegais icônicos. O *status* de ilegal tornou-se constitutivo de uma identidade mexicana racializada e da exclusão dos mexicanos da comunidade social e da *polity* em geral” (IBIDEM, p. 09).

O estrangeiro ilegal, que é definido abstratamente, embora também inegavelmente dotado de um corpo, é, dessa forma, um espectro, um corpo do qual foi retirada a individualidade pessoal, cuja presença em si é perturbadora, injuriosa. Além disso, esse corpo despojado de personalidade não tem direitos (IBIDEM, p. 15).

⁵⁸ Vale ressaltar que “a deportação não foi inventada na década de 1920, mas foi naquela época que ela atingiu a maioria. De certa forma, as provisões legais para a deportação de imigrantes indesejados existiam na América desde os tempos coloniais, tendo sido o princípio derivado das leis inglesas referentes aos pobres. Uma lei de Massachusetts de 1794, por exemplo, pedia a expulsão dos pobres das cidades e sua repatriação às cidades de onde eles vieram, ou “para qualquer outro Estado, ou qualquer lugar além-mar, onde ele pertença” (NGAI, 2008, p 10).

O estrangeiro após este ato de lei tornava-se, assim, um corpo que deveria ser monitorado desde a sua entrada em solo americano, após a constatação, este deveria ser deportado para seu lugar de origem, pois, a permissão para ficar e a possível buscar por uma mudança de vida também estava endereçada a um público bem específico. Em geral, a Patrulha de Fronteira funcionava com mais hostilidade com relação aos mexicanos, assim, o demarcador social raça, mais uma vez se faz presente nesta definição, pois “no começo da década de 1930, o Serviço de Imigração estava prendendo cinco vezes mais suspeitos de serem estrangeiros ilegais na fronteira do México do que o fazia na área da fronteira canadense” (IBIDEM, p. 23). Sobre este fato, “o jornal de Los Angeles *La Opinión* acreditava que uma política agressiva de deportação resultaria em uma “desmexicanização do sul da Califórnia”” (IBIDEM).

O processo de entrada dos mexicanos não só era dificultado quando estes iam como ilegais, mas, sobretudo, também, quando chegavam aos Estados Unidos por vias legais, como podemos observar no seguinte procedimento realizado pela inspeção da fronteira mexicana.

A inspeção na fronteira mexicana envolvia um procedimento degradante de banho, despiolhização, inspeção médica em fila e interrogatório. Os banhos eram novos e singulares para os imigrantes mexicanos, exigindo que eles fossem inspecionados sem roupa, terem seus cabelos cortados e terem suas roupas e bagagem desinfestados. A inspeção médica em fila, que tinha como modelo a prática usada anteriormente na Ellis Island, exigia que os imigrantes caminhassem em fila única na frente de um médico. Esses procedimentos eram particularmente humilhantes, mesmo desnecessários, pelo fato de que o Ato de Imigração de 1924 exigia dos possíveis imigrantes que eles apresentassem um atestado médico ao cônsul dos Estados Unidos, quando solicitassem um visto, antes de sua viagem para os Estados Unidos. A inspeção médica em fila na Ellis Island acabou em 1924, e em El Paso o Serviço de Imigração isentou todos os europeus e mexicanos que chegassem de trem de primeira classe da necessidade de inspeção médica em fila. Os preconceitos raciais sobre os trabalhadores mexicanos, não a lei, determinavam os procedimentos adotados na fronteira com o México (IBIDEM, p. 21).

De fato, fica evidenciado a preocupação com os mexicanos e a suposição de que estes contaminariam a cultura estadunidense não só por seus valores morais, mas, sobretudo, por seus corpos serem sujos e descuidados, aspectos estes que não condiziam com os corpos dos americanos. Como demonstra o autor tal procedimento se restringia aos imigrantes mexicanos se caracterizando ainda como um preconceito racial contra estes. Questão esta que, ainda hoje, alimenta o imaginário dos americanos com relação aos mexicanos, ou ainda, com relação aos latino-americanos como povos com valores perniciosas, sujos, calcados na baderna por serem a maioria pertencentes à

países “subdesenvolvidos” e “periféricos”.

Nesse sentido, podemos concluir que a história das políticas migratórias dos Estados Unidos fabricou um imaginário com relação aos imigrantes mexicanos e latino-americanos e que, apesar da preferência dos mesmos pelos imigrantes brancos, estes também são discriminados pelas questões religiosas, pois a maioria são de países católicos. Portanto, “ironicamente, os mexicanos se tornaram tão associados à imigração ilegal porque, ao contrário dos europeus, eles não estavam sujeitos a quotas numéricas e, ao contrário dos asiáticos, eles não eram excluídos como racialmente inelegíveis para a cidadania (IBIDEM, p. 23). Quase que automaticamente, quando pensamos em imigração ilegal, atribuímos esta aos mexicanos.

Uma das questões que já fora muito debatida nos Estados Unidos é a presença de imigrantes em seus territórios e a integralização destes à nação, ou não. Silva (2013) ao discutir a história das políticas migratórias dos Estados Unidos evidencia que “sempre houve um processo de seleção de quem poderia entrar no território” (SILVA, 2013, p. 07), assim o país praticara “as fronteiras abertas e o uso ideológico desse discurso para justificar medidas que são tomadas contemporaneamente” (IBIDEM, p. 07). Os

Nesse interim, os estudos de Felipe Cunha (2010) demonstram um processo de interesse do país em imigrantes específicos, inclusive a ponto de contradizer episódios históricos como, por exemplo, em 1882, quando nos Estados Unidos foi assinada a *Chinese Exclusion Act* como estratégia para combater os principais imigrantes àquele tempo no estado da Califórnia: os chineses.

Em 1888, os Estados Unidos assinaram a *Scott Act* que proibia o retorno dos chineses que sássem dos Estados Unidos (CUNHA, 2010). A revogação da lei ocorrera apenas em 1943 no momento em que os Estados Unidos e China se alinharam na Segunda Guerra Mundial (CUNHA, 2010). Ainda, em 1943, “uma nova lei foi aprovada, possibilitando que 105 chineses entrassem nos Estados unidos por ano e permitindo sua naturalização, se fosse o caso” (Ibidem, p. 21). Assim, os imigrantes chineses saíram da condição de “ilegais” para a legalidade firmada a partir do alinhamento dos países na Segunda Guerra Mundial, nesse sentido, “a aliança americana com a China tornava constrangedora a resolução final do século anterior que proibia a migração chinesa para a América” (IBIDEM, p. 21).

2.4 DISSIDÊNCIAS ACERCA DA PRESENÇA DOS IMIGRANTES NOS ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XX

As representações de imigrantes como um problema para o desenvolvimento da cultura estadunidense e como pessoas desajustadas socialmente na arte cinematográfica não é exclusiva do filme *Juventude em Fúria: Um mundo de violência* (1983). O cinema hollywoodiano, muito antes da produção desse filme, já havia realizado outras películas que apresentavam os imigrantes como um “problema” para os Estados Unidos. Dentre as mais conhecidas, podemos destacar “O Poderoso Chefão” (*The Godfather*), lançado em 1972 e dirigido por Francis Ford Coppola, como também *Scarface*, lançado em 1983, e dirigido por Brian de Palma⁵⁹.

A trajetória do imigrante nos Estados Unidos aparece perpassada pelo interesse em que o Estado possui sobre os mesmos: se o mercado necessita da mão de obra barata, estes são convidados a entrar, mas se o momento é de tensão devido ao lugar que eles ocupam no mercado, estes são excluídos. Em 1960 quando ainda vigorava o projeto econômico e social do liberalismo nos Estados Unidos, os liberais permitiam que os imigrantes legais e até mesmo os ilegais participassem dos programas sociais e dos programas de ações afirmativas mantidos pelo governo. De acordo com Neto (2012) “em 1970, novos imigrantes passaram a participar dos programas sociais estadunidenses, a pagar impostos e contribuir para o sistema de seguridade social do país” (Ibidem, 2012). Ou seja, os imigrantes legais e em menor medida os ilegais

“do ponto de vista cívico, apenas o direito de voto, a possibilidade de ocupar cargos no funcionalismo público federal e os programas voltados exclusivamente para os estrangeiros separavam os imigrantes dos cidadãos estadunidenses” (IBIDEM, p. 04).

Os anos de 1980 foram marcados pela ascensão de uma nova forma de governar baseada na economia neoliberal praticada por grupos conservadores, como uma resposta a intensa crise econômica e social provocada pela crise do petróleo desde o início dos anos 1970. Neste contexto, a proposta Keynesiana fora colocada sob suspeita surgindo uma proposta de “não intervenção” do Estado na economia. Outra questão ampliada durante a distensão econômica foi o fluxo migratório,

⁵⁹ O filme O Poderoso Chefão conta a história de Don Corleone (Marlon Brando) como imigrante e chefe de uma mafiosa família italiana em Nova York; enquanto *Scarface* constrói a partir do ponto de vista estadunidense, o episódio histórico conhecido como O Êxodo de Mariel no qual houve uma emigração de cubanos que saíram do Porto de Mariel para os Estados Unidos entre 15 de abril e 31 de outubro de 1980.

principalmente de latino-americanos para os Estados Unidos em busca de soluções financeiras já que os países de origem se encontravam em uma situação econômica mais extrema de altos índices inflacionários e aumento da dívida externa.

Cunha (2012) aponta que os anos de 1980 foram marcados por problemas econômicos para alguns países da América Latina, o que fez aumentar o fluxo de imigrantes para os Estados Unidos, em busca de ascensão social e financeira mais rápida. “O subdesenvolvimento da América Latina passa a ser um elemento fundamental para que milhões de pessoas busquem entrar nos Estados Unidos” (IBIDEM, p. 62). Como consequência da constante imigração e do grande número de imigrantes que estavam no país e das discordâncias sobre a presença dos mesmos em solo estadunidense entre os grupos políticos com interesses antagônicos, “os anos 1980 também foram palco daquela que é talvez a principal política migratória americana desde o *Chinese Exclusion Act: O Immigration Reform and Control Act*, de 1986” (IBIDEM, p. 62).

Segundo Roberto Moll Neto (2012) além da aprovação da lei, outros fatores incidiram sobre os novos fluxos migratórios aos Estados Unidos, desta vez dominados por asiáticos e latino-americanos. “As crises econômicas que atingiram América Latina na década de 1970 deixaram a maioria dos latino-americanos mais pobres, os empregos mais escassos e mais mal remunerados.” (Ibidem” (IBIDEM, p. 04). Diante desta situação, “os governos da América-Latina, cada vez mais endividados, aceitaram os projetos de ajuste econômico, semelhantes ao programa neoconservador de Reagan, assim reduziram a atividade econômica e os investimentos sociais” (IBIDEM).

A recepção dos imigrantes pelos estadunidenses nunca fora consensual, as divergências, principalmente, entre os partidos políticos mais atuantes, os Democratas e Republicanos dividiam as opiniões públicas quanto à integralização ou não destes elementos. Nesse sentido, segundo Neto (2012), em 1980, os Estados Unidos se encontrava com impasses no que tange à questão da imigração pois parte dos neoconservadores que defendiam a integridade da cultura do povo estadunidense, boa parte dos Republicanos e os Democratas sulistas pediam restrições rígidas à entrada de estrangeiros no país. João Silva (2013) argumenta que o sentimento anti-estrangeiro norte americano é fruto de três preceitos: “o anti-catolicismo, pois considera que a obediência ao papa impede independência necessária para se tornar um cidadão; o anti-radicalismo; e o nativismo racial, que estabelece que a origem da nação se encontra nos anglo-saxões (REIS, 2003. Apud. SILVA, 2013).

Na mesma linha de pensamento, Neto (2010) argumenta que havia uma forma específica

de narrar e imaginar a nação e o nacionalismo nos Estados Unidos dos anos 80 através de um projeto conduzido pelos neoconservadores aliados à Direita Cristã. O projeto político defendia

“a manutenção dos valores morais e cristãos nos Estados Unidos e tendem a conceber os problemas sociais pelo viés religioso, qual seja, enquanto obras “diabólicas” que desejam destruir a nação, vista como expressão das “benções de Deus”. (SAXE-FERNANDÉZ, 1989, p. 68).

Partindo desta premissa mítica e histórica de fundação dos Estados Unidos, Neto (2010) nos lembra que “os estrangeiros que imigram para os Estados Unidos, legal ou ilegalmente, e não passam pelos processos de naturalização ou requisição de cidadania, não são, de fato nem de direito, considerados cidadãos nacionais” (IBIDEM, p. 197).

Outra questão que proporcionou ainda mais a recusa aos imigrantes foi o próprio objetivo de desmantelar o Estado-providência que, segundo os tradicionalistas, os imigrantes eram acusados de “custarem caro aos cofres públicos, sendo um peso para o sistema de bem-estar social da nação, sem contribuir regularmente com os impostos” (NETO, 2012, p. 05). Segundo estes, a política do liberalismo implementada nos Estados Unidos desde os anos de 1930 promovera a aversão a certos valores “naturais” do povo americano, pois, a dependência das políticas sociais de Estado provocara a dependência, a improdutividade, a preguiça, o não trabalho, características estas que poderiam tirar o país do seu Destino Manifesto divinamente. Por isso, a exclusão dos imigrantes voltara à agenda nacional em 1980, tal qual havia sido feita com outros grupos sociais pobres. “Os debates ultrapassaram o embate político entre conservadores e liberais, dividindo-os e formando coalizões pouco comuns” (IBIDEM, p. 202).

Os grupos neoconservadores e conservadores tradicionalistas, como o *Federation for American Immigration Reform* (FAIR) e o *Center for Immigration Studies* (CIS) defendiam a pureza da cultura estadunidense contra a imigração, que, supostamente, alterava negativamente a identidade cultural da nação. (IBIDEM, p. 05).

Ainda, de acordo com os grupos neoconservadores e tradicionalistas, os imigrantes ofertavam riscos à cultura estadunidense, principalmente no que se refere às influências da língua hispânica no país. Assim, alegavam que “a utilização da língua hispânica superaria a utilização da língua inglesa nos Estados Unidos” (IBIDEM). A acusação de que o uso da língua hispânica superaria o inglês fez com quase metade dos estados declarassem o inglês como língua oficial.

Ainda segundo Neto (2010), a aproximação entre a URSS e os Estados Unidos durante os acordos estabelecidos pelo desarmamento bélico nuclear dos respectivos países, consequentemente

fez com que a ideologia perdesse força no imaginário estadunidense, por outro lado, o medo por uma suposta desestruturação da nação aumentou, os imigrantes ilegais passaram a ser vistos como a maior fonte de criminalidade no país. Neto (IBIDEM, p. 203-204) demonstra, então, como os olhares sobre a imigração para os Estados Unidos se divergiam mesmo entre grupos neoconservadores, assim, os neoconservadores libertários do *Sunbelt* (região do sul dos Estados Unidos) e agroindustriais do Sul defenderam políticas menos restritivas para imigração, defendendo a entrada apenas para trabalhar. Já os neoconservadores ligados aos setores de serviços, aos empresários do *Sunbelt* e à indústria agrícola na mesma região, como os integrantes do *American Enterprise Institute*, eram a favor da entrada de imigrantes, mas sem o direito de participar dos programas sociais e das ações afirmativas. Esta era a forma como a qual os empresários podiam garantir a mão de obra barata e a lucratividade de seus negócios. Os neoconservadores libertários compreendiam que a imigração trazia benefícios econômicos para o país, mas desde que não onerassem gastos e aprendessem os valores estadunidenses, sobretudo a produtividade. Já os liberais e as organizações formadas por imigrantes, segundo o autor, defendiam a legalização dos imigrantes ilegais e a ampliação dos direitos sociais para todos os imigrantes.

“Nos anos 1980, os trabalhadores organizados se juntaram aos liberais e às organizações dos imigrantes na defesa da anistia para os ilegais e dos direitos sociais e cívicos para todos os estrangeiros residentes nos Estados Unidos” (IDEM, 203). Isto ficou claro em 1981, quando o sindicato dos trabalhadores do setor têxtil criou o Nacional Immigration Forum (Fórum Nacional de Imigração – NIF) para defender os direitos dos imigrantes e a anistia (IBIDEM, p. 203).

Dessa forma, fica evidente que nem todos os grupos conservadores eram contra a presença dos imigrantes, mas, principalmente, os neoconservadores tradicionalistas que ainda possuíam seus valores muito calcados na ideia de uma nação pura e de uma possível contaminação de valores concedidos divinamente. Para eles, os imigrantes, principalmente os de origem católica, latinos em sua grande maioria, não estavam aptos a participar da nação estadunidense por não possuírem uma “natureza” calcada no trabalho. Em meio a estas disputas travadas entre grupos políticos diversos com perspectivas acerca da imigração também divergentes, Reagan fora candidato e eleito a partir das suas propostas e articulações com os neoconservadores. Diante disso, sua posição nunca fora exposta publicamente sobre tal debate. Porém, Reagan tinha a preferência de que alguns grupos de

imigrantes fossem aceitos somente para trabalhar, sem serem integrados à nação estadunidense (NETO, 2010).

Diante do contexto histórico, social, político, religioso e da forma como a imigração estava sendo compreendida nos Estados Unidos, reafirmamos que o filme *Juventude em Fúria* pode ser compreendido, nesse sentido, como uma representação das disputas que estavam em andamento durante os debates que marcaram o início dos anos 70 e a segunda metade dos anos 80 sobre a integralização ou não dos imigrantes ilegais à cidadania americana, bem como a forma como os grupos (neo)conservadores imprimiam suas visões sobre o assunto. Defendemos ainda que o filme não só representa tal realidade, mas, sobretudo, produz um discurso sobre a realidade testemunhada que tem o potencial de educar o olhar dos espectadores para uma compreensão reacionária da pauta em discussão. Nesse sentido, é importante ponderar a necessidade constante de interrogarmos a linguagem cinematográfica, decompor seus sentidos ocultos, problematizar tais representações, desarticular o mundo diegético construído intencionalmente para compreendermos de que forma esta interfere na realidade.

CAPÍTULO III - MICK E PACO “DENTRO DA SOCIEDADE”: IMIGRANTES EM “*JUVENTUDE EM FÚRIA*” E NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 80

No filme em análise, Mick O'Brien (imigrante irlandês) é um jovem que planeja roubar uma mala com drogas químicas de um grupo rival que tem como líder Paco Moreno (imigrante porto-riquenho), que está sendo negociada com um outro grupo, os *the black's*. Durante a negociação de Paco, Mick e o colega, Carl, tentam roubar a mala, mas algo sai errado e seu colega acaba morto. Mick rouba um carro, sai em fuga e, sendo perseguido pela polícia, de repente perde o controle e acaba matando, acidentalmente, o irmão mais novo de Paco. A trama cinematográfica gira em torno desta história, onde Mick terá que se defender da tentativa de vingança perpetrada por Paco contra ele. Estas representações produzidas pelo filme, lançado em 1983, com o nome de “*Juventude em Fúria*”, retrata os jovens imigrantes como “problema social” para o desenvolvimento da cultura americana e, além do mais, estes jovens são representados como cidadãos ilegítimos por não terem o sangue dos “eleitos”⁶⁰.

O subtítulo presente na tradução portuguesa (brasileira) do filme, qual seja, “*um mundo de violência*” é a metáfora que utilizaremos para expressar as mudanças econômicas, políticas e sociais ocorridas nos Estados Unidos dos anos 80. A expressão diz respeito à queda do Estado de bem-estar social e a emergência das políticas neoliberais como umas das formas encontradas para promover o livre mercado e a iniciativa privada em oposição às políticas liberais dos anos 60 e 70, momento em que grupos sociais diversos (negros, mulheres, gays, estudantes) lutaram e conquistaram direitos. Na metáfora “mundo de violência”, presume-se que, os cidadãos estadunidenses legítimos não participam dele, sendo este um mundo paralelo e somente vivido pelos oriundos dos processos migratórios.

Enquanto os imigrantes são retratados no campo da representação fílmica como não cidadãos, possuidores de degenerescências sociais, desajustados socialmente, na realidade essa

⁶⁰ “Desde a sua travessia do Atlântico, os *pilgrim fathers* passaram a reconhecer sua história na Bíblia, na experiência do povo eleito por Deus, atravessando o deserto e enfrentando provações, para alcançar Canaã, a “cidade no topo da colina”, conforme pregava John Winthrop, em 1630. Encarnando todas as potencialidades do Novo Mundo, a América, fiadora da liberdade e da igualdade, adquiriria um contorno espiritual, e não físico, o sentido de uma empresa santificada, uma profecia a se cumprir e projetar no Oeste e no futuro, essa ideia acabou por constituir o núcleo de um discurso inaugural, base de uma ordem mítica, esteio da identidade nacional norte-americana” (AZEVEDO, 2011, p. 115).

ideia é defendida pelo projeto político articulado pela Nova Direita e conservadores tradicionalistas, em prol da diminuição dos gastos públicos federais em programas de auxílio para grupos desfavorecidos socialmente, inclusive de imigrantes pobres.

Partindo do contexto sócio-histórico de produção do filme, podemos perceber ressonâncias das políticas neoconservadoras e a forma como essas “narravam e imaginavam”⁶¹ a nação com relação aos imigrantes. As representações presentes no filme dialogam com o momento histórico de produção no qual se fazia presente a instauração de uma política conservadora que concebia a nação através de parâmetros mais étnicos do que cívicos.

Os espetáculos da mídia demonstram quem tem poder e que não tem, quem tem pode exercer força e violência, e quem não. Dramatizam e legitimam o poder das forças vigentes e mostram aos não-poderosos que, se não se conformarem, estarão expostos ao risco de prisão ou morte (KELLNER, 2001, p. 10).

Nesse sentido, o filme como produto da indústria cultural e, portanto, constituído de uma ‘cultura da mídia’, nos ensina que se Paco e Mick, tanto no campo da representação quanto o grupo social que representam na realidade (imigrantes), podem ser punidos se não se conformarem ao projeto político neoliberal em expansão naquele momento.

Portanto, neste capítulo nosso objetivo é analisar as representações das personagens imigrantes Mick O’Brien e Paco Moreno da realidade *diegética* presentes no filme “*Juventude em Fúria: Um mundo de violência* (1983), dirigido por Richard Rosenthal, tensionando-as com as políticas do governo de Ronald Reagan (1981-1988), 1989) porque acreditamos que existem pontos de diálogos, tensões e conflitos entre o mundo da trama e o submundo vivido pelos imigrantes, uma vez que são construídos, na narrativa fílmica, uma imagem dos imigrantes como ameaçadores para a ordem social.

Assim, discutiremos as representações presentes no cartaz de divulgação do filme; o uso da iluminação como técnica de demarcar os lugares sociais das personagens; o projeto político de “Guerra às drogas” e a figura do imigrante como agente criminoso e, por último, os imigrantes pobres e católicos retratados como perniciosos, em contraposição aos valores dos estadunidenses protestantes. Em nossa perspectiva, o documento fílmico é lido como um texto cultural, dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, mais especificamente sob as considerações metodológicas de

⁶¹ Conforme defende Roberto Moll Neto em sua dissertação de mestrado.

Douglas Kellner (2001)⁶².

O processo de análise fílmica deve ser feito também mediante a observação de outros documentos que ajudam a construir uma leitura das representações instauradas na obra. Diante disso, no que consiste uma atividade analítica de um filme? Para Vanoye; Galiot-Lété (2012), é despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade. Para Cristiane Nova (2014), o filme, seja qual for, passou a ser encarado enquanto testemunho da sociedade que o produziu, como um reflexo – não direto e mecânico – das ideologias, dos costumes e das mentalidades coletiva. “O cinema é um testemunho da sociedade que o produziu e, portanto, uma fonte documental para ciência histórica por excelência. [...] Isso nos permite afirmar que todo filme é passível de ser utilizado como documento” (NOVA, 2014 p, 02).

No momento em que olhamos para a recepção do texto midiático nos desviamos do olhar que o compreende somente como disseminador de ideologias dominantes que “manipulam” seus leitores/espectadores para construirmos uma leitura crítica que busca questionar as representações que o mesmo constrói acerca de determinados grupos sociais, no caso, os imigrantes e supostos valores naturalizados como pertencentes a estes, por isso, compreendemos a ‘cultura da mídia’ como um lugar de ‘disputa de poderes’ que cria condições de transmissão de mensagens, mas também (re) cria condições de interpretação dessas mensagens – dominação e resistência.

Reconhecemos que tal cultura veiculada pelo cinema, em geral, mas, principalmente, pelo filme *Juventude em Fúria*, educa os olhares dos sujeitos para as formas como interpretam o mundo e ajudam os mesmos a formatarem suas identidades sociais. Dessa forma, a “cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes” (KELLNER, 2001, p. 11).

Porém, não concordamos com a ideia de que a mídia seja um sistema de doutrinação ideológica em massa, ou seja, que mazelas da sociedade são oriundas de uma relação de manipulação das mídias com seus consumidores, pelo contrário, a leitura que embasa este trabalho é a de que “[...]o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios. (Ibidem, p. 11).

⁶² “Devido à proximidade que mantém com as condições sociais em que surgiram, os textos populares da mídia constituem um acesso privilegiado às realidades sociais de sua era; assim, a sua interpretação possibilita a compreensão daquilo que está de fato acontecendo em determinada sociedade em dado momento” (IbidemIBIDEM, p. 143).

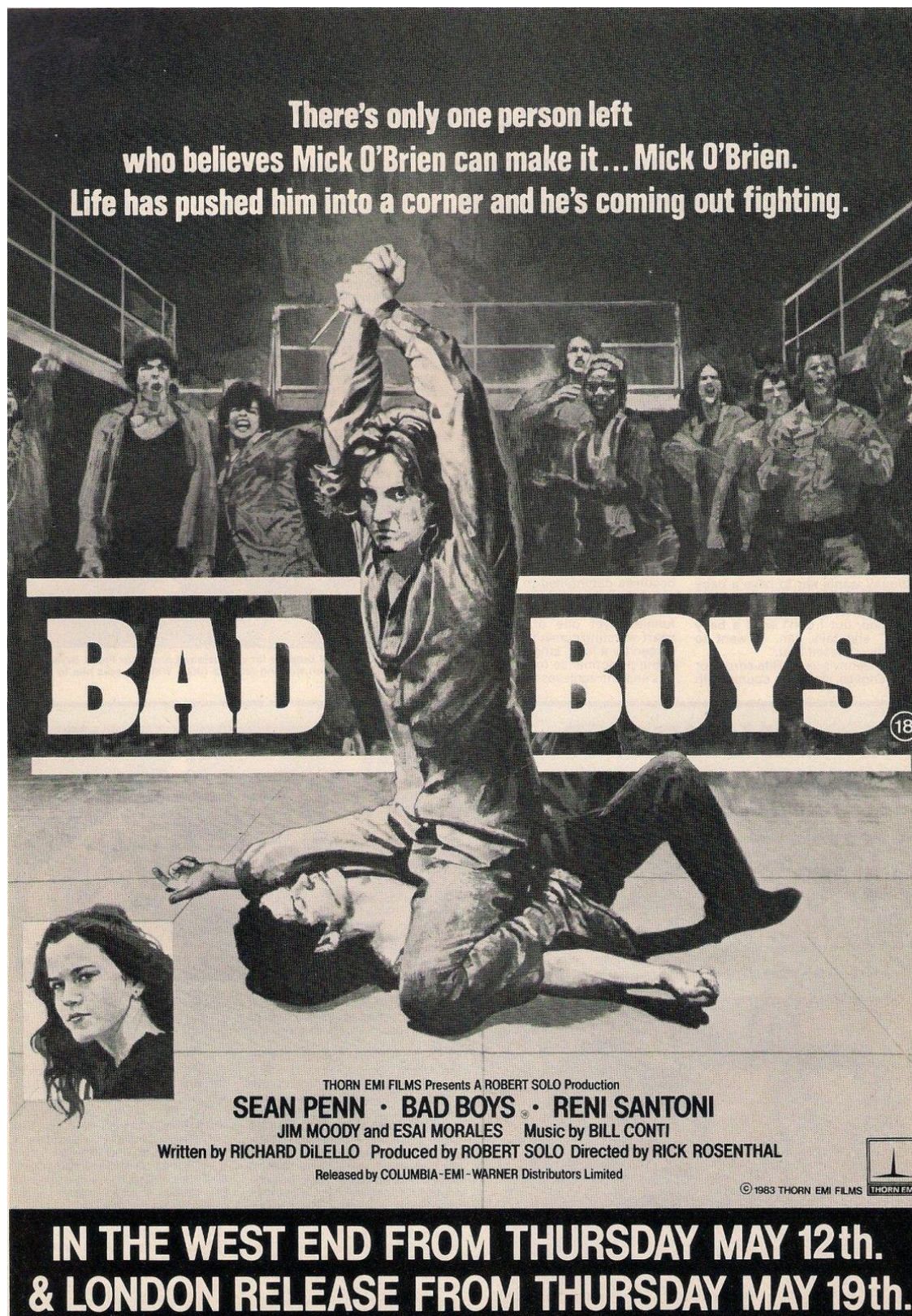
3.1 O CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO FILME “JUVENTUDE EM FÚRIA” E A PRODUÇÃO DE “DELINQUENTES JUVENIS”

O filme *“Juventude em Fúria: Um mundo de violência”* chama a atenção dos espectadores para seu consumo, principalmente pela imagem apresentada no cartaz na qual fora veiculada um fotograma de uma das cenas mais emblemáticas do filme, que se refere à luta entre Mick O’Brien e Paco Moreno, já nos últimos instantes da película. Sobre a imagem lê-se a seguinte inscrição: “Só há uma pessoa que acredita que Mick O’Brien pode fazer isso... Mick O’Brien. A vida o empurrou para uma encruzilhada e ele está lutando para sair dela.”⁶³. Em tal sequência, o jovem imigrante Mick necessita tomar uma decisão moral, qual seja, matar ou não matar Paco Moreno, o imigrante porto-riquenho. Em segundo plano, observamos os colegas da instituição correcional que haviam feito suas apostas, gritando e vibrando, incentivando a violência entre dois jovens, que apesar de suas diferenças, pertencem ao mesmo grupo social: imigrantes, pobres e católicos.

No canto inferior esquerdo está visível a imagem da jovem namorada de Mick que fora estuprada por Moreno, J.C, como forma de vingar-se da morte de seu irmão mais novo morto por O’Brien. A imagem da jovem J.C, uma jovem estadunidense branca, aparentemente de classe média e protestante, emerge como uma oposição a este mundo vivido por estes jovens imigrantes pobres e católicos. Assim, assim, fica evidente que o nome original da película *Bad Boys* (1983), restringe-se aos “meninos maus”, ou ainda, faz-se presente o marcador social gênero, portanto, são meninos, imigrantes, pobres e católicos. Diante disso, afirmamos que o filme sustenta uma representação da juventude imigrante pobre como “problema social” para os Estados Unidos e produz a imagem dos mesmos como “delinquentes juvenis” para os espectadores em geral, dentro de um contexto histórico marcado por um constante debate acerca da integralização ou não de imigrantes aos Estados Unidos, bem como debates sobre a proposta de privatização dos presídios públicos estadunidenses.

⁶³ Em inglês “There's only one person left who believes Mick O'Brien can make it... Mick O'Brien. Life has pushed him into a corner and he's coming out fighting”.

Figura 03: Um dos cartazes de divulgação do filme *Bad Boys* (1983).



Fonte: Internet Movie Database

O que este cartaz procura demonstrar, portanto, é a articulação que existe entre grupos sociais pobres, criminalidade e periculosidade. Tal ideia se fez muito latente e defendida pelos neoconservadores nos Estados Unidos durante os anos 80 (e no Brasil sobretudo com jovens negros das periferias) para justificar a diminuição de programas sociais destinados a tais grupos em financiados pelo governo federal. Segundo esses grupos conservadores, a “dependência” dos programas sociais produzia o parasitismo e a preguiça e, conseqüentemente, potencializava a natureza violenta de tais grupos. Por isso, representar dois jovens imigrantes pobres (e como sabemos na trama, católicos) em confronto, primeiramente por disputas travadas pela posse de uma mala de drogas químicas e, depois, pelo desenrolar de acontecimentos entre eles, é afirmar que estes grupos sociais (do mesmo gênero e classe) devem permanecer segmentados e ser combatidos, para se garantir a “pureza” da nação estadunidense.

Ainda nesse sentido, vemos, na imagem clássica reproduzida no cartaz, Mick prestes a exterminar o rival Paco, a partir de uma posição de “superioridade”, muito bem demarcada na cena, já que o jovem branco está por cima do latino. Ora, pode-se dizer que a posição de Mick é, na verdade de uma “suposta superioridade” já que a personagem não está olhando para o corpo abaixo dele, mas justamente para o espectador. Ou seja, há uma quebra da quarta parede quando seu olhar se volta para o espectador, dando a impressão de passividade ainda maior diante de um acontecimento que, no mundo *diegético*, não possibilita a participação de quem assiste. Há um suposto desejo de que o espectador participe mais da encenação, tornando-se, assim, cúmplice das ações de Mick.

A cena representada no cartaz aponta também os conflitos raciais existentes nos Estados Unidos durante os anos 1980. A decisão moral de Mick, o jovem branco, é não matar Moreno, o elemento latino, que estuprara a sua namorada e tentara matá-la. Sobre tais imagens presentes no cartaz, devemos salientar a importância que a mídia tem adquirido ao longo dos anos na produção de subjetividades a partir de “esquemas dominantes de significação e interpretação” (COIMBRA, 2001, p. 29).

Estes “esquemas dominantes de significação e interpretação” alimentaram durante muito tempo características e estereótipos que, de tanto aparecerem relacionados aos jovens pobres, parecem ser naturalmente pertencentes a eles. Em busca de questionar esta natureza essencialista que pairam sobre grupos sociais pobres, Cecília Coimbra (2001) nos ajuda a pensarmos como no mundo globalizado a pobreza, criminalidade e periculosidade têm sido associados naturalmente a

grupos sociais pobres, ajudando a fortalecer a ideia patologizante de que estes têm inclinações para a criminalidade e, portanto, para a “delinquência juvenil”. Tal ideia reafirma e sustenta as compreensões disseminadas na sociedade dos jovens pobres como um “problema social” que necessita ser combatida, como aponta Pais, em suas reflexões sobre as culturas juvenis.

Por isso, no filme *Juventude em Fúria*, o destino final destes é a instituição correcional para menores infratores. Semelhantes a isto também temos visto representações na cultura popular de jovens de classe média como “problema social”, então, não podemos afirmar que são apenas jovens pobres, mas em contraposição estes jovens de classe média surgem como problema por eles serem considerados, de fato, o futuro da nação estadunidense, assim, para estes o destino final são as empresas e o mercado financeiro. A preocupação é outra.

3.2 ILUMINAÇÃO: CLARO/ESCURO COMO TÉCNICA DE DEMARCAR OS LUGARES SOCIAIS

Um dos fatores primordiais no processo de análise fílmica e do procedimento de análise do binômio arte e sociedade refere-se ao movimento estético que tal produto artístico se insere. Nesse sentido, o filme *Juventude em Fúria* é analisado como uma narrativa clássica hollywoodiana que possui normas e princípios narrativos pré-estabelecidos, como sugere David Bordwell (2005, p. 278): “o filme hollywoodiano clássico apresenta indivíduos definidos, empenhados em resolver um problema evidente ou atingir fins específicos”. Tal característica deste tipo de narrativa condiciona a visão e as emoções dos espectadores para uma possível previsibilidade dos acontecimentos que se desenrolam na trama: “a história finaliza com uma vitória ou derrota decisivas, a resolução do problema e a clara consecução ou não-consecução dos objetivos” (Ibidem (IBIDEM, p. 279).

O filme, no início, mostra fotos reais dos atores quando crianças, alimentando, assim, uma ideia de que estes corpos na infância eram anjos, meigos, ingênuos, mas que estes quando se tornam jovens, por algum motivo, desviam-se de tais atributos codificados historicamente para a infância e inserem-se em outros naturalizados para a juventude. Nesse sentido, analisamos que a fase de apresentação das personagens se inicia com a chegada de um trem à estação de metrô trazendo Mick O’Brien para a zona central da cidade de Chicago, Illinois. Na primeira cena a câmera se desloca da esquerda para a direita – em um movimento cinematográfico designado como

panorâmica horizontal, com fotografias escuras (feitas à noite), para que o espectador perceba que aquele jovem, que depois será retratado como delinquente, aparece através da escuridão.

Figura 04: O submundo do imigrante.

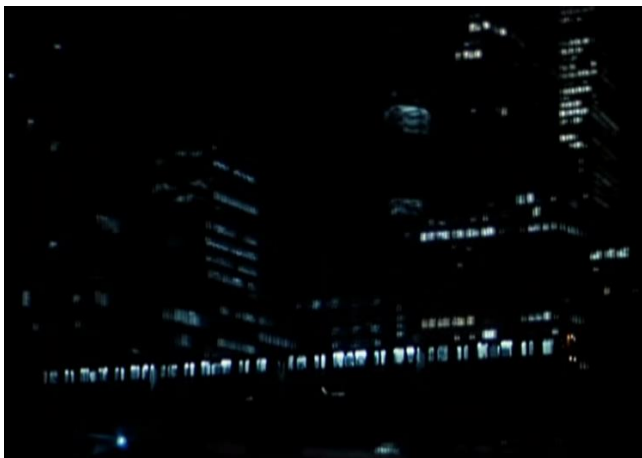


Figura 05: O mundo do cidadão estadunidense.



Fonte: Print screen de uma cena do filme “Juventude em Fúria” (1983)

A segunda cena (câmera posicionada ao alto) é visivelmente em oposição a anterior que se ancora justamente nas fotografias marcadas pelo uso da luz e com o uso do corte seco. É como se anunciasse a ação que acontecerá à *posteriori* ao fazer uma evidente oposição entre a escuridão (o submundo do qual emerge o jovem imigrante) e a presença da luz (o mundo dos cidadãos, de fato, estadunidenses).

A câmera posicionada ao alto captura o trânsito e transmite ao espectador a sensação de normalidade da região central da cidade. A câmera desce em zoom e enquadra ao lado esquerdo uma senhora branca de classe média conduzindo um automóvel, ressaltando sua tranquilidade enquanto aguarda o sinal abrir e ela poder prosseguir. O movimento da câmera se desloca até o semáforo, reforçando ainda mais a atenção da personagem idosa, quando, de repente, alguém quebra o vidro e rouba sua bolsa. Então ela grita: “*Jesus! Ele me roubou! Peguem-no!*”. É neste momento que é retratada uma das principais personagens do filme, trata-se do jovem imigrante irlandês Mick O’Brien. Ao roubá-la, Mick corre por uma calçada e, assim, como o trem que surgiu da escuridão, o jovem imigrante irlandês se esconde no escuro de um *parking*. Nesse sentido, o uso da iluminação reforça a escuridão como a morada do jovem imigrante e a luz destinada somente aos cidadãos considerados, de fato, americanos.

Mas se a harmonia é representada na claridade das fotografias do filme pela presença dos, cidadãos estadunidenses considerados de fato, enquanto o escuro demarca o lugar dos desviantes

por não possuírem o sangue dos eleitos, no momento em que a senhora grita “*Jesus! Ele me roubou! Peguem-no!*”, ela sensibiliza um cidadão que, ao ouvir seu desespero, persegue o jovem Mick até o *parking* escuro. Quando a personagem entra na escuridão para enfrentar Mick, recebe um golpe e é derrubado, seu corpo é enquadrado no chão, em posição de inferioridade, enquanto o jovem imigrante Mick é mostrado em *contra-ponglée* (de baixo para cima) roubando o dinheiro de sua carteira, o que comunica ao espectador a superioridade Mick e de um “suposto triunfo” de um jovem delinquente sobre um cidadão de bem que foi ajudar outro concidadão.

Sobre esta técnica de iluminação entre claro/escuro presentes em filmes, tem sido muito constante o uso de fotografias escuras em filmes hollywoodianos que projetam representações de jovens pobres como um “problema social”, ou ainda, filmes que se propõem a projetar representações sobre jovens inseridos em supostas “gangues”. Estes filmes sempre trazem à tela jovens pobres e insinuam que às suas experiências de vida são noturnas. Mas, outros filmes que dizem respeito a outras juventudes, como *Juventude Transviada* (1955), *Curtindo a Vida Adoidado* (1986), *Clube dos Cinco* (1985), produções sobre jovens brancos e de classe média, as fotografias enfatizam uma iluminação mais clara. Tais técnicas não são utilizadas ingenuamente.

Ainda sobre as fotografias utilizadas e a evidente oposição entre o claro e o escuro como técnica de demarcar os lugares nos quais os grupos de imigrantes e de cidadãos de direitos devem circular, observamos durante a narrativa fílmica que na fase de apresentação das personagens, a única cena feita durante o dia se refere ao retrato da instituição escolar. Como acontece na fase de apresentação das personagens, subentendemos que, a aparição de J.C, a jovem namorada de Mick O’Brien, uma jovem americana de classe média, justifica o uso das fotografias claras em oposição às escuras usadas somente para as representações feitas acerca dos imigrantes fora da instituição correcional⁶⁷.

A iluminação em “*Juventude em Fúria*”, portanto, tem também um aspecto político, ao enfatizar nas sequências iniciais do filme as personagens retratadas como os/as cidadãos/cidadãs estadunidenses “dentro da sociedade”. Já, em relação às personagens imigrantes, a iluminação escura marca a apresentação dessas personagens e a luz clara foi usada para marcar o espaço “fora da sociedade” que elas devem ocupar, ou seja, a entrada na prisão, o encarceramento dos jovens imigrantes e de outros grupos sociais pobres. Esses não eram, nem de fato e nem de direito,

⁶⁷ Com exceção de quando Mick é encaminhado para a instituição correcional, porque aí então a iluminação claradaí o uso das fotografias claras é constante.

considerados cidadãos estadunidenses, na lógica do projeto neoliberal em expansão naqueles anos do governo Reagan.

3.3 A POLÍTICA DE GUERRAS ÀS DROGAS E O IMIGRANTE COMO PRINCIPAL AGENTE CRIMINOSO

O sociólogo Pablo Ornelas (2009) argumenta que, o neoliberalismo, nos Estados Unidos, começou a ser implementado por meio das políticas ultraconservadores de Ronald Reagan após ter vencido Jimmy Carter, nos anos 80, em um contexto político e econômico marcado pelo combate ao suposto poder excessivo exercido pelos sindicatos, bem como as pautas e os direitos trabalhistas conquistados pelo movimento operário do país, naquele contexto, fora adotado a proposta econômica defendida pela Sociedade Mont Pèlerin, que se tratava da defesa da consolidação de um Estado forte na elaboração de leis de mercado, a necessidade de romper com os sindicatos, da diminuição dos gastos sociais e, sobretudo, o combate à intervenção do Estado na economia (ORNELAS, 2009).

Uma consequência de tal política pode ser presenciada no filme quando, o espectador observa aos 04min e 54s, dois jovens surgirem da escuridão caminhando em direção ao outro lado da rua. Durante este deslocamento, os mesmos passam sobre um feixe de luz que permite identificar as personagens. Elas atravessam a rua, com a câmera se deslocando sobre seu próprio eixo, enquanto um deles fuma um cigarro e o outro carrega uma mala. Ainda na calçada do prédio onde mora Paco, e que eles vão entrar e subir as escadas, encontram uma jovem garota vestida com roupas *jeans* e os cabelos coloridos, desfilando e exibindo seu corpo aos jovens.

A cena seguinte retrata o interior do quarto de Paco, que pede ao irmão que vá se deitar. Os jovens que estavam caminhando na rua na cena anterior, agora são retratados na porta do quarto de Paco, que os interpela: “*Estão com tudo?*” Ao confirmarem, os jovens abrem a mala que está cheia de pacotes brancos, insinuando tratar-se drogas químicas. *Maldita seja! Estamos ricos! Ouviu? Estamos ricos! (risos)*⁶⁸, exclama Paco.

Nessa sequência fica clara a intencionalidade em associar criminalidade, violência, o mundo da prostituição e do narcotráfico às personagens latinas da película. A expressão “*Estamos*

⁶⁸ Eric Hobsbawm (1995) ressalta que a “pobreza, desemprego em massa, miséria, instabilidade” – reapareceram depois de 1973.

ricos” revela o desejo daqueles que são marginalizados no país, em especial naquele contexto de avanço das políticas neoliberais e do intenso debate acerca da integralização ou não dos imigrantes ilegais aos Estados Unidos, em mudar economicamente de vida. Esses grupos só podem sonhar em enriquecer através de ações no campo da marginalidade, no caso do filme, a “delinquência juvenil”, reforçada no comércio ilegal das drogas químicas que se encontrava em expansão nos anos 80.

Nesse sentido o filme *Juventude em Fúria* ao construir representações dos jovens imigrantes Mick e Paco como “problema social”, pode ser compreendido naquele contexto, como um retrato das políticas lideradas pelos neoconservadores nos Estados Unidos dos anos 80 contra os mais diversos grupos sociais pobres. Esta oposição fica ainda mais nítida quando, no filme, os jovens imigrantes pobres são representados como delinquentes juvenis; os negros como criminosos e a personagem Piolin, como negro e também “homossexual”. Enquanto a representação das personagens da classe média são brancos, como o caso de J.C e o Juiz. A personagem do professor, ainda que negro, apresentam a mesma virtude que as personagens brancas, é trabalhador e está do outro lado do sistema prisional.

Tal oposição naturalizada no filme, mas que na vida real assume a dimensão de uma desigualdade e de estratificação social, pode ser lida nas duas dimensões como um aspecto “natural” da doutrina neoliberal, pois o próprio Friedrich Hayek e o grupo conhecido a *posteriori* como Sociedade Mont Pèlerin, que são as bases de tal doutrina, afirmavam claramente que “a desigualdade era um valor positivo e necessário para as sociedades modernas ocidentais” (ORNELAS, 2009, p. 05). Nesse sentido não deveríamos nos espantar diante das representações presentes no filme, pois, elas emergem, de fato, como consequência de tal naturalização das desigualdades previstas desde o início nesta doutrina econômica colocada em prática no mundo globalizado. Diante disso, a afirmação “*Estamos ricos!*”, de Paco Moreno, sugere ser aquela a única maneira de um grupo social pobre mudar sua condição de existência, ou seja, através do comércio ilegal de drogas químicas. A ideia soa como verdadeira, basta observarmos o que o presidente Reagan promulgaria em agosto de 1986: “as drogas são o problema número um do país” e que “a guerra [contra elas] devia começar dentro de casa” (IIDEM, p. 07). É de causar espanto a forma como o discurso de combate às drogas articulou justamente o combate aos grupos sociais

mais vulneráveis e que, segundo os agentes do governo, eram os verdadeiros responsáveis pelo narcotráfico.⁷²

Segundo Ornelas (2009) as políticas proibicionistas nos Estados Unidos surgem a partir de 1914 com o objetivo de controlar as “classes perigosas” o que culminou, mais tarde, na chamada “lei seca” de 1919. A lei, de acordo com o autor, obteve o controle de determinados grupos sociais que compartilhavam práticas culturais semelhantes, através da eliminação do circuito de produção, circulação e comercialização de bebidas alcoólicas no país. A partir daí portanto, “[...] a situação de ilegalidade de um leque de substâncias psicoativas talvez seja um dos mais recentes acréscimos táticos à roda totalizadora do sistema punitivo contemporâneo [...]” (RODRIGUES, 2004, p. 134 Apud. ORNELAS, 2009, p. 7-8)

Na década de 1950 nos Estados Unidos, Del Olmo (1990) argumenta que os opiáceos não eram assunto de grandes ecos nacionais, pois o seu uso se restringia amplamente a grupos marginalizados confinados em guetos urbanos e, em especial, vinculados aos negros e/ou porto-riquenhos. “Por sua vez, a maconha também era própria de grupos marginais, fundamentalmente imigrantes mexicanos. Era chamada de “a erva assassina” (*The killer weed*) porque era associada à violência, agressividade e criminalidade” (Ibidem, p. 29). Não havia uma preocupação com os usuários destas substâncias, como pondera Del Olmo (1990) “aparentava estar distante das elites, além de ser visto como uma prática “desviante” destas subculturas. A autora esclarece uma mudança na forma de compreender esta relação de alteração do público consumidor:

Se para os anos dourados os modelos religiosos e ético-jurídico forneciam adequada seiva penal, já nos sessenta, com o aumento do consumo por parte de jovens integrantes dos estratos sociais dominantes, começa a impor-se o modelo médico-sanitário, tendo ao centro o estereótipo da dependência (IBIDEM, p. 10).

Este discurso, agindo sobre os mais diversos corpos, fez questão de perpetrar ainda mais desigualdades entre os consumidores de substâncias psicoativas, além daquelas de ordem econômica e social. “O modelo médico-sanitário estabeleceria uma distinção nítida entre jovem negro e favelado que vende a droga (criminoso) e o jovem branco e bem situado que a adquire (doente): para o primeiro, cadeia, para o segundo, tratamento” (Ibidem, p. 10). Tal imaginário

⁷² Vale lembrar que no mesmo ano de 1983, o filme *Scarface* faz uma releitura do clássico dos anos 1930, cuja personagem central era um *gangster*, transformando-o em um imigrante cubano que lideraria o tráfico de drogas nos Estados Unidos.

gestado com relação ao ‘negro e favelado’ também se faz presente no filme em análise com relação aos jovens imigrantes pobres.

Segundo Del Olmo (1990), “era o momento do estouro da droga e também da indústria farmacêutica” (p. 33), surgimento do LSD, aumento do uso da maconha, não somente entre os imigrantes mexicanos, mas também entre os jovens de classe média. Aquela era a época da chamada “rebeldia juvenil”, o movimento da contracultura, do resgate da cultura do mundo oriental em contestação ao mundo ocidental, da luta por direitos civis, protestos internos, da Revolução Cubana, dos movimentos guerrilheiros na América Latina, das manifestações contra a Guerra do Vietnã. Nesse novo contexto há mudanças no discurso sobre o usuário de substâncias psicoativas, deixando de ser “aquele ratificado em 1924 de que o consumidor era delinquente, e passando a tratá-lo como doente”. Ao indivíduo que provinha do gueto, que era responsabilizado pela disseminação das drogas, permanecia a imagem da delinquência e da criminalidade, mas ao consumidor que provinha de uma classe social distinta, o discurso médico-sanitário qualificaria como “doente”.

Em 1965 durante o grande “boom” do uso da maconha, nos Estados Unidos, proveniente do México, mudou-se a percepção que se tinha sobre ela, ou seja, deixou de ser a erva assassina (*The killer weed*), convertendo-se na droga do excluído. Passou a ser relacionada não mais com a violência e a agressividade, mas sim a passividade e a falta de motivação, sendo causadora da famosa “síndrome amotivacional” (IBIDEM, 1990).

A partir do ano 1970, a heroína passou a ser sinônimo de perturbação social nos Estados Unidos devido ao acesso que os jovens da classe média tinham a ela. De acordo com Del Olmo (1990, p. 39) “o problema havia se agravado com a guerra do Vietnã, e os ex-combatentes consumiam não apenas maconha, mas também heroína, drogas que até então se limitavam aos guetos urbanos e não havia chegado à juventude branca”. Isto explica o fato de Richard Nixon defini-la como “o primeiro inimigo público não econômico”, estendendo a sua preocupação apenas aos consumidores e não aos produtores deste tipo de droga. “Porém, uma análise detalhada da heroína levaria a contradizer o presidente Nixon, já que esta droga era, na realidade, muito menos ameaçadora para ordem do que a maconha” (Ibidem, p. 39). A ideia reside no fato de a droga ser de uso solitário, evitando, assim, as possibilidades de uma reação coletiva, como pode provocar o uso da maconha. Isso impossibilitaria a formação, por exemplo, de grupos de protesto, como

assinala o autor. Mas, começa a surgir no início dos anos setenta uma discussão sobre o inimigo externo, referindo-se particularmente ao narcotráfico.

Uma questão que merece ser destacada é a associação dos latino-americanos à imigração ilegal, à desordem social, à perniciosidade (por serem católicos?), às drogas, ao narcotráfico e aos movimentos guerrilheiros. Tais “estereótipos” que, ainda hoje, alimentam o imaginário das pessoas por serem difundidos nas diversas mídias contemporâneas, fazem-se presentes no filme *Juventude em Fúria* (1983). Tal imaginário reacionário em relação à grupos sociais diversos e de origens específica fica evidenciado no filme quando, aos 16min e 32 segundos, o irmão de Moreno sai do esconderijo em que se encontrava e as cenas externas retratam, novamente, as imagens representadas nas paredes do prédio, dentre elas de Che Guevara, líder da Revolução Cubana de 1959.

Figura 06: Símbolos revolucionários nas paredes do esconderijo de Paco



Fonte: Print screen de uma cena do filme “Juventude em Fúria” (1983)

Estas representações da imagem de políticos e símbolos de líderes revolucionários, associados aos estereótipos mencionados anteriormente, sustentam a ideia dos latino-americanos como delinquentes, narcoguerrilheiros, narcotraficantes e narcoterroristas. Portanto, são pessoas que, apesar de viverem nos Estados Unidos, têm uma índole diferente dos estadunidenses.

Na mesma sequência, Paco e seus amigos percorrem às ruas do bairro para encontrar os *The Black's*, grupo com o qual eles negociariam a mala de drogas químicas. No caminho ficam muito bem demarcados os elementos que caracterizam aquele local como uma comunidade latina, na qual os muros possuem pinturas que lembram o movimento do muralismo mexicano.

Figura 07: Chicanos, mexicanos, porto-riquenhos. **Figura 08:** Representação do Movimento muralista mexicano.



Fonte: Print screen de uma cena do filme “Juventude em Fúria” (1983)

Em um contexto marcado pela Guerra Fria, pelo o combate ao avanço do comunismo na América Latina, estas representações dos revolucionários e as do movimento do muralismo presentes nas paredes do esconderijo do jovem imigrante, Paco, mantêm o discurso dos latino-americanos como perigosos⁷⁵.

Quando falamos em movimento muralista associamos o nome de Diego Rivera que foi o “pintor mexicano que mais expressou a ideologia marxista” (WOLFE, 2000, Apud. CAMARGO, 2015, p. 02). Os murais pintados por Diego Rivera “retratava toda a opressão e crueldade que sofriam os indígenas desde a chegada dos europeus ao continente” (MARENGO, 1991, Apud. CAMARGO, 2015, p. 03). Após a Revolução Mexicana esta fora pintada nos murais e prédios públicos com a intencionalidade de expressar a influência revolucionária do povo mexicano e resgatar os povos indígenas que ocupavam o território antes da colonização. Estas representações permitem afirmarmos que o filme sustenta que existe uma articulação dos imigrantes latino-americanos com o narcotráfico, o narcoterrorismo e a narcoguerrilha por estes terem em suas veias ‘um possível sangue revolucionário que deve ser temido’⁷⁶.

⁷⁵ Paco, ao nosso ver, é a representação do imigrante latino-americano como um todo, ainda que, o filme o represente como “porto-riquenho”. Nesse, nesse sentido, ressaltamos mais uma vez que, não concordamos com a ideia “ficção” de que Porto Rico, por ser um país associado aos dos Estados Unidos, seja representado em igualdade aos estadunidenses o representante.

⁷⁶ O Executivo e grande parte do Legislativo norte-americano passaram a qualificar como ameaça terrorista potencial toda uma gama de atividades ilícitas transnacionais – não apenas a produção e tráfico de drogas, mas também imigração irregular, tráfico de armas e sobretudo lavagem de dinheiro, em vista do financiamento do terrorismo (SILVA, 2013, p. 324).

Ainda, em 1971, o presidente Richard Nixon declarou a primeira guerra às drogas, “tendo por alvo principal primeiro a produção e o tráfico de opiáceos e, na sequência, da cocaína (RACHADEL; CARAVACA-MOREIRA; DRI; 2013, p. 27-28). Em 1976 aprovou-se a Lei 6.368/76 dispondo sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica (RACHADEL; CARAVACA-MOREIRA; DRI; 2013, p. 26). Já nos anos 80, os Estados Unidos contavam com o maior número de consumidores de drogas de sua história, principalmente usuários de cocaína e maconha. Nesse contexto, o consumidor de drogas deixa de ser um “doente” e torna-se um “cliente consumidor”. Assim, a preocupação estadunidense passa a ser justamente a droga que advém do exterior, principalmente interessados nos aspectos econômicos e políticos do tráfico de cocaína (DEL OLMO, 1990).

Del Olmo (1990) resgata as palavras de Ronald J. Caffey, chefe da Seção de Investigação sobre a cocaína do DEA no ano de 1982: “as investigações do DEA indicam que uma proporção significativa dos traficantes de cocaína *colombianos* que operam nos Estados Unidos é constituída de imigrantes ilegais” (IBIDEM, p. 59). O autor assinala que este discurso foi moldando, por razões aparentemente econômicas, o *estereótipo criminoso latino-americano*, produto não apenas do discurso jurídico, mas também do discurso dos meios de comunicação. Portanto, fica evidenciada a trajetória histórica de criminalização dos imigrantes ilegais nos Estados Unidos e a construção do mesmo como um agente criminoso para a nação estadunidense.

Pouco depois de assumir a presidência, em março de 1981, o presidente Ronald Reagan se ocupou do problema das drogas: “o uso indevido de drogas é um dos nossos maiores problemas. Se não agirmos, correremos o risco de perder grande parte de uma geração” (DEL OLMO, 1990, p. 60). Antes de iniciar a política de combate aos inimigos externos que, na visão de Reagan, eram países responsáveis pela produção, circulação e contaminação dos Estados Unidos, o presidente, como demonstramos anteriormente, já havia declarado a necessidade de começar uma política de “limpeza” dentro do país. Nesse contexto, Reagan iniciou um programa político que incluiu em sua agenda os seguintes movimentos: 1) eliminar as drogas ilegais dos locais de trabalho; 2) eliminar o abuso de drogas nas escolas; 3) proporcionar tratamentos efetivos para os consumidores crônicos; 4) melhorar a cooperação internacional para evitar a entrada de drogas ilegais; 5) criar um novo fortalecimento da lei; 6) aumentar o conhecimento do público com as políticas de prevenção contra o “abuso de drogas” mais eficazes (ORNELAS, 2009). Este contexto histórico

dos Estados Unidos foi fundamental para a consolidação de outro discurso moral de combate às drogas na América Latina durante os anos 80.

Diante deste movimento declarado primeiramente como um problema interno do país até a sua disseminação pela América Latina, podemos afirmar que os Estados Unidos não só exportou o capitalismo de mercado e cultural para o mundo ocidental, mas, sobretudo, o que Peter Beattie (2015) declarava como “capitalismo moral”⁷⁷. Tal ideia refere-se à forma como este tem exportado para América Latina as suas convicções sobre a forma de legislação acerca de “problemas” diversos, por exemplo, no que diz respeito à definição de drogas licitas e ilícitas, sobre a redução da maioridade penal, a privatização dos presídios, a pena de morte, entre outras pautas necessárias à consolidação do modelo de democracia estadunidense pelo mundo. Diante disso, as representações presentes no filme *Juventude em Fúria* dos imigrantes como “problemas sociais” dialogam em grande medida com a situação histórica dos Estados Unidos do pós-guerra até a década de 80, quando Reagan promulgaria outra política de Guerra às Drogas e de combate aos imigrantes ilegais por supostas conexões destes com as substâncias psicoativas, com a alta taxa de criminalidade e desemprego no país. Nesse contexto, de políticas de combate aos imigrantes, a expressão “*estamos ricos*” soa verdadeira somente na experiência do mercado inaugurado pelas drogas químicas nos Estados Unidos.

3.4 O SUBMUNDO DOS JOVENS IMIGRANTES: “VALORES IMORAIS”

Enquanto os imigrantes são retratados como não cidadãos, possuidores de degenerescências sociais, ou ainda, desajustados socialmente no campo da representação fílmica; na realidade essa ideia é defendida pelo projeto político articulado pela Nova Direita com os neoconservadores em prol da diminuição dos gastos públicos federais em programas que ajudavam na manutenção social de grupos mais desfavorecidos socialmente. O medo da classe média em perder direitos, o emprego, a ameaça à estrutura tradicional de família, tendo por base os direitos conquistados pelos negros, mulheres e homossexuais, nos Estados Unidos, nos anos anteriores a década de 1980, se intensificaram no campo das políticas sociais bem como no campo da representação. De acordo com Kellner (2001), através dos filmes dos anos 1980, como *Poltergeist* produzidos no contexto

⁷⁷ Mesa de abertura do III Encontro Nacional de História dos Estados Unidos, UFF, Rio de Janeiro, 2015.

da Era Reagan pode-se compreender o “medo” da família americana. A partir desse estudo de Kellner, afirmamos, mais uma vez que existem modos de intersecção entre as representações presentes na cultura da mídia e as lutas políticas e sociais do momento sócio-histórico de produção do artefato cultural.

Diante das evidentes contradições já apresentadas de Mick, Paco e os demais jovens encarcerados na instituição correcional, como perpassados de valores que são opostos aos da personagem J.C, do juiz e do professor, nosso objetivo é tensionar tais representações problematizando um suposto discurso anticatólico e moralista que se apresenta nestas representações. Nesse sentido, mais do que combater jovens imigrantes tidos como “delinquentes juvenis”, o filme também combate uma moral católica sustentada como perniciosa, oposta aos valores verdadeiramente cristãos dos estadunidenses protestantes.

Focaremos a análise na fase de “equilíbrio”⁷⁸ da narrativa fílmica, evidenciando como a mesma sustenta não só Mick e Paco como opostos a tais valores, mas como a inserção destes no mundo da criminalidade também é justificada, no filme, pelo fato de serem frutos de “famílias desestruturadas”. Diante disso, a história constrói uma sequência que apresenta o jovem imigrante irlandês Mick e, depois, o jovem imigrante latino Paco e suas famílias como uma forma de justificar que os mesmos vivem a experiência da delinquência juvenil por possuírem famílias degeneradas socialmente.

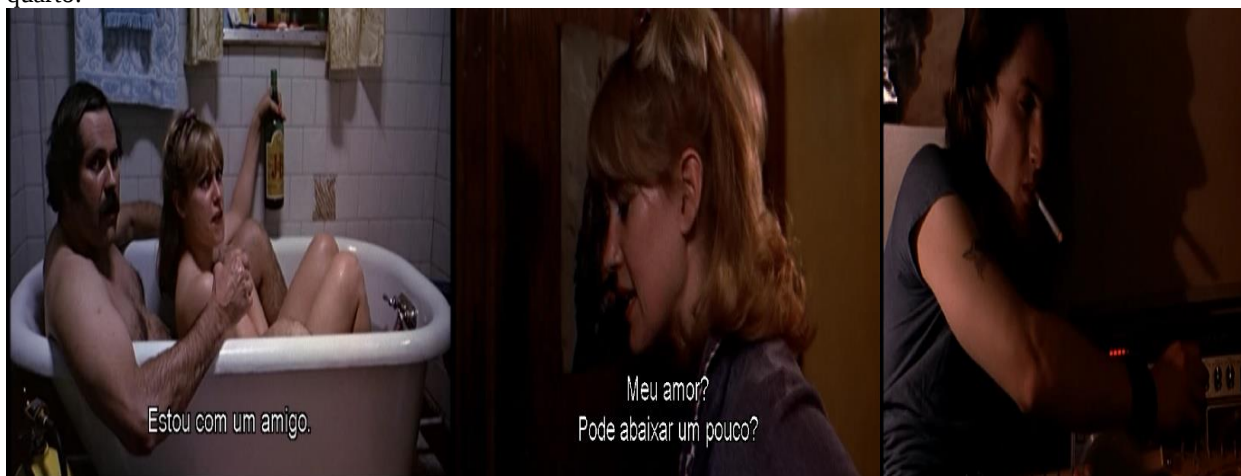
3.4.1 JOVENS, IMIGRANTES, POBRES E CATÓLICOS: “VALORES PERNICIOSOS”

Após a sequência em que Mick compra uma arma com o dinheiro roubado, o mesmo retorna para sua casa (05min e 44s). Ao entrar, chama por sua mãe, mas não obtém resposta. Segue caminhando pela sala, quando, de repente, ouve risos... caminha em direção ao banheiro e bate à porta, quando escuta sua mãe responder: “*estou com um amigo*”! A imagem que o espectador vê é da mãe de Mick com um suposto amigo, nus na banheira e com uma garrafa de whisky na mão esquerda (imagem 10). A segunda imagem diz respeito ao momento em que a mãe de Mick vai até a porta do seu quarto quando o mesmo está ouvindo música e ela, ao bater na porta, pede: “*Meu*

⁷⁸ David Bordwell (2002) diz que a fase do equilíbrio na narrativa clássica hollywoodiana se refere ao momento da apresentação das personagens.

amor, pode abaixar um pouco? Mick, ao ouvi-la, responde aumentando ainda mais o volume (imagem 09) e fumando o cigarro.

Figura 09: Mãe de Mick representada na banheira. **10:** Mãe de Mick à porta do seu quarto. **Figura 11:** Mick em seu quarto.



Fonte: Print screen de uma cena do filme “Juventude em Fúria” (1983)

Fica evidente que Mick, imigrante irlandês é criado somente pela mãe, já que em nenhum momento da película o pai é apresentado. O filme representa ainda a mãe do jovem como uma “vadia”, como uma mulher perpassada por imoralidades. O filho surge como um jovem delinquente devido à desestruturação familiar e à criação de uma mãe sem o amparo do pai para ensinar os bons valores. Tal imagem da mãe e do filho, como fruto da sua incompetência, é reforçada quando a ela pede ao filho que abaixe o volume da música, e a resposta de Mick é justamente o contrário. Assim, tanto a mãe quanto o filho surgem como personagens que ameaçam “subverter” a moral, pois os mesmos não fazem parte do “povo eleito” como concebia o projeto de nação imaginada e narrada pelos conservadores da época.

A próxima sequência (06 min e 37s) acontece na casa de Paco e retrata justamente o momento em que ele e seus amigos estão deixando a sua casa com a mala de drogas químicas, quando, de repente, sua mãe o questiona falando em espanhol: *Donde tú vás*”? O mesmo responde: *“Tenho que ver meu corretor da bolsa”*. E afirma *“Tenho que cuidar de negócios”*. O “corretor da bolsa” (em alusão à Bolsa de Valores e seus operadores) ao qual o jovem imigrante-latino se refere são *The black’s*, o grupo com o qual se encontrarão para negociar.

Figura 12 e 13: Apresentação da família de Paco Moreno, o imigrante latino americano



Fonte: Print screen de uma cena do filme “Juventude em Fúria” (1983)

Nesta sequência também fica evidenciada a ausência do pai de Paco tal qual o de Mick. Ambas as famílias são, o que contemporaneamente os discursos conservadores têm se referido de “famílias desestruturadas”, alegando, assim, que estes também teriam mais potencialidade para o mundo da violência, pois toda criança necessita de uma figura paterna para se espelhar e se tornar um “bom homem”.

Outra questão que a cena nos permite observar é um diálogo entre a representação dos imigrantes como responsáveis pelo tráfico de drogas, nos anos 80, com a forma como o próprio projeto político construído pelos neoconservadores com a direita cristã lidava com o “outro” como desajustados socialmente. Mas essa forma de conceber o imigrante não é uma característica exclusiva dos anos 1980. Neto (2012) lembra-nos que ainda no final do século XIX e início do século XX muitos cidadãos estadunidenses “[...] que imaginavam a nação através de um prisma étnico consideravam os europeus do Sul, mexicanos, chineses e estrangeiros de outras nacionalidades como indivíduos racialmente inferiores e, por vezes, desajustados socialmente” (IDEM, 2012, p. 01). O outro como um “problema social” é ainda mais forte quando, no filme, Paco caminha por uma rua e um dos colegas avista seu pai em um bar.

Figura 14: Pai de Paco no bar jogando cartas e bebendo. **Figura 15:** Paco diz ao pai que não quer um trabalho



Fonte: Print screen de uma cena do filme “Juventude em Fúria” (1983)

A cena reitera a ideia dos imigrantes como desajustados socialmente defendida pelo projeto neoconservador, envolvidos com o tráfico de drogas e “como uma ameaça à nação, fossem por inferioridade física e mental ou por suas ideologias políticas supostamente calcadas na baderna, na criminalidade e na desordem” (IBIDEM, p. 02), uma vez que ao invés de trabalhar, o pai de Paco é apresentado “em seu escritório” que é um bar, onde o mesmo está fumando, bebendo e jogando cartas. Nesse sentido, segundo Neto (2012) em 1980, os Estados Unidos, se encontrava com impasses no que tange à questão da imigração, pois parte dos neoconservadores que defendiam a integridade da cultura estadunidense, boa parte dos Republicanos e os Democratas sulistas, pediam restrições rígidas à imigração. Para além desses citados, o autor menciona ainda grupos ultraconservadores que atuavam dando força ao movimento de restrição,

Uma questão que também deve ser destaca é o uso da língua hispânica em momentos bem específicos do filme, em diálogos estabelecidos entre Paco e a sua mãe e, posteriormente, com o pai. Sobre isso, de acordo com os grupos neoconservadores e tradicionalistas, os imigrantes ofertavam riscos à cultura estadunidense, principalmente no que se refere às influências da língua hispânica no país, assim alegavam que “a utilização da língua hispânica superaria a utilização da língua inglesa nos Estados Unidos” (IDEM, 2010, p. 05). Outra questão que proporcionou ainda mais a recusa aos imigrantes foi o próprio objetivo de dismantelar o Estado-providência que, segundo acusavam os tradicionalistas, os imigrantes custavam “caro aos cofres públicos, sendo um peso para o sistema de bem-estar social da nação, sem contribuir regularmente com os impostos” (IBIDEM).

Como já apontamos anteriormente, os estadunidenses tinham a preferência por aqueles grupos que se assemelhavam ao máximo da elite WASP. Diante dessa necessidade, “em diversos discursos, o presidente deu a entender que cada grupo de estrangeiros que residiam nos Estados Unidos tinham qualidades diferentes e inferiores às dos verdadeiros estadunidenses” (IBIDEM, p. 204). Tais imigrantes até tinham valores que se assemelhavam aos dos estadunidenses, mas estes eram passíveis de melhorá-los para que se assemelhassem ainda mais a eles mas a possibilidade de igualdade estava totalmente excluída. Nesse sentido, para o presidente Ronald Reagan, os imigrantes alemães eram bons o suficiente no que diz respeito ao trabalho duro. Os italianos levaram para o país o bom valor do trabalho duro, mas ganharam muito mais ao absorver as virtudes dos estadunidenses. Os imigrantes alemães e da Grã-Bretanha, para Reagan, tinham valores parecidos com os dos estadunidenses (IBIDEM, 2010). Porém, mesmo diante tais reconhecimentos em discursos do presidente, eles também apresentavam riscos à cultura dos estadunidenses.

Uma questão importante que merece ser pontuada é a forma como Reagan fabricou, em seus discursos, uma ideia positivada dos imigrantes europeus, mesmo daqueles que se originavam de países de maioria católica. Em contraposição a esta ideia, também é impressionante a maneira como ele se utilizou desse discurso para opor-se aos trabalhadores negros, latinos e asiáticos. Portanto, fica evidenciado a forma como os imigrantes europeus brancos podiam ser integralizados com maior facilidade à cultura estadunidense, mesmo sendo católicos, pois, a Europa já estava inserida, inclusive, dentro das mesmas políticas econômicas. Assim, eles naturalmente possuíam valores (também a raça branca) mais próximos dos estadunidenses. Em contraposição a este reconhecimento, Reagan frequentemente sugeria que os imigrantes que chegaram aos países após 1965 seriam inferiores e preguiçosos, por isso, argumentava que estes precisavam aprender os valores estadunidenses, principalmente do trabalho duro, o apoio à política de redução de impostos e dos programas sociais (Ibidem, 2010). “O valor dos imigrantes latinos e asiáticos só era/seria reconhecido por Reagan quando, supostamente, aprendessem valores produtivos estadunidenses” (Ibidem, p. 209). Nesse aspecto, o seu discurso se assemelhava ao proferido às comunidades imigrantes europeias, alemães e italianos, porém dos latino-americanos “[...] Reagan cobrava trabalho duro e aceitação dos valores da nação dos imigrantes latinos, que chegaram depois de 1965 e dos seus filhos, que nasceram nos Estados Unidos” (IBIDEM, p. 209).

Ainda analisando os discursos do presidente Reagan, Neto (2010) afirma ter encontrado, em alguns momentos, relações estabelecidas por ele sobre a presença dos imigrantes com doenças

e criminalidade no país. De acordo com o autor, Reagan em um jantar de premiação da Fundação Americana para a Pesquisa da AIDS, pediu ao departamento de saúde e serviços humanos que determinasse, o mais rápido possível, o quanto a doença havia penetrado na sociedade (NETO, 2010). Diante disso, Reagan pediu ao mesmo órgão que para “[...] incluir a AIDS na lista de doenças contagiosas que impedem a entrada de “imigrantes e *aliens*” que almejavam permanecer nos Estados Unidos” (NETO, 2010, p. 213).

Diante tais dissidências sobre a presença de imigrantes e acerca da própria compreensão da legislação referente à imigração nos Estados Unidos dos anos 1980 por parte de grupos políticos diversos e do próprio presidente Ronald Reagan, de acordo com Silva (2013), em 1986 foi estabelecido o *Immigrations Reform And Control Act*, que objetivava diminuir o número de imigrantes ilegais no país, por meio da punição aos empregadores deste tipo de mão de obra, bem como um amplo programa de anistia para todos os imigrantes ilegais que lá moravam desde 1982, desde que atendessem a outros pré-requisitos. “Para conseguir ser aprovado, o projeto teve que prever a possibilidade de um plano de vistos temporários para os trabalhadores sazonais do campo; devido ao forte lobby dos proprietários da agroindústria do Sul”. (SILVA, 2013, p. 15).

Para Cunha (2012) “são milhões de pessoas que não podem simplesmente ser deportadas, uma vez que muitas delas já constituíram família e algumas até mesmo pagam impostos” (CUNHA, Ibidem, p. 66). Outra medida que foi tomada secundariamente na tentativa de diminuir a entrada de novos imigrantes ilegais foi “[...] o aumento na defesa das fronteiras dos Estados Unidos, em especial a fronteira com o México, para impedir que novos ilegais entrem no país” (Ibidem, p. 66). No *Immigration Reform and Control Act*, de 1986, entre as medidas de controle e critérios estabelecidos para a legalização e permanência no país, Cunha (2012) apresenta,

Em primeiro lugar, o ato aplicava-se apenas àqueles que haviam imigrado antes de 1982 e que desde então tivessem mantido uma residência nos Estados Unidos. Além disso, havia uma série de condições para que o indivíduo fosse legalizado, como a necessidade de que possuisse ficha criminal limpa e que apresentasse um domínio mínimo de língua inglesa. A lei previa ainda o controle da imigração ilegal através de novas medidas, como o aumento da fiscalização a empregadores que contratassem ilegais e reformas nas leis de migração legal dos Estados Unidos. O ato previa também um incremento na segurança da fronteira, buscando evitar que a anistia tivesse o resultado indesejado de apenas legalizar alguns imigrantes sem que fossem tomadas as medidas necessárias para barrar a entrada de outros. (IBIDEM, p. 66).

A partir disso percebemos que, nos anos 80, os Estados Unidos gestaram uma política, cujo contexto de expansão da doutrina neoliberal, almejava eliminar o estrangeiro, seja pelos gastos

públicos que oneravam, ou ainda, por estes possuírem uma cultura considerada inferior e que “contaminava” os valores morais disseminados pelo protestantismo mítico que articulavam política e religião como forma de legitimar a nação dos eleitos. Para Silva (2013) a tentativa de solucionar o problema se mostrou ineficaz, uma vez que as medidas aplicadas aos empregadores de mão-de-obra irregular erram irrisórias frente aos lucros que a mesma possibilitava.

Além destas tentativas de controlar o fluxo de imigrantes no corpo da nação estadunidense, operado através de políticas e legislações específicas, devemos nos atentar às “teias invisíveis”, ou ainda, o controle da imigração através de mecanismos econômicos, como defende Thais França (2012). Segundo a autora, atualmente os controles da imigração assumem diversas formas para além das tradicionais políticas construídas para a regulação da presença de imigrantes empreendidas pelo Estado.

Com o processo de globalização hegemônica inicia-se um esvaziamento das políticas sociais, “ou seja, inicia-se uma dinâmica de administração dos segmentos mais baixos da sociedade através mais da punição, do que de proposta de integralização” (FRANÇA, 2012, p. 02). A inserção dos Estados Unidos na doutrina neoliberal produzira continuamente a pobreza extrema, principalmente para grupos sociais que já eram marginalizados e que encontravam alguma possibilidade quando estes se beneficiavam pelos investimentos sociais garantidos por programas governamentais.

Tais mudanças estruturais levaram também à desestabilização do mundo do trabalho. Para França (2012, p. 02) “o trabalho parece ter perdido sua força frente ao capital, as preocupações com o social se retraem e o neoliberalismo impõe, triunfantemente, suas regras e exigências”. Diante destas questões, a constante

“Precarização dos vínculos laborais faz recair sobre a classe trabalhadora a gestão dos riscos associados ao desemprego e proteção social, enquanto os empregadores tornam-se cada vez mais desresponsabilizados pelos direitos associados ao trabalho” (IBIDEM, p. 03).

Uma das consequências da desestabilização do mundo do trabalho é a polarização, pois, ao mesmo tempo que um pequeno grupo de trabalhadores altamente qualificados goza de estabilidade, prestígio social e bons níveis de remuneração, outros, que são a maioria, encontram-se em situações de instabilidade e de insegurança (PIORE, 1979; PEIXOTO, 2014 Apud. FRANÇA, 2012). Nesse sentido, a busca por mão de obra estrangeira torna-se mais interessante para os empregadores, uma

vez que estas possibilitam a venda da força de trabalho por um custo menor e lucros maiores. “A busca por mão de obra estrangeira barata é inerente a estrutura econômica das sociedades avançadas, a relação entre mão de obra imigrante, flexibilidade e precarização do mercado de laboral já vem de décadas” (ANTUNES E ALVES, 2004; PEIXOTO, 2008 Apud. FRANÇA, 2012, p. 03). Segundo os autores tal demanda não se explica unicamente pela falta de mão de obra nacional, mas justamente pelo fato de aquela ser mais barata, menos assistida pelos direitos trabalhistas e até mesmo pelos próprios sindicatos, o que serve adequadamente aos interesses do capitalismo, já que pode ser descartada, sem onerar custos econômicos e sociais. Assim, os “trabalhadores imigrantes constituem-se como um grupo invisibilizado e desempoderado que funcionam como a mão de obra barata por excelência (WACQUANT, 1998, Apud. FRANÇA, 2012, p. 03).

Para além dos mecanismos clássicos já existentes, por exemplo, os vistos, leis, protocolos, legislações, “esses mecanismos não apenas segregam os grupos de imigrantes, como os estigmatizam e facilitam sua subtração do corpo social quando não são mais necessários” (FRANÇA, 2012, p. 05). Nesse sentido, estamos nos referindo a uma nova política de exclusão oriunda das políticas neoliberais, como a autora afirma “nunca imigrantes foram tão estigmatizados como perigosos e problemáticos como atualmente (WACQUANT, 2007, Apud. FRANÇA, 2012). Para França (2012) não é possível afirmar se foi o desmantelamento do mercado de trabalho, com a difusão de empregos precários e com baixos níveis de qualificação que provocou os deslocamentos internacionais de trabalhadores pouco qualificados; ou se foi a abundância de mão de obra pouco qualificada e barata oferecida pelos imigrantes que propiciou a atual configuração do mercado laboral, isso é uma questão muito delicada e exige análises mais profundas, mas, “pode-se afirmar que esses novos contornos do mercado laboral e as medidas de desestabilização do Estado de Providência tem servido como mecanismos de controle dos imigrantes” (FRANÇA, 2012, p. 04).

Mas, para além da narrativa que reafirma os discursos dos neoconservadores, e para não defendermos que o filme produz uma narrativa unicamente de matriz dominante, devemos ver no filme um fragmento de “crítica social e de contestação em todos os textos ideológicos, inclusive em textos conservadores” (KELLNER, 2001, p. 143). Ou ainda, como ensina o autor “aprender a ler o texto “no contrapelo”, extraindo aspectos progressistas até de textos reacionários” (IBIDEM,

p. 143). Diante disso, o próprio diálogo que aparece na cena em que o pai de Paco cobra do filho que tenha um emprego, há uma crítica social de cunho progressista.

- **Pai de Paco:** *Que vida boa, hein!*

- **Paco:** *Oi, papi! Boa noite! Como vão as coisas no seu escritório?*

- **Pai:** *Por que não deixa de tonterias, hãhã?*

- **Paco:** *Para que procurar trabalho? Para quê? Desde quando você não trabalha, velho? Faz um ano que você não trabalha.*

- **Pai:** *Eu trabalho todos os dias. Todos os dias estou procurando emprego.*

- **Paco:** *Olha, eu não quero um trabalho. Eu quero um negócio.*

A crítica de cunho social e progressista consiste justamente quando Paco acusa o pai de “estar desempregado há um ano”. Quando Paco Morales afirma que o pai está desempregado há um ano, ele oferta uma representação da realidade vivida pela população imigrante pobre que vivia nos Estados Unidos governado por Ronaldo Reagan que promulgaria, em novembro de 1986, a *Immigration Reform And Control Act*. A legislação tornou ilegal a contratação de imigrantes ilegais, obrigou os donos de comércios que fizessem um atestado declarando a situação dos funcionários imigrantes, e anistiou mais de três milhões de imigrantes que viviam nos Estados Unidos.

Nesse sentido, João Silva (2013) lembra ainda que o programa começou a ser discutido em 1971 e somente depois de 15 anos foi aprovado, o que demonstra o intenso debate que pautou a questão. O fato de o pai do jovem imigrante latino estar desempregado pode ser explicado pelo acirramento provocado pelas disputas que se davam na sociedade estadunidense entre os mais diversos projetos políticos para a reformulação das políticas de imigração no contexto de expansão da política de economia neoliberal. Como sabemos, o desemprego na doutrina neoliberal é um fator natural⁸².

A primeira sequência do filme cujas fotografias são feitas durante o dia (10min e 02s) marcam a representação da instituição escolar. Compreendemos que tal técnica de iluminação fora empregada pela presença da jovem namorada de Mick, J.C, uma cidadã estadunidense de direito. Nessa altura da história, na casa de J.C (11min e 10s), Mick está deitado no chão acordado e ela dorme abraçada a ele. Mick diz: “Olhe. Acorde. Tenho que me levantar. Preciso ir embora”. J.C responde: “Não”. Ao que Mick continua o diálogo: “Seu pai não tarda a chegar. Preciso ir”. J.C

⁸² É interessante analisarmos Dá para discutir aqui a relação que Lóic Wacquant faz entre o número de encarcerados, nos Estados Unidos, nos anos 80 e o fato de que uma porcentagem alta deles estavam desempregados, bem como suas esposas se encontravam inseridas dentro dos programas sociais do governo federal. Na fala de o Pai de Paco reside uma crítica social progressista à doutrina neoliberal.

acorda e estabelece o seguinte diálogo com Mick:

J.C: *Você se lembra de Tony Contreras?*

Mick: *Quem?*

J.C: *O da motocicleta? Foi morto quando roubava uma casa na semana passada.*

Mick: *Essas coisas acontecem.*

J.C: *Tive um sonho... sonhei que você morria.*

Mick: *Sonhei que você morria com você. (risos)*

J.C: *Fui procurá-lo em sua casa. Sua mãe abriu a porta. Não disse nada, então, entrei. Aí você estava em um ataúde, com roupa vermelha.*

Mick: *Não tenho roupa vermelha. Você tem uns sonhos muito estranhos.*

J.C: *Do que estavam falando você e o Brennan?*

Mick: *Com o Carl... de nada! De nada!*

J.C: *Um dia vão pegar vocês.*

Mick: *E daí? Não fazem nada de mau. Sabe o que eles fazem? Levam você e lhe dão o almoço. Vão ligar para minha mãe e não vão encontrá-la. Vão me mandar jantar em casa algo pior que o almoço. É brincadeira.*

J.C: *Não quero que você morra.*

Mick: *Nada vai me acontecer.*

J.C: *Te amo!*

Mick: *Não sonhe!*

No excerto acima é possível percebermos os valores morais de J.C em oposição aos de Mick. A jovem lança uma espécie de previsibilidade sobre a vida de Mick ao dizer que “um dia vão pegar vocês”. Nesse sentido, a figura da personagem J.C, nesta representação, assume o lugar naturalizado para a figura feminina, àquele no qual as mulheres têm uma vocação para o cuidado, a preocupação constante, em oposição à natureza dos homens. A jovem assume o papel que deveria ser exercido pela mãe do namorado, segundo os padrões tradicionais. Outra questão que merece atenção é forma como Mick reage a afirmação de J.C: ele revela, em sua afirmação “não fazem nada de mau”, uma ideia alimentada ainda hoje no imaginário coletivo sobre as penalizações aplicadas a menores infratores. Inclusive, a argumentação dos conservadores americanos naquele momento histórico era justamente a mesma: “lavam você e lhe dão almoço”. Tal discurso ainda em voga tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, é uma forma de reivindicar uma política mais rígida para punição de “menores infratores” sob a acusação de que estes ficam “comendo e bebendo” às custas do Estado sem, de fato, serem penalizados da forma como merecem.

A figura da jovem J.C destoa da afirmação feita por Sanchez-Jankowski (2007, p. 142) de que “as mulheres [personagens de filmes] que têm qualquer tipo de relações com membros de gangues, sejam elas namoradas, amantes ou simples conhecidas, têm todas costumes suspeitos”.

Ainda segundo o autor “elas estão dispostas a cometer o adultério e até a se prostituir, ou ainda são alcoólatras ou drogadas (Ibidem, 142). Tal imagem percebida pelo autor a partir dos seus estudos sobre os filmes *West Side Story*, *The Warriors* e *Colors* se distancia das construídas nesta pesquisa, uma vez que a jovem que se relaciona com o delinquente, no caso Mick, não pertence a mesma classe social, como nos filmes estudados pelo autor. Subentendemos, nesta análise, que Mick, o imigrante irlandês e sua mãe, representada como uma mulher vulgar, são oriundos de um país católico e pertencentes a esta tradição religiosa. Paco e sua família também são católicos, haja visto que, quando Paco vai deixar sua casa, pede a benção da mãe que lhe responde “*Que Dios te bendiga!*” Também compreendemos o imigrante italiano, àquele que é apresentada por Horowitz, na instituição correcional, como o que “*o italiano raptou uma menina de 14 e a violentou no sótão*”.

Diante disso, a imagem da jovem namorada de Mick, J.C, pode ser compreendida como uma jovem pertencente à classe média, que representa os anseios de tal classe frente ao grupo social dos jovens imigrantes, pobres e católicos. Segundo Sanchez-Jankowski (IBIDEM, p. 141) estes jovens “fundamentalmente, são ‘perdedores’, mas, sobretudo, perdedores com costumes primários e com comportamento violento. Representam tudo aquilo que a sociedade execra profundamente e, sobretudo, aquilo que ameaça os seus valores mais sagrados”.

Sobre os familiares, o autor pondera “da mesma forma, os parentes dos jovens delinquentes aparecem com traços particularmente sombrios. Os pais, por exemplo, ignoram ou negligenciam suas responsabilidades em face de seus filhos no descaminho” (IBIDEM, p. 141).

Nesse sentido, no filme *Juventude em Fúria*, não há “mulher negra, com costumes suspeitos, que comete adultério, se prostitui”, ao contrário, é uma jovem branca, classe média, trabalhadora. Assim, estamos diante de um filme produzido a partir de ideias que sustentam o imaginário coletivo, alimentadas pela mídia de massa e pelo senso comum em geral, acerca de um grupo social pobre. Trata-se, portanto, de um filme “produzido” não para jovens pobres e operários como os estudados por Sanchez-Jankowski (2012), mas sim para a classe média, como forma de conscientizá-la acerca dos perigosos da presença de determinados grupos imigrantes à cultura estadunidense. Assim, a cultura da mídia é expressa pela indústria cultural nos mais diferentes meios de disseminação de cultura em massa, entre eles, o rádio, o cinema e a televisão e se constitui em produtos onde a disputa pela construção cultural de identidades são realizadas a todo o momento. E ainda, como é demonstrado no filme *Juventude em Fúria* para o espectador que assiste, os imigrantes são cheios de desvios sociais e culturais que ameaçam a sociedade.

A partir das representações construídas acerca das personagens pertencentes à família de Mick e Paco, podemos reafirmar que o cinema enquanto arte e o filme como linguagem cinematográfica participam da urdidura da vida cotidiana “modelando opiniões políticas e comportamentos sociais (KELLNER, 2001, p. 09) acerca de determinados grupos sociais”. Isso fica evidente no filme *Juventude em Fúria*, ao demonstrar a forma como os jovens imigrantes ajudavam a construir “um mundo de violência”⁸³ que se restringia a eles, uma vez que os considerados cidadãos estadunidenses de fato, aos quais se destinavam a política do *American Way Of Life* e eram assegurados o prestígio pela construção da família tradicional, quando são representados no filme, aparecem sempre em oposição social aos imigrantes, como é o caso da personagem da namorada.

Diante da evidente oposição entre J.C (jovem classe média, branca e protestante) e as demais personagens pertencentes à juventude imigrante (pobres e católicos), há o que Max Weber designou como “filiação religiosa e estratificação social” (WEBER, 1988). Esse processo de “filiação religiosa e estratificação social” presente no filme *Juventude em Fúria* (1983) se materializa no discurso fílmico quando os jovens imigrantes, pobres e católicos devem ser encarcerados por representarem “problemas sociais”. Nesse sentido, coincide com um outro discurso presente no imaginário coletivo de que jovens pobres e sem escolarização têm tendências ao mundo da criminalidade. Ao nosso ver este é mais um discurso neoliberal que precisa ser desmascarado.

⁸³ O nome do filme, no Brasil, e, em Portugal, foi traduzido como *Juventude em Fúria: Um mundo de violência* (1983). Nos Estados Unidos foi estreado como *Bad Boys* (1983). No Brasil, a figura do *Bad Boy* fora disseminada na cultura popular e na indústria cultural.

CAPÍTULO 4 - MICK E PACO “FORA DA SOCIEDADE”: A EMERGÊNCIA DO ESTADO PENAL

A política neoliberal não só “reformulou” a política keynesiana do país, mas, sobretudo, produziu um discurso juntamente com os setores mais conservadores que combateu estes grupos através de cortes de investimentos em programas sociais essenciais à manutenção dos mesmos. O resultado foi a consolidação de um Estado de insegurança social que, segundo os líderes políticos dos Estados Unidos naquele momento, tratava-se de “insegurança pública”, uma tentativa de justificar por que fora acionada outra política de controle destes grupos sociais pobres (re)marginalizados pelo discurso neoliberal: trata-se da emergência do Estado penal estadunidense⁸⁶.

Para compreensão do fenômeno de emergência do Estado penal como “a onda punitiva dos pobres”, nos Estados Unidos, dialogaremos, principalmente com Loïc Wacquant (2015). O autor chama a atenção não só para a instauração deste Estado Penal, mas também trata da forma como a “experiência estadunidense da ‘guerra ao crime’, impôs-se na década passada como referência obrigatória a todos os governos do Primeiro Mundo[...]” (WACQUANT, 2015, p. 12).

A partir disso, o autor “desmonta/desmantela os mecanismos da lenda internacional de um Eldorado americano da lei-ordem, demonstrando como as categorias, práticas e políticas penais dos Estados Unidos se originam e se inscrevem na revolução neoliberal” (IBIDEM, p. 14). Nesse contexto histórico, compreendemos as prisões como um mercado em expansão na era neoliberal como forma de encarcerar grupos marginalizados que vinham conquistando direitos sociais desde a década de 60 e 70, como aponta Laurindo Minhoto (2002) como “as prisões de mercado”, encarregadas não somente de punir estes sujeitos, mas também de garantir uma nova forma de lucro do mercado neoliberal, a partir da indústria penitenciária exportada para América Latina.

Neste capítulo, na metáfora de que Mick e Paco estão “fora da sociedade”, consideramos que essa retirada do social seria consequência das políticas neoliberais, considerando o dano causado pela queda do Estado de bem-social para as comunidades pobres estadunidenses. Em contrapartida, o encarceramento dos jovens imigrantes no filme é uma consequência da aplicação

⁸⁶ Partimos do pressuposto de que ser imigrante, pobre, negro, católico, nos Estados Unidos, já é estar marginalizado socialmente por não pertencer à narrativa mítica de fundação dos “*pilgrim fathers*”. A política neoliberal reforça, através de políticas econômicas e sociais, a marginalização das pessoas pertencentes aos grupos sociais já estigmatizados pelas narrativas conservadoras de fundação do país.

de recursos federais na ampliação do setor bélico. Nesse sentido, acontece o que Loïc Wacquant (2015) designou como uma “punição aos pobres”. Na mesma esteira de pensamento, Laurindo Minhoto (2002) afirma “não por acaso, sob os escombros do *Welfare State*, vem se erigindo um vigoroso Estado Penal”. Para o autor, a capacidade do Estado penal “(...) repousa exatamente no gerenciamento empresarial dos novos sujeitos monetários sem dinheiro que, uma vez descartados da nova ordem econômica internacional, são reinseridos nas prisões de mercado na qualidade de consumidores cativos da indústria de punição” ⁸⁷(Ibidem).

Foi nos Estados Unidos que, dando as costas para toda e qualquer “complacência sociológica”, a criminologia teria demonstrado que a causa do crime é a irresponsabilidade e a imoralidade pessoais do criminoso, e que a sanção implacável das “incivilidades” e de toda uma gama de desordens de pequena monta é o meio mais seguro para deter infrações violentas” (WACQUANT, 2015, p. 13).

Tendo em vista este movimento histórico, propomos discutir os marcadores sociais “pobreza e criminalidade” naturalizados pelo filme *Juventude em Fúria* nas personagens de Mick e Paco, problematizando suas representações com as propostas políticas presentes nos Estados Unidos, nos anos 80, referentes à privatização dos presídios públicos. Ainda, discutiremos uma ideia alimentada pela narrativa fílmica e que, ainda hoje, se faz presente no imaginário coletivo de que a falta de escolarização justifica o fato desses jovens serem representados como “delinquentes juvenis”, uma vez que no filme eles não sabem ler e tampouco escrever. Portanto, problematizaremos a relação entre grupos sociais pobres, presídios e educação, no filme *Juventude em Fúria* e nos Estados Unidos dos anos 80.⁸⁸

4.1- A PRIVATIZAÇÃO DOS PRESÍDIOS NO FILME E NOS ESTADOS UNIDOS DOS ANOS 80 COMO FORMA DE GARANTIR A (IN)SEGURANÇA SOCIAL.

O filme *Juventude em Fúria* (1983) pode ser dividido, praticamente, em duas partes: a primeira diz respeito à história que se desenvolve nas ruas, “dentro da sociedade” e a segunda se

⁸⁷ Nils Christie, *Crime Control as Industry: Towards Gulags, Western Style*. Londres: Routledge, 1994, pp. 193-194. Apud. MINHOTO, 2002, p. 136).

⁸⁸ Não discutiremos especificamente a uma proposta de redução da maioria penal tal como fizemos com a da imigração, apenas destacaremos as forças que atuaram no contexto histórico dos anos 80, nos Estados Unidos, que, de uma certa forma, coadunam com possibilitaram o desejo da personagem do juiz representado no filme, por políticas mais rígidas contra “jovens delinquentes”.

desenrola “fora da sociedade”, na instituição correcional para menores infratores. Comentamos anteriormente sobre as técnicas de iluminação que destacam os tons claro/escuro utilizadas na construção do filme como forma de demarcar os lugares sociais de determinados grupos representados. Devemos ressaltar que na instituição correcional, Paco e Mick são constantemente representados com fotografias claras, àquelas mesmas destinadas somente às personagens que encarnam os verdadeiros cidadãos estadunidenses. Tal “jogo de poder” que se opera na iluminação clara e as fotografias feitas durante o dia, utilizadas anteriormente somente para a senhora no semáforo, a jovem J.C e o juiz; é utilizada para representar os jovens imigrantes e os demais dentro da instituição correcional. Esse uso da iluminação neste novo espaço diegético é uma forma de dizer que o encarceramento deveria ser o destino final destes grupos sociais pobres nos Estados Unidos dos anos 80.

No filme, percebemos ressonâncias da nova ordem fundada pelo neoliberalismo, o Estado penal para pobres, principalmente no momento após a briga pela posse da mala de drogas químicas entre os grupos de Paco, de Mick e os *blacks* (19min e 30s). O jovem imigrante irlandês foge com um carro roubado sendo perseguido pela polícia. Durante a fuga, ele perde o controle do automóvel e atropela, acidentalmente, o irmão mais novo do seu rival, Paco Moreno (corte na sequência). A próxima sequência (30min e 34s) é momento em que Mick está sendo sentenciado por um juiz que afirma:

*“Mick O’Brien cometeu os crimes de um adulto. Seu registro de prisões anteriores é extenso e indica uma personalidade anti-social. No entanto, a lei o protege. Sua condição de menor me impede de **impor a ele a pena que ele merece**. Enquanto os códigos não forem revisados para incorporarem uma definição mais realista de Menor Infrator, a sociedade continuará sofrendo. É o veredito deste tribunal enviá-lo à Correcional de menores de Rainford até ele completar a sua reabilitação”.*

Nessa narrativa do juiz fica evidente a necessidade de combater a “delinquência juvenil” nos Estados Unidos nos anos 1980, mas devemos notar, principalmente como esta aparece articulada as ideias de “crimes adulto”, “comportamento anti-social”, “excesso de proteção legal”, “condição de menor”, “menor infrator” e “reabilitação”. Todos estes termos que possuem não só significados, mas também historicidade dentro deste contexto histórico conservador, foram muito utilizados para combater, inclusive, no Brasil, a imagem das crianças e dos jovens pobres que sempre apareceram articulados à periculosidade, remetendo-os a uma representação

patologizante⁸⁹.

Tais ideias são um reflexo do discurso conservador expresso por um modelo de direito penal com vértice mais autoritária e menos garantista, colocado em prática por governos com ideais da direita tradicional – os norte-americanos, Reagan e Bush, e pelo governo inglês de Thatcher (RODRIGUES, 2016). Para estes conservadores, assim como para o juiz que sentenciara Mick e que expressa o movimento de lei-ordem e tolerância zero, “[...] a única solução para a criminalidade é a edição de leis mais severas e consequente punição dos “homens maus”, pois estes representam um perigo à sociedade” (Ibidem, p, 02).

A investida produzida pelo filme através da personagem do juiz sobre a necessidade de “reformulação dos códigos” e a necessidade “de uma definição mais realista de menor infrator”, demonstra a importância que a mídia tem adquirido na construção de narrativas conservadoras acerca da “punibilidade como única alternativa para reprimir a violência infanto-juvenil (C, PESSOA; Y, PESSOA; FERRAZ, 2013, p. 17389). O que causa um mal-estar no juiz é o fato de o jovem Mick ir cumprir sua pena na instituição correcional através de medidas “socioeducativas” por serem estes considerados inimputáveis, e não em uma penitenciária (destinada aos adultos).

No plano social, político e econômico dos Estados Unidos durante os anos 80, os conservadores mantinham uma política única para os mais diversos grupos sociais: tratava-se das consequências provocadas pela doutrina neoliberal. Dentro deste contexto, na afirmação do juiz, há o desejo não só de que houvesse uma “revisão” dos códigos referentes à punição para menores infratores, mas, sobretudo, a declaração de uma suposta articulação de jovens, imigrantes e pobres (representados por Mick e Paco) com a “alta” taxa de criminalidade presente nos Estados Unidos, anos 80.⁹⁰

No Brasil, principalmente, nos anos 80, foram os jovens negros e pobres da periferia os combatidos diante deste mesmo discurso, portanto, não queremos discutir uma proposta jurídica ou legislativa de redução da maioridade penal (que se pensava também nos anos 80 nos Estados Unidos), mas sim, como este discurso de pobreza e criminalidade ganhou força naquela época a partir de uma proposta política que criminalizava grupos sociais pobres e, *pari passu* a este movimento, a necessidade de privatizar as cadeias públicas federais (o surgimento da indústria carcerária/ mercado das prisões) para garantir a ordem da insegurança social provocada pelo

⁸⁹ Cf. Os estudos de Cecília Coimbra e Maria Nascimento.

⁹⁰ O que em outros filmes vão ser jovens, pobres, negros, homossexuais, mulheres, enfim, há muitas representações que naturalizam e “insinuam” a articulação entre pobreza e criminalidade.

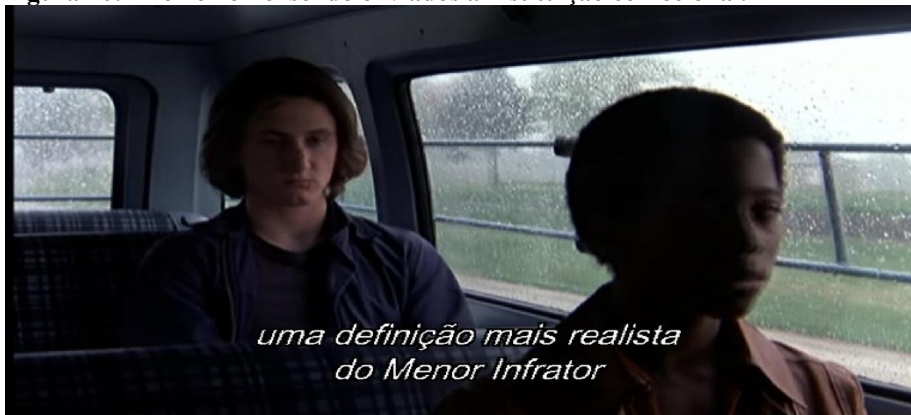
desmantelamento do Estado de bem-estar social.

Nesse sentido, “à atrofia deliberada do Estado social corresponde a hipertrofia distópica do Estado penal: a miséria e a extinção de um têm como contrapartida direta e necessária a grandeza e a prosperidade insolente do outro” (WACQUANT, 2001, p.80). Onde o objeto desta impetuosa onda repressiva foi (e ainda é) a nova **marginalidade social**: as minorias étnicas na América, os imigrantes na Europa, os novos pobres, os desocupados e os tóxico-dependentes em ambos os contextos (GIORGI, 2004, p. 29).

O grande medo e a justificativa para uma agenda tão conservadora era justamente a ameaça de que grupos sociais pobres conquistassem mais direitos, portanto, o sistema penal é uma forma de evitar supostas lutas por conquistas de direitos dentro de uma década que ficaria conhecida de a era da insegurança social. “Nas prisões dos condados, seis penitenciários em cada dez são negros ou latinos; menos da metade tinha emprego em tempo integral no momento da prisão; dois terços provinham de famílias dispendendo de uma renda inferior à metade do ‘limite de pobreza’” (WACQUANT, 2001 Apud. SEIBEL, 2005, p. 100).

No filme *Juventude em Fúria*, podemos notar a presença de jovens de grupos sociais diversos na instituição correcional, quando Mick é encaminhado juntamente com um jovem negro, Terrel. Esta representação de Terrel e Mick no mesmo plano conjunto, ou seja, captando as duas personagens em um mesmo quadro, revela as tensões travadas também contra as populações negras estadunidenses, uma vez que estas, assim como os imigrantes, eram combatidas na mesma intensidade, não somente por serem negros, mas, sobretudo, por serem pertencentes a grupos sociais pobres.

Figura 16: Mick e Terrel sendo enviados à instituição correcional.



Fonte: *printscreen* de uma cena do filme *Juventude em Fúria* (1983).

Quando olhamos para os indivíduos vítimas da política do encarceramento estadunidense, o abismo é assustador no que se refere à população negra em relação à branca. Segundo Seibel (2005), entre 1984 e 1997, a proporção de homens brancos nas prisões subiu de 0,5% para 0,9% (SEIBEL, 2005, p. 98). Em contraposição “durante o mesmo período, a percentagem de homens negros encarcerados subiu de 3,3% para 7,2% (LADIPO, 2000 Apud. SEIBEL, 2005, p. 98). Dessa forma, “ao final de 1997, havia 758.000 homens negros nas prisões, além de 274.000 *on parole* e ainda 902.000 *on probation*. Ao todo, mais de 18% de todos os homens adultos negros estavam sob alguma forma de supervisão correcional” (SEIBEL, 2005, p. 98).

As prisões americanas estão repletas não de criminosos perigosos e violentos, mas de crimes vulgares condenados pelo direito comum, por envolvimento com drogas, furto, roubo, ou simples atentados à ordem pública, em geral oriundos das parcelas precarizadas da classe trabalhadora e, sobretudo, de famílias do sub-proletariado negro. (WACQUANT, 2001, Apud. SEIBEL, 2005, p. 100).

Estes dados se apresentam como uma denúncia a este sistema econômico perverso colocado em prática pelos Estados Unidos e exportado para o mundo Ocidental. Doutrina colocada em vigor devido a um discurso de que os anos 80 se constituía em uma década de “insegurança pública”, na qual, para evitar o aumento da criminalidade fora necessário o acirramento das políticas penais. Em contraposição a isso, hoje, sabemos que tal discurso fora forjado para justificar algo que nunca existiu. Diante disso, Ladipo (2000) Apud. Erni Seibel (2005), demonstra que o crescimento das prisões americanas nas décadas de 80 e 90 teve pequeno impacto na redução da criminalidade e na prevalência do consumo de drogas. Mas, ainda assim, os políticos americanos permanecem propondo políticas que tem expandido cada vez mais o aumento da população prisional.

Ainda de acordo com Erni Seibel (2005) até o final da década de 90, havia nos Estados Unidos dois milhões de detentos, três milhões de presos *on probation*, e 700 mil *on parole* (LADIPO, 2000 Apud. SEIBEL, 2005, p. 97). Mais da metade destas pessoas encarceradas foram detidas por crimes não-violentos contra a propriedade, abuso de drogas, bem como ofensas à ordem pública. Esta situação designou “a construção de prisões, fora dos grandes centros urbanos, produziu em pequenas cidades o incremento do emprego associado ao surgimento de uma indústria prisional através da privatização do sistema penitenciário” (SEIBEL, 2010, p. 97). A indústria prisional nasceu em 1983 e conseguiu englobar 7% da população carcerária (0, em 1983, 276.655, em 2001). O número deve triplicar em apenas cinco anos. Portanto, a reclusão, assume hoje um lugar central no sistema de controle do mercado de trabalho desqualificado, dos guetos urbanos e

dos serviços sociais “reformados” com vistas a apoiar a disciplina do trabalho assalariado dessocializado (WACQUANT, 2001).

Figura 17: Sr. Daniels em discurso que coincide com os midiáticos.



Fonte: printscreen de uma cena do filme Juventude em Fúria (1983).

Estamos falando de um sistema punitivo para controlar grupos sociais pobres, cidadãos concebidos como desajustados socialmente e com valores inferiores aos dos verdadeiros cidadãos estadunidenses. Tal projeto que exclui o outro e desconhece a legitimidade de seus direitos, fica bem evidente no filme, quando Terrel e Mick estão sentados à frente do professor negro da instituição correcional, Sr. Daniels, que parece incorporar com bastante convicção a doutrina, a legislação e os aspectos jurídicos colocados em prática naquele contexto.

Segundo ele “*este é um centro para menores. Foram designados ao pavilhão C. Esse é o pavilhão especial para delinquentes críticos. Seus companheiros reclusos são assassinos, participantes de roubos à mão armada, estupradores e com problemas mentais*”. Todos aqueles que, devido às constantes representações que emergem nas mídias, sempre de forma negativa e perigosa, aparecem condenados ao mesmo lugar: uma instituição correcional para menores infratores que necessitam de medidas socioeducativas. Portanto, encarcerar esses corpos que destoam dos demais.

Dessa forma, estamos convencidos de que “o controle da pobreza tem sido operado através do sistema penal”, como pondera Fernanda Kilduff (2010). A presença dos jovens imigrantes Mick e Paco na instituição correcional, diz respeito à política de criminalização dos pobres nos Estados Unidos e a uma “suposta” ideia que defende a articulação destes com o mundo da criminalidade. São estas forças que atravessam e constituem o “suposto desejo” expresso pelo juiz de redução da maioria penal, bem como a realidade da privatização dos presídios públicos federais, que vêm possibilitando “a penalização da miséria e o avanço do neoliberalismo” (WACQUANT, 2008, p. 93).

A regulação da classe operária pelo que Pierre Bourdieu chama de “mão esquerda” do Estado, simbolizada pelos sistemas públicos de educação, saúde, seguridade e habitação, foi substituída – nos Estados Unidos – ou suplementada – na Europa Ocidental – por regulações a partir de sua “mão direita”, ou seja, a polícia, os cortes e o sistema prisional, que estão se tornando cada vez mais ativos e intrusivos nas zonas inferiores do espaço social” (Ibidem, p. 94).

Wacquant (2008) afirma que em todos os lugares onde a ideologia neoliberal de submissão ao “livre mercado” se instalou, observamos um grande número de cidadãos pobres serem encarcerados por sua condição de pobreza. Diante disso, para o autor, o Estado depende desse controle para conter a desordem gerada pelo desemprego, a imposição do trabalho precário e o encolhimento da proteção social destinada a estes cidadãos. Sobre este contexto marcado por uma política da “mão invisível”, o autor argumenta que “a mesma questão aparece, em termos mais urgentes e dramáticos, na América Latina, onde o estilo policial norte-americano está sendo importado no atacado” (Ibidem, p. 100). Assim, as produções, os discursos, o sistema jurídico é vendido através imagens presentes nos filmes que reforçam ideias “naturalizadas” dos americanos como o povo eleito em contraposição aos demais, valores que são ensinados através de relações de poder presentes nestas representações e que educam os olhares dos espectadores possibilitando, assim, uma pedagogia cultural destes valores.

Outra oposição bastante marcante no filme *Juventude em Fúria* se refere ao discurso proferido pelo juiz da “necessidade de revisão dos códigos para uma definição mais realista de menor infrator” face à instituição correcional de *Rainford*. Um exemplo dessa oposição é bem demarcado quando a personagem do professor Daniels apresenta Mick e Terrel ao supervisor Wagner. Em seguida, Daniels diz: “*cavalheiros, aproveitem a sua reabilitação*”. Nesse momento, o supervisor apresenta aos jovens uma placa com os *points system*, ou seja, de acordo com as infrações existe uma pontuação, sendo que a última se refere ao ato de fumar, com 400 pontos. O

que à primeira vista causa uma impressão de ser um local com regras rígidas, contraditoriamente à proibição apresentada pelo supervisor, a câmera captura Mick e Terrel de costas demonstra jovens fumando livremente diante do supervisor. Tal aspecto da ideia de rigor não se sustenta mais a partir daí (imagem 19).

Figura 18: Fumar 400 pontos



Figura 19: jovens fumando tranquilamente



Fonte: *printscreens* de uma cena do filme *Juventude em Fúria* (1983).

A contradição coloca sob suspeita o funcionamento das instituições correcionais para menores infratores no filme e, também, nos Estados Unidos, bem como em todos os lugares que as mesmas possam existir. Em outras palavras, demonstra a presença da corrupção e de como as coisas podem ser geridas de uma outra forma. Assim, podemos retomar o “desejo” do juiz de penas mais severas para estes jovens e ainda destacar que em seu discurso fica latente a ideia de que estas instituições não reabilitam, o que, de fato, concordamos. Não reabilitam não só pela corrupção e pelas formas de gerenciamento que adotam, mas, sobretudo, porque estas não foram idealizadas para serem ressocializadoras, e sim, para servirem apenas como depósitos que reforçam ainda mais a marginalização social de jovens pertencentes aos grupos sociais pobres. Ser encarcerado um dia pode significar nunca mais reencontrar a possibilidade de reconstrução da vida em sociedade. O encarceramento e as violências provocadas por estas instituições marcam a pele e a alma de quem por lá passa.

O fracasso do processo de “ressocialização” ofertado pela instituição correcional para menores infratores presente no filme se concretiza para o espectador na cena em que Piolin, um jovem negro que juntamente com o Viking coordenavam o domínio do lugar, deixa a instituição após o tempo de cumprimento da pena. Quando o jovem está deixando a instituição correcional,

há um carro aguardando-o no portão e o mesmo já sai acompanhando por “maus elementos”. Para o espectador reforça-se a impressão de que estas instituições, tal qual condenara o juiz, “precisam ser revistas”, a punição precisa ser mais dura e as instituições mais severas, para que “a sociedade não continue sofrendo”.

Figura 20: Piolin deixa a instituição correcional para menores infratores



Fonte: *printscreen* de uma cena do filme *Juventude em Fúria* (1983).

Em outro momento do filme, a suposta impressão de que este sistema não funciona e que o mesmo é paliativo se confirma quando na sala de aula, o professor, Sr. Daniels, pede para Horowitz ler uma notícia que informa aos demais jovens que Warren Jeromi havia sido morto em uma tentativa de roubo a uma loja de bebidas. Este era o nome civil de Piolin.

A defesa da redução da maioridade penal no filme (e nos Estados Unidos, nos anos 80) parte do princípio que se reduziria o número de “jovens delinquentes”, pois passariam a temer a penalização dos seus corpos em instituições mais severas que àquelas ofertadas pelas instituições socioeducativas. No entanto, devemos considerar que a criminalidade nos Estados Unidos, assim como no Brasil, está relacionada aos grupos pobres destes países, que ocupam as áreas periféricas das cidades, principalmente afro-descendentes e analfabetos. É uma relação complexa de muitos atravessamentos que constituem todos estes sujeitos. Seus corpos também respondem de formas distintas a tudo isso, por isso, não devemos ver o processo de escolarização como única forma de retirá-los desta situação social. É preciso investimentos em programas sociais que garantam o

máximo de reparos a essas condições. Ser analfabeto, não ter passado pelo processo de escolarização é apenas mais uma das muitas facetas que os atingem e não a única causa.

Como forma de reafirmar ainda mais a necessidade de punições mais rígidas contra estes jovens imigrantes, pobres, negros, latinos e afro-americanos, que se encontram na instituição correcional de Rainford, podemos observar na cena em que Paco foge da instituição correcional com a ajuda de Horowitz e é depois capturado. Ao invés de voltar diretamente a Rainford, o mesmo é levado à Penitenciária Estadual de Illinois, como forma de intimidar qualquer outra tentativa de fuga.

Figuras 21, 22 e 23: Penitenciária Estadual de Illinois.



Fonte: *printscreen* de cenas do filme *Juventude em Fúria* (1983).

No interior da penitenciária estadual, a personagem Ramon Herrera (Reni Santoni) diz ao jovem Mick: *“Aqui está, cara. A grande. As ligas maiores. Linda, não? Cometa um erro de novo e aqui é onde vai terminar. Como dizem, a vida é uma escolha, certo? Depende de você”*.

Esta representação da penitenciária como um local mais severo que as instituições socioeducativas é um discurso produzido e alimentado muito fortemente por setores políticos, religiosos e cidadãos que defendem políticas de “intolerância zero” contra menores infratores, ou ainda, como alimentara a mídia durante muito tempo, contra “jovens delinquentes”. Existe, em seu discurso, sobretudo, uma articulação muito expressa pelo capitalismo de “livre mercado” que se refere ao individualismo das ações de sujeitos como Mick, pois, *“a vida é uma escolha, certo? Depende de você”*. Neste sentido, as relações sociais, culturais, políticas e econômicas que participam ativamente da constituição das subjetividades “em nada” interferem na posição social de sujeitos como o jovem imigrante. As prisões a partir dos anos 1980 são inauguradas como mercado, verdadeiras indústrias mantidas pela arte neoliberal de governar.

Na mesma esteira de pensamento, Laurindo Minhoto (2002) comenta que “mais de 650 empresas participaram na Flórida do ‘Congresso de Orlando’, ocorrido em agosto de 1997 sob o patrocínio da Associação Correcional Americana, organismo privado fundado em 1870, que promove os interesses do setor” (MINHOTO, 2002, p. 134). Diante do exposto, podemos evidenciar que a ECA, abreviatura de Associação Correcional da América, é uma indústria que promove os interesses do setor correcional desde o final do século XIX. Ainda sobre o encontro patrocinado por tal associação, o autor destaca que,

Na vitrine, entre outros artigos expostos pelos novos “industriais do encarceramento”, algemas acolchoadas e armas de fogo, cadeados e grades indevassáveis, mobiliário para as celas, artigos variados de perfumaria e alimentação, cadeiras imobilizantes e “uniformes de extração” (destinados a arrancar detentos recalcitrantes de suas celas), grelhas eletrificadas de efeito letal, programas de desintoxicação para drogados ou de “rearmamento moral” para jovens delinquentes, sistemas de supervisão eletrônica e de telefonia de última geração, tecnologias biométricas de detecção e identificação, pacotes de gestão informatizada de dados administrativos e judiciários, sem falar nas celas desmontáveis e nas prisões “chave-na-mão” (WACQUANT, 1998, p. 20 Apud. MINHOTO, 2002, p. 134).

Existe um mercado à disposição das penitenciárias públicas ou privadas de todo o mundo. A dimensão industrial das instituições de punição na era neoliberal não pode ser perdida de vista diante da forma como estes artigos têm sido colocados à disposição para consumo por um número de empresas consideravelmente alto. Como nos lembra Minhoto (2002) em 1994, por exemplo, este setor do comércio faturou, apenas nas esferas das cadeias locais norte-americanas US\$ 65 bilhões. Neste contexto, sem dúvidas, estamos diante de um Estado penal “[...] cujo dínamo repousa exatamente no gerenciamento empresarial dos novos sujeitos monetários sem dinheiro que, uma vez descartados da nova ordem econômica internacional, são reinseridos nas prisões de mercado na qualidade de consumidores cativos da indústria de punição” (Ibidem, p. 136).

Dessa forma, os pobres como consumidores cativos da indústria carcerária, nos Estados Unidos, colocaram, nos anos 80, a pauta da privatização dos presídios na ordem do dia devido ao número cada vez maior de pessoas encarceradas. Surgiu o argumento central de que o sistema penitenciário estatal estava em crise⁹¹ o que dava mais força à possibilidade de transferir a

⁹¹ Tal qual está acontecendo neste momento no Brasil. Aqui este discurso acaba de tomar uma dimensão absurda através da mídia e, juntamente com ele, surgem as propostas de privatização dos presídios públicos brasileiros sob a acusação de que o Estado não tem condição de administrá-los devido à constante corrupção de servidores públicos que facilitam a entrada de objetos não permitidos de comunicação, inclusive, também, mais recentemente, são acusados de facilitar fugas de presidiários.

administração dos mesmos às empresas privadas. O Estado economizaria com tal proposta, e a Empresa Privada, visando lucros, exerceu grande pressão para que tal ideia fosse aceita. Diante disso, alguns estados optaram pelo sistema de privatização e outros apenas pelo de arrendamento destas instituições,

[...] os Governos locais de alguns Estados norte-americanos resolveram implementar o modelo atual da ideologia do tratamento em penitenciárias administradas pela iniciativa privada, estabelecendo regras contratuais através das quais empresas particulares passaram a administrar estabelecimentos penais de presos condenados a penas mínimas ou médias e, eventualmente, de condenados a penas altas, em estágio de cumprimento dos dois últimos anos de sanção” (CORDEIRO, 2006, p. 91 Apud. MINHOTO, 2010, p. 134).

Diante do desejo de redução da maioridade penal como forma de privar um número maior de jovens pertencentes a grupos sociais pobres de liberdade por crimes que, na maioria das vezes, são crimes contra o patrimônio, como os cometidos por Mick e Piolin, entendemos que, a proposta de privatização dos presídios também se faz presente no filme *Juventude em Fúria* (1983) como forma não só de materializar o discurso de que as instituições socioeducativas não funcionam, mas, sobretudo, como forma de reafirmar um número maior de jovens que passariam a ser “consumidores cativos da indústria de punição” (WACQUANT, 1998). Portanto, a discussão da redução da maioridade penal vem atrelada à necessidade de privatização de presídios públicos, capazes de suportar a entrada e permanência de um número cada vez maior de pessoas.

Entre os diversos discursos alimentados pelo filme *Juventude em Fúria* (1983) com relação a grupos sociais pobres diversos (imigrantes e negros) chama-nos a atenção também o fato de que o filme busca justificar a presença destes sujeitos na instituição correcional a partir da alegação de que estes “não sabem ler e nem escrever”. Nesse sentido, interessa-nos problematizar este discurso de que jovens pobres e sem escolarização têm tendências para o mundo da criminalidade.

Não estamos negando que os sujeitos que têm cumprido penas em sistemas socioeducativos, de fato, tenham um grau de escolaridade que não corresponde ao esperado, pela ideia naturalizada de “idade certa”, mas, lançando uma problemática sobre um discurso que, ao nosso ver, é mais representativo do sistema neoliberal para justificar a presença destes mesmos nas instituições. Tem-se a sensação de que se os jovens detentos soubessem ler e escrever, estariam “empregados” por este sistema e não precisariam cometer crimes. Mas a realidade de “desregulação e desemprego no capitalismo avançado” não tem sustentado esta convicção de que escolarização seja uma garantia de algo melhor. Há algo de controverso nisso tudo. Ao nosso ver este é mais um

discurso neoliberal que mistifica a realidade tornando-a menos complexa diante de todos os marcadores sociais que atravessam os sujeitos e suas subjetividades de forma distinta.

Tais evidências que articulam ausência de educação com e criminalidade ficam bem retratadas na narrativa fílmica, quando Horowitz, ocupando o lugar mais alto (no excerto abaixo) lê o nome dos jovens presos na instituição correcional para que os mesmos identifiquem se há cartas ou não para eles. Em um momento Horowitz chama pelo nome de Mick O'Brien e, em seguida diz “*É um milagre. Alguém que você conhece sabe escrever*”. A posição ocupada por Horowitz em relação aos demais é estratégica não só para facilitar a entrega das cartas, mas, sobretudo, por demarcar uma diferenciação entre quem domina a cultura letrada e quem não.

Figura 24: Horowitz entregando as cartas.



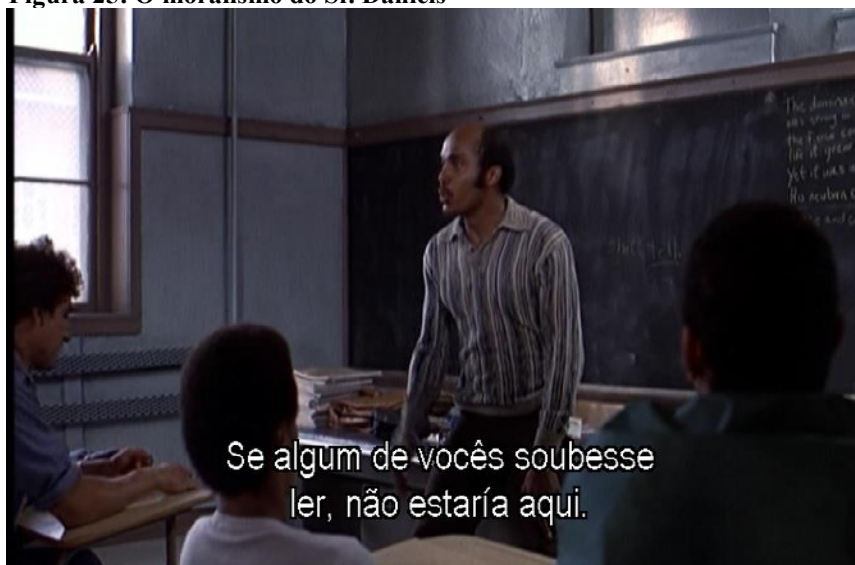
Fonte: *printscreens* de cenas do filme *Juventude em Fúria* (1983).

A sua exclamação, emerge, assim, como um espanto pelo fato de Mick conhecer alguém que sabe escrever e sugere que, a condição de menor infrator do imigrante irlandês, tem relações estreitas com o mundo da criminalidade vivido por ele, bem como lança uma “previsão” dos tipos de pessoas com as quais o mesmo se relaciona. Todos estes aspectos corroboram para alimentar a ideia das juventudes imigrantes pobres como perpassadas por desvios sociais, “delinquentes juvenis”, porque supõe uma ideia essencialista para uma diversidade de corpos que respondem de modos distintos a essas forças que os atravessam e os constituem enquanto sujeitos.

Na cena em que o Sr. Daniels pede para que os jovens leiam uma frase escrita no quadro, os mesmos são representados como estudantes com muita dificuldade de leitura. O professor diz “*Perretti leia as frases para a classe*”. Depois “*Lofgreen*”; *O'Brien, Denninsoni*. Diante de tantas

tentativas, os demais riem todos juntos, então, Sr. Daniels exclama: “*Ouçam, isso não é para rir. Se algum de vocês soubesse ler não estaria aqui. Já pensaram nisso?*”

Figura 25: O moralismo do Sr. Daniels



Fonte: *printscreens* de cenas do filme *Juventude em Fúria* (1983).

A imagem fortalece a tese central discutida neste capítulo sobre a articulação de pobreza e criminalidade como experiências restritas aos jovens pobres. Esta imagem presente no filme ainda participa ativamente do imaginário de muitas pessoas que tentam justificar a “natureza violenta” de alguns jovens pobres, de acordo com as suas situações econômicas, sociais e, sobretudo, familiares; por isso, estes não sabem ler e nem escrever. A ideia do domínio da escrita como forma de se libertar das amarras sociais produzidas dentro do sistema, ainda se encontra muito fortemente associada a este tipo de discurso acerca de crianças e jovens pobres infratores no Brasil. Principalmente nas escolas públicas, quando os professores negam o direito de acesso à educação destes sujeitos a partir da justificativa de que os mesmos não sabem ler e nem escrever devido às situações de vulnerabilidade social que vivem.

Mas a ideia de que estes jovens pobres por “não saberem ler e escrever teriam tendências para o mundo da criminalidade” presente no filme apresenta uma oposição a ela própria, que se constitui na figura de Horowitz. A personagem sabe ler e escrever, mas também está presente na instituição correcional. O que podemos compreender através desta ambiguidade? Compreendemos que os crimes imputados a ele não são crimes contra o patrimônio, ao contrário dos diversos que Mick cometeu, bem como o do próprio Paco, com o tráfico de drogas ilícitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos construir reflexões a respeito da relação entre cinema, juventude e Estados Unidos, partindo da análise das representações das juventudes imigrantes presentes no filme, objeto de análise *Juventude em Fúria: um mundo de violência* (1983).

A fluidez das informações presentes no mundo contemporâneo tem proporcionado que as obras cinematográficas atinjam públicos gigantescos em um curto espaço de tempo, proporcionando aos espectadores, a construção de leituras sobre assuntos diversos. Diante disso, das representações que circulam em todas as esferas do público e do privado, propomos que essas sejam alvo de questionamentos por legitimarem discursos, práticas sociais e culturais que participam ativamente da constituição social das identidades dos sujeitos sociais no tempo.

Os textos culturais, assim, devem ser pensados pelo seu potencial de construir representações sobre o mundo, que educam crianças, jovens, homens e mulheres constantemente, atribuindo sentidos às suas vidas; concebidos como imagens que possuem um caráter pedagógico que circulam, legitimam disputas e constroem significações nas “arenas culturais”.

O filme *Juventude em Fúria* (1983) ao construir representações dos jovens imigrantes como “problema social”, de recitar a necessidade de reformulação dos códigos penais para menores infratores, de privatização dos presídios, bem como do encarceramento para sujeitos pobres, educa os olhares dos espectadores.

Sobre o percurso metodológico, cabe destacar que o diálogo com Kellner (2001), nos proporcionou pensarmos os textos culturais não apenas como disseminadores de ideologias reacionárias, mas também como textos que são perpassados por diversas relações de poder que, ao representar um grupo social em tensão com os demais, promove também pautas democráticas, ou ainda, de cunho progressista.

O objetivo central da pesquisa foi o de compreender os pontos de diálogo, tensões e conflitos instaurados pelo filme como representação da realidade, com as políticas implantadas nos Estados Unidos na década de 80, durante a Era Reagan, no contexto da expansão do neoliberalismo. O filme suscitou questões diversas, entre elas, elencamos algumas a serem discutidas após o processo de *decoupage* filmica no qual procuramos compreender de que forma os “lapsos” presentes na narrativa filmica dialogavam com o momento político dos Estados Unidos nos anos 80. Portanto, o texto cultural dialoga muito fortemente com o universo político de sua produção.

Em busca de compreender as representações dos jovens imigrantes Paco e Mick como “problema social” para o desenvolvimento da cultura estadunidense, o filme nos encaminhou a necessidade de compreender: a juventude enquanto categoria de análise social; o cinema como texto cultural que educa os olhares dos espectadores, portanto, como portador de um discurso pedagógico; e, por último, a própria história dos Estados Unidos e como este país se relacionara com os imigrantes, bem como com a imigração no contexto da queda do Estado de bem-estar social e expansão das políticas neoliberais.

Nesse sentido, problematizamos as representações do imigrante latino, Paco, tomando-o como uma representação da realidade social vivida pelos latino-americanos nos Estados Unidos, quando o país, nos anos 80, no contexto da Guerra Fria se preocupava, principalmente com os latino-americanos devido às suas aproximações com o comunismo. Outras representações alimentadas pelo filme e problematizadas na pesquisa, como, por exemplo, a imagem dos imigrantes como povos subversivos, preguiçosos e católicos em oposição à imagem dos verdadeiros cidadãos estadunidenses; bem como a representação destes como povos com estreitas relações com o mundo da violência e da marginalidade representado pela inserção deles no comércio das drogas e, conseqüentemente, no encarceramento juntamente com jovens de outros grupos sociais pobres vítimas das políticas neoliberais.

Afirmamos que estas imagens dos jovens como “problema social” e “delinquentes juvenis” são produzidas constantemente pelas mídias contemporâneas e alimentadas cada vez mais no imaginário a partir de “esquemas dominantes” de pensamento que reforçam estereótipos e preconceitos contra grupos sociais pobres. Também ponderamos que jovens de classe média aparecem representados por estas mesmas mídias, mas, em contraposição estes, por sua vez, aparecem vinculados a outro tipo de preocupação, a saber: os mesmos não são representados como “problema social” a ser combatido, encarcerado ou vigiado, mas como problema resultante à importância de seus corpos para a constituição da nação, ou ainda, estes se apresentam como o futuro da nação, por isso a preocupação.

Assim, o filme *Juventude em Fúria* assemelha-se a uma diversidade de filmes hollywoodianos que constroem representações sobre grupos sociais diversos e representam as tensões entre estes grupos com os projetos políticos e econômicos de Ronald Reagan. Os “lapsos” presentes no filme que apontam os jovens imigrantes como “problema social”; a necessidade de não aceitação dos imigrantes à cultura estadunidense (projeto discutido nos Estados Unidos dos

anos 80); encarceramento de imigrantes e grupos sociais diversos (consequência da queda do Estado de bem-estar social) e privatização dos presídios públicos (emergência do Estado penal) se faziam presentes nos Estados Unidos, sob a presidência de Reagan e ressoam no filme em análise. As tensões advêm justamente do combate conduzido pelo presidente Reagan contra diversos grupos sociais pobres através de cortes de investimentos em programas sociais antes destinados a esta parcela da sociedade.

Dessa forma, compreendemos as trajetórias dos jovens imigrantes pobres, Mick e Paco, como uma representação dos debates que marcaram a década de 80 contra os imigrantes nos Estados Unidos. Vimos, nas personagens, uma narrativa reacionária que não promove pautas democráticas com relação à imigração, por isso, compreendemos suas trajetórias como “dentro da sociedade”, em seguida, “fora da sociedade”, ou ainda, no encarceramento.

Ainda sobre estas personagens, observamos o texto cultural como perpassado por dois momentos: o primeiro no qual tratamos da queda do Estado de bem-estar social; o segundo que se refere à emergência do Estado penal como forma de reorganização social, principalmente do “desemprego estrutural” provocado pelo esvaziamento dos investimentos em programas sociais e à contenção destes corpos pobres no encarceramento.

A natureza “delinquente” e “criminosa” no filme analisado diz respeito ao envolvimento dos jovens imigrantes pobres com o comércio das drogas químicas que estava em expansão nos Estados Unidos dos anos 80, bem como a política de Guerra às Drogas inaugurada pelo país para combater não só o tráfico de drogas, mas, sobretudo, imigrantes de países latino-americanos que eram responsabilizados por tais atos, materializando, assim, a ideia destes latinos como povos perniciosos, baderneiros, avessos ao trabalho e preguiçosos. Nesse sentido, a ideia de “um mundo de violência”, ou ainda, dos *bad boys* referem-se aos garotos maus que são os jovens imigrantes, vale ressaltar que tal ideia não comporta os jovens estadunidenses considerados verdadeiros cidadãos da nação. Portanto, este “mundo de violência” seria fruto apenas dos jovens imigrantes pobres e diz respeito às suas naturezas “delinquentes”. Todas estas imagens corroboram fortemente para a produção de subjetividades, por isso, a própria ideia naturalizada desde a mídia moderna de “jovens delinquentes” e como “problema social” foi desconstruída em prol de uma concepção sociologicamente construída (PAIS, 1990). Apontamos que estas noções alimentadas pelas mídias têm participado ativamente da construção de leituras sobre o mundo, assim estas representações têm desempenhado um papel fundamental no processo de educabilidade humana através de

imagens essencialistas que configuram as juventudes diversas como “problemas sociais” no mundo contemporâneo atribuindo a elas uma unicidade.

Também apontamos através dos questionamentos de Cecília Coimbra (*et. all*) que as imagens presentes em textos culturais, como o filme analisado nesta pesquisa, geralmente tem articulado há muito tempo pobreza e criminalidade, como se ambas fossem sinônimo, alimentando, assim, mais imagens de crianças e jovens pobres como perigosos que fomentam a necessidade da produção de normas mais rígidas contra estes corpos nos Estados Unidos, como fica evidenciado no filme analisado no que se refere à proposta de encarceramento dos jovens imigrantes pobres.

Os aspectos discutidos e problematizados acerca da sociedade estadunidense nos anos 1980 presentes nesta dissertação apresentam semelhanças com alguns discursos que têm se disseminados pela sociedade brasileira, materializando, assim, o que sugerimos como “capitalismo moral” (PETTER BEATTIE, 2015) exportado dos Estados Unidos para o Brasil sob a forma de intervir em decisões públicas coletivas. A partir disso, apontamos a título de conclusão como o cinema, bem como as imagens estáticas ou em movimentos, as propagandas, os jornais impressos ou televisivos, constroem representações que negociam sentidos, educam os olhares de seus receptores para discursos hegemônicos acerca da realidade, em outras palavras, “produz modos de existência” que são “modos hegemônicos de ser e existir no mundo”⁹², portanto, muito mais do que indicar o que pensar e sentir, mas, sobretudo, o que pensar e o que sentir acerca de pautas de interesses hegemônicos de determinados grupos sociais dos Estados Unidos⁹⁴, tal qual fica evidente no filme *Juventude em Fúria* (1983).

O contexto histórico e social reacionário que marcou profundamente os Estados Unidos, nos anos 80, atualmente voltou a ser pauta de discussões devido à eleição do presidente Donald Trump, do Partido Republicano, que tomou posse em 20 de janeiro de 2017. Semelhante ao contexto histórico estadunidense, no Brasil, atualmente, estamos sob o governo do vice-presidente, Michel Temer (Partido da Social Democracia Brasileira) após a destituição da presidenta eleita democraticamente, Dilma Vana Rousseff, pelo Partido dos Trabalhadores. Existe uma semelhança

⁹² Como apontado por Cecília Coimbra em suas pesquisas.

⁹⁴ No Brasil, as disputas pela posse do poder político, principalmente pela presidência, disseminaram no país um jogo de tensões entre grupos políticos e sociais diversos que operam relações de poder também nas arenas culturais ao alimentar perspectivas reacionárias sobre assuntos de interesse coletivo. Portanto, problematizar textos culturais também no Brasil se torna de fundamental relevância para compreendermos onde circulam discursos capazes de construir um mundo mais democrático em contraposição a estas práticas reacionárias.

entre estes dois políticos com relação à agenda colocada em prática nos anos 80. Para Trump, o combate a grupos sociais pobres, imigrantes, direitos das mulheres, entre outros; no Brasil, de Michel Temer, a criminalização dos movimentos sociais, do combate à pobreza e, principalmente, dos direitos humanos cada vez mais combatidos por este governo e pelos partidos políticos aliados, bem como a defesa às pautas conservadoras.

Para além do atual presidente, outros políticos vêm ocupando um papel central no processo de combate a grupos excluídos socialmente que apresentam pautas mais democráticas e progressistas para a população brasileira. A impressão que temos é que tal qual nos Estados Unidos, no Brasil inicia-se um projeto neoliberal e conservador de criminalização da pobreza e de grupos sociais pobres.

As disputas travadas no Brasil pelas eleições presidenciais, em 2015, foram perpassadas por discursos que ferem à dignidade de diversos grupos sociais, movimentos sociais e cidadãos brasileiros. Uma das mais provocantes fora quando Levy Fidelix, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) disse em resposta à Luciana Genro, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que “dois iguais não fazem filho” e que “aparelho excretor não reproduz” referindo-se aos grupos LGBTT’s do Brasil. Os ecos produzidos pelo discurso do conservador repercutiu de forma positiva entre os cidadãos reacionários e os defensores da “moral e dos bons costumes” possibilitando, assim, a outras pessoas não só externalizarem seus preconceitos, mas, sobretudo, passar a argumentar e agredir com maior violência corpos que destoam de identidades essencialistas devido a este discurso que fora reproduzido em grande intensidade nos mais diversos meios de comunicação.

Outro nome que fere os direitos conquistados historicamente por grupos sociais diversos é o também candidato à presidência, em 2015, Jair Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC-RJ). Em setembro de 2016, ocorreu em Brasília-DF, a sessão da Comissão Geral de Violência contra a Mulher, presidida pela deputada Maria do Rosário (PT-RS). Durante a fala de Ana Cláudia Macedo, representante do Coletivo Lésbico Coturno de Vênus, a militante repudiou e pediu a cassação do mandato de políticos que fizessem apologia ao estupro, os deputados Jair Bolsonaro (PSC-RJ) e Eduardo Bolsonaro (PSC-SP) reagiram, a sessão acabou em tensões de ambos os lados. Em 2014, Jair Bolsonaro, havia dito que não estupraria a deputada Maria do Rosário porque a mesma era feia, em uma sessão na qual a mesma denunciava crimes de tortura e a própria Ditadura Civil-Militar brasileira.

Outra questão que ainda é fortemente discutida e, ao mesmo tempo, combatida, no Brasil, neste contexto de políticas conservadoras são as discussões construídas sobre a categoria social – gênero. Em 2015, os municípios brasileiros foram convidados a votar em âmbito municipal a inserção da categoria – gênero – nos planos municipais de educação. As cidades brasileiras, principalmente as capitais foram marcadas por protestos no dia da votação que aconteceram em todas as cidades do país. Tal cenário tomou uma dimensão pública na qual grupos conservadores ligados às instituições religiosas e políticas fizeram discursos contra a inserção da categoria gênero nos planos municipais de educação, possibilitando, assim que poucas cidades conseguissem incluir o termo no documento. A repercussão nos mais diferentes veículos de comunicação foi gigantesca, a população, em geral, se posicionou contra a inserção do termo nos planos municipais de educação, bem como repudiaram as propostas de debates a favor.

O Brasil também está sendo marcado tal qual fora os Estados Unidos dos anos 80 pela ascensão de partidos políticos conservadores que defendem a família heteronormativa nuclear, bem como políticas neoliberais como forma de desregulamentar o mercado para o favorecimento de uma pequena minoria, a cassação de direitos trabalhistas para garantir maiores lucros ao mercado financeiro, reformas na previdência “idade mínima para aposentadorias”, privatizações e, principalmente, cortes de investimentos em programas sociais destinados às famílias mais pobres.

Outro exemplo de episódio que marcou a sociedade brasileira sendo colocado em constante evidência através da mídia, bem como a necessidade de a sociedade pensar uma maneira de solucionar o problema, diz respeito à recente “crise do sistema penitenciário”. Juntamente com a denúncia das fragilidades (principalmente, o fato das instituições carcerárias serem mantidas pelo Estado) do sistema penitenciário público brasileiro, também o discurso da corrupção, da facilitação e da cumplicidade das autoridades que administram estas “máquinas de morte” com relação aos presidiários. Tal discurso ao colocar em evidência, ao produzir esta realidade, possibilitou reacender a discussão de privatização dos presídios que são estatais, inclusive muito semelhante ao que acontecera nos Estados Unidos dos anos 80.

Ainda no contexto brasileiro, devemos destacar a forma como partidos políticos têm participado ativamente da consolidação de propostas políticas a partir de suas bases religiosas, matando, assim a possibilidade de avançarmos com pautas que, de acordo com eles, ferem os princípios cristãos. Mesmo estes partidos políticos defendendo discursos que são inconstitucionais porque ferem o princípio do Estado laico brasileiro, continuam promovendo pautas no cenário

político brasileiro. Tal movimento, muito parecido com o que aconteceu nos Estados Unidos com a Nova Direita Cristã, nos anos 80, para a qual, segundo Ariel Finguerut (2009) “caminhou *outsider* para uma das forças mais influentes do século XX”. Nesse contexto, as experiências históricas dos Estados Unidos podem servir como uma forma de construir possíveis reflexões sobre episódios políticos ocorridos no Brasil que já revelam uma virada conservadora de alguns partidos políticos de base religiosa e outros não.

Na mesma esteira de pensamento, Flávio Trovão; Alexandre Júnior (2016) apontam que as tensões entre grupos políticos diversos com pautas opostas no Brasil se iniciaram desde o final das eleições presidenciais de novembro de 2014 quando a mídia passou a noticiar muito frequentemente “dificuldades de composição do gabinete e os impasses de governabilidade da Presidente Dilma Rousseff, com ênfase para as disputas entre o legislativo e o executivo” (TROVÃO; JÚNIOR, 2016, p. 38). A partir disso, os autores apontam um olhar para alguns fatos da História dos Estados Unidos da América (EUA), ocorridos nos anos 80, durante o governo de Ronald Reagan, para problematizar o atual momento da sociedade brasileira. Segundo eles, nos anos 80, nos Estados Unidos, se discutia temas que se encontram na “ordem do dia” na sociedade brasileira “diminuição da maioria penal, casamento gay, definição jurídica do conceito de família, “estado mínimo”, redefinição de regras trabalhistas, endividamento das classes médias, formação de uma frente “evangélica” de ação política no parlamento” (Ibidem, p. 39). Mais do que as disputas que ocorrem através da proposição destas reformas políticas, elas também são representadas cotidianamente nos mais diversos meios de comunicação, operando discursos hegemônicos, com interesses dominantes.

No panorama dessas discussões sobre a cultura, há uma concepção bastante interessante, de inspiração pós-moderna, que tende a nos mostrar o mundo como um texto. Tudo aquilo a que a modernidade nos ensinou chamar de realidade não seria mais do que histórias, relatos que têm nos contado como as coisas são. Esses relatos, ao narrarem as coisas, criam as próprias coisas; eles inventam as realidades (COSTA, 2003, p. 01).

A mídia tem operado no Brasil educando as pessoas para se posicionarem contra ou favor de determinados assuntos tal qual o filme *Juventude em Fúria* (1983) ao construir representações dos jovens imigrantes como “problema social”, de recitar a necessidade de reformulação dos códigos penais para menores infratores, de privatização dos presídios, bem como do encarceramento para sujeitos pobres. Por isso, as imagens produzidas pelas mídias foram lidas e devem ser compreendidas enquanto “textos culturais” (VORRABER, 2003), que não

correspondem à realidade, que não correspondem ao real, textos que nos contam como as coisas são, mas que, ao narrarem a existência destas, produzem outra realidade que, às vezes, também as subvertem. Por isso, quem tem o poder de representar, também tem o de imprimir a sua visão sobre o corpo do outro, sobre a vida do outro, no geral, é assim que se operam as representações nas mídias diversas, um discurso sobre o outro.

Diante disso, estes textos culturais apresentam representações de imagens e sons que participam ativamente da construção da identidade dos sujeitos contemporâneos. Para Costa (2013) “a representação que vale, que é socialmente aceita, é aquela que é fabricada, inventada, pelos grupos que detêm mais poder, material ou simbólico (COSTA, 2013, p. 02). Portanto, reiteramos a partir deste estudo que “os estudos culturais estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder” (GIROUX, 2012, p. 83), como este trinômio operam relações de poder junto aos seus espectadores a partir de representação da realidade que não apenas representam, mas, sobretudo, engendram e subvertem a realidade.

Atualmente a eleição de Donald Trump (Partido Republicano) para a presidência dos Estados Unidos e a permanência de Michel Temer (PMDB) na presidência do Brasil pode ser compreendido como um momento muito delicado para a consolidação de políticas democráticas em ambos os países bem como para os grupos sociais pobres diversos, em especial, para as mulheres e homens pobres e negros de ambos os países. Parece que mais uma vez “o mundo de violência” voltará a operar como política legítima de Estado contra estes grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ADÃO, Kleber do Sacramento. Implicações pedagógicas da teoria do desenvolvimento humano de Stanley Hall. **R. min. Educ. Fis.**, Viçosa, 2(2): 9-15, 1994.

ALVES JR, Alexandre da Cruz. **“Interpretações da liberdade: o dissenso americano levado aos tribunais (1983-1988)”**. Tese. Niterói, UFF, 2015.

ALVES JR, Alexandre Guilherme da Cruz. TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Conservadores ontem e hoje: um olhar sobre os Estados Unidos dos anos 1980. In: VARES, Sidinei Ferreira de; POLLI, José Renato. **Democracia em tempos de conservadorismo**. Editora In House. Jundiaí, SP, 2016.

AZEVEDO, Cecília. **A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA**. Tempo, Rio de Janeiro, nº11, pp. 111-129, 2001. Disponível em <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg11-8.pdf> Acessado em 29/07/2016.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**. Vol. 2. São Paulo: Editora Senac, 2005.

CAMARGO, Marcia Helena Domingues. **Arte e política: a trajetória e o muralismo de Diego Rivera**. Disponível em: <www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/viewFile/4154/3655>. Acesso em 15/12/2016.

CHACON, Oscar. El caso de los Estados Unidos de America. UN/POP/EGM-MIG/2005/12.

COIMBRA, Cecília. **Operação Rio: o mito das classes perigosas**. Rio de Janeiro: Oficina do autor. Niterói: intertexto, 2001.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 7, n.1, p. 2-11, 2005.

COIMBRA, Cecília; NASCIMENTO, Maria L. **A produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa?** Disponível em: <<http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/aproducao.pdf>>

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.** Nº 23. Rio de Janeiro May/Aug. 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. A pedagogia da cultura e as crianças e jovens da nossa escola. A página da Educação. N.º 127, Ano 12, Outubro 2003, Página n.º 34. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=127&doc=9679&mid=2>> acesso em 20/06/2016.

CUNHA, Felipe Brum. **Imigração aos Estados Unidos da América: Análise histórica e tendências no início do século XXI.** Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2012.

CUNHA, Felipe Brum. **Imigração ilegal nos Estados Unidos: uma análise conjuntural a partir de uma perspectiva histórica.** Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2010.

DEDECCA, Claudio Salvadori. Desregulação e desemprego no capitalismo avançado. São Paulo em perspectiva, 10(1) 1996. Disponível em www.puro.uff.br/.../DEDECCA,%20CLAUDIO%20SALVADORI.%20DESREGULACAO. Acesso em 10/01/2016.

DEL OMO, Rosa. **A face oculta da droga.** Rio de Janeiro: Editora Revan, 1990.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS.** Porto Alegre. nº 9, dezembro 1998.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Anticomunismo, Guerra Fria e América Latina. **Revista de Artes e Humanidades**, 6, mai-out 2010.

FERREIRA, Emerson Benedito. Eleitos por Deus: o destino manifesto e o imaginário popular estadunidense do século XIX. **Conteúdo Jurídico**, Brasília-DF: 27 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.52307&seo=1>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

FERRO, Marc. O filme: uma contra análise da sociedade? In: NORA, Pierre (org.). **História: novos objetos.** R.J.: Francisco Alves, 1975.

FILHO, Marcelo Soares Bandeira de Mello. **A economia política do governo Reagan: Estado neoliberal, tributação e gasto público federal nos Estados Unidos da América entre 1981-1988.** Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

FINGUERUT, Ariel. Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos Estados Unidos.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FOUCAULT, Michel (1969). **A arqueologia do saber.** Petrópolis, Vozes, 1971.

GIORGI, Alessandro de. Neoliberalismo e controle penal na Europa e nos Estados Unidos: A caminho de uma democracia punitiva? **Veredas do direito.** Jul./dez. 2004.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 85-103.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n.2, jul./dez, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INDUSRKY, Freda. **Formação discursiva**: Ela ainda merece que lutemos por ela? Disponível em <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf> Acessado em 20/06/2016.

KARNAL, Leandro *et all*. **História dos Estados Unidos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001.

KILDUFF, Fernanda. O controle da pobreza operado através do sistema penal. **Rev. Katálisis**. Florianópolis. v. 13, n. 2, p. 240-249 jul./dez. 2010.

MATTOS, Fernando Augusto M. Lições do capitalismo organizado: o mercado de trabalho do Pós-Guerra nos países capitalistas centrais. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 122-147, 1997.

MINHOTO, Laurindo Dias. As prisões do mercado. **Rev. Lua**, n. 55-56, 2002.

NETO, Roberto Moll. Os neoconservadores e a construção da nação estadunidense nas narrativas acerca da crise na América Central nos anos de 1980. **Anais do XI Encontro Nacional da ANPHLAC 2014** – Niterói – Rio de Janeiro. ISBN: 978-85-66056-01-3.

_____. **Reaganation**: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988). 2010. 265f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. 2010.

_____. **Imaginando o “outro” e a nação nas relações internacionais**: Commentary Magazine, The New Republic e o intervencionismo dos Estados Unidos na Nicarágua e El Salvador (1977-1992). 2015. 275f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PUC-SP, UNESP e UNICAMP). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, São Paulo. 2015

_____. A imigração latino-americana e as narrativas neoconservadoras nos Estados Unidos de Ronald Reagan (1981-1988). **Anais eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC**. São Paulo, 2012.

NGAI, Mae. **A estranha carreira do imigrante ilegal**: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965." *Tempo* 13.25 (2008): 5-36.

NOVA, Cristiane. O Cinema e o conhecimento da História. In: **Olho da História**, n.º3, 2003. Disponível em: < www.ufba.br/~revistao/03_cris.html > acesso em 10 maio. 2016.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), 139-165.

PÀMPOLS, Carlos Feixa. A construção histórica da juventude. In: (org). CACCIA-BAVA, Augusto; PÀMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles. **Jovens na América Latina**. [tradução Augusto Caccia-Bava]. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes – conceitos e metodologias. **VI Congresso SOPCOM**, Abril de 2009.

PESSOA, Carlos Eduardo Queiroz; PESSOA, Ildry Souza Ramos Queiroz; FERRAZ, Adilson Silva. Redução da maioridade penal no Brasil: a construção simbólica da criminalidade pela mídia. **RIDB**, Ano 2 (2013), nº 14. 17389-17420 / <http://www.idb-fdul.com/> ISSN: 2182-7567

RACHADEL, Matheus Bernardes; CARAVACA-MOREIRA, Jaime Alonso; DRI, Clarissa Franzoi. Internacionalização do sistema interamericano de combate às drogas: iniciativas e progressos. **Revista eletrônica dos pós-graduando em Sociologia Política da UFSC**. Em Tese, Florianópolis, v. 10, n. 2, jul./dez., 2013. ISSN: 1806-5023.

RODRIGUES, Rafael. **Punitivismo e redução da maioridade penal**. Disponível em < <http://rafaelleitte.jusbrasil.com.br/artigos/203748661/punitivismo-e-a-reducao-da-maioridade-penal>>. Acesso em 05/01/2017.

RODRIGUEZ, Miguel Angel Schmitt. **Cinema clássico americano e produção de subjetividades**: o cigarro em casa. 113f. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, Florianópolis.

ROSA, Pablo Ornelas. Políticas criminais de drogas e globalização econômica. Sociologia e Política. I Seminário Nacional de Sociologia & Política. **Sociedade e política em tempos de incerteza**. Universidade Federal do Paraná. ISSN: 2175-6880. Disponível em < <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-NLINE/GT4/EixoIII/politicas-criminais-drogas-Pablo-Ornelas-Rosa.pdf>> Acessado em 20/05/2016.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. ISSN 0104-026X, Florianópolis, Brasil.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martín. As Gangues e a Imprensa Nacional: A produção de um mito nacional. In: (org.). FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília; CARRANO, Paulo (*et. all*). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. (Coleção Educação para Todos; 16).

SANTOS, José Rodrigues. A propósito das noções de “problema social” e “problema sociológico”. Universidade de Évora, Departamento de sociologia, CIDEHUS. Texto publicado em: Colectivo 2000. **Homenagem ao Professor Augusto da Silva**. Évora, Universidade de Évora: 417-441.

SANTOS, Theotonio dos. O neoliberalismo como doutrina econômica. **Revista Econômica**. V.1. N.1. Disponível em < <http://www.uff.br/revistaeconomica/v1n1/theotonio>>. Acessado em 27/05/2016.

SARDELICH, Maria Emília. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: Como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX; tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SAXE-FERNÁNDEZ, John. Os fundamentos da “direitização” nos Estados Unidos. In: CUEVA, Augustin (Coor.). **Tempos Conservadores**. São Paulo: Hucitec, 1989, p. 65-79.

SEIBEL, Erni J. O declínio do *Welfare State* e a emergência do estado penal: Tempos de um novo puritanismo? **Revista Civitas**, v. 5, n. 1, jan/jun, 2005, p. 93-107.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da Silva. **Uma nação com alma de igreja**: religiosidades e políticas públicas nos EUA. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SILVA, João Carlos Jarochinski. A história das políticas migratórias dos Estados Unidos. **Textos&Debates**, Boa Vista, n. 20, p. 7-21, jan/jun. 2013.

SILVA, Thais França da. Teias invisíveis – controlando a imigração através de mecanismos econômicos. Comunicação apresentada a: “**Access Denied – International Conference on Social Protection and Migrations**” Vrije Universiteit Amsterdam, Netherlands, 13-14, March, 2012.

TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. **O exército inútil de Robert Altman**. Cinema e Política. São Paulo: Anadarco, 2010.

VICENTE, MM. História e comunicação na ordem internacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2009. 214 p. ISBN 978-85-98605-96-8.

WACQUANT, Lôic. A cor da justiça: quando gueto e prisão se encontram e se mesclam. In: LINS, Daniel; WACQUANT, Lôic (orgs). **Repensar os Estados Unidos**: Por uma sociologia do superpoder. Tradução Rachel Gutiérrez. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Punir os Pobres**: A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Renavan, 2007.

_____. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **As Prisões da Miséria**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001. 174 páginas.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi, Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 15. ed. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 53-132.

CRÍTICAS CINEMATográfICAS

EBERT, Roger. Bad Boys. **Roger Ebert.com**. Chicago, 25 março, 1983. Disponível em:< <http://www.rogerebert.com/reviews/bad-boys-1983>>. Acesso em: 12/05/2016

MASLIN, Janet. “Bad Boys” in Jail. **New York Times**, New York, March 25, 1983. Disponível em:< <http://www.nytimes.com/movie/review?res=9F06E0D81138F936A15750C0A965948260>>. Acesso em: 12/05/2016.